

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Curso de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

UM MUNDO DE SAUDADES:
memórias em cartas do artista Leopoldo Gotuzzo

HELENA SANTOS SCHWONKE

Pelotas, 2020

Helena Santos Schwonke

UM MUNDO DE SAUDADES:

memórias em cartas do artista Leopoldo Gotuzzo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientadora: Professora Doutora Carla Rodrigues Gastaud

Pelotas

2020

Universidade Federal de Pelotas /
Sistema de Bibliotecas Catalogação na Publicação

S398m Schwonke, Helena Santos

Um mundo de saudades : memórias em cartas do artista Leopoldo Gotuzzo / Helena Santos Schwonke ; Carla Rodrigues Gastaud, orientadora. — Pelotas, 2020. Sch112 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

1. Leopoldo Gotuzzo. 2. Cartas. 3. Memórias. 4. Escrita epistolar. I. Gastaud, Carla Rodrigues, orient. II. Título.

CDD : 363.69

Helena Santos Schwonke

UM MUNDO DE SAUDADES:

memórias em cartas do artista Leopoldo Gotuzzo

Dissertação aprovada, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 19/10/2020

Banca examinadora:

.....
Prof.^a Dr.^a Carla Rodrigues Gastaud (Orientadora)

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

.....
Prof.^a Dr.^a Eliane Teresinha Peres

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais

.....
Prof. Dr. Daniel Maurício Viana de Souza

Doutor Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

À minha mãe.

Minha maior incentivadora e minha grande inspiração.

Agradecimentos

À minha orientadora, por me acolher desde o início quando tudo ainda era uma vaga e distante ideia. Por apostar em mim mesmo com tantos descaminhos e obstáculos que pareciam tão difíceis serem contornados e conciliados com a pesquisa.

À minha mãe, por me ceder as cartas para a pesquisa, me instigar a embarcar nesta aventura (e em tantas outras), pela co-orientação extra-oficial e por me fazer querer ir sempre além.

Ao meu marido, meu parceiro de vida, ao meu lado desde o início dessa trajetória e certamente me apoiando nas próximas que eu inventar. Obrigada por tanto.

À minha filha, minha maior e mais bonita aventura, que me permitiu terminar o trabalho antes de vir ao mundo. Obrigada por esperar.

*O passado não reconhece
seu lugar: está sempre presente.*

Mário Quintana

Resumo

SCHWONKE, Helena Santos. Um mundo de saudades: memórias em cartas do artista Leopoldo Gotuzzo. Orientadora: Professora Doutora Carla Rodrigues Gastaud. 2020. 113 f. Dissertação–Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

O objetivo desta pesquisa é realizar uma busca por fragmentos das memórias de Leopoldo Gotuzzo, através de 54 cartas escritas pelo artista e enviadas à prima Déa Agrifóglio, no período compreendido entre 1919 e 1976. As cartas apresentam vestígios de experiências individuais da vida pessoal e artística, além de exporem o contexto social e cultural em que o artista estava inserido, revelam hábitos, costumes e os bastidores de sua trajetória, além de ser possível identificar um perfil biográfico de Leopoldo Gotuzzo.

Palavras chave: Leopoldo Gotuzzo, cartas, memórias, escrita epistolar.

Abstract

SCHWONKE, Helena Santos. A world of longing: memories in letters by the artist Leopoldo Gotuzzo. Advisor: Professor Dr. Carla Rodrigues Gastaud. 2020. 113 f. Master's Thesis, Postgraduate Program in Social Memory and Cultural Heritage, Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2020.

The objective of this research is to search for fragments of Leopoldo Gotuzzo's memories, through 54 letters written by the artist and sent to his cousin Déa Agrifóglio, between 1919 and 1976. The letters present traces of individual experiences in personal and artistic life, in addition to exposing the social and cultural context in which the artist was inserted, learning about habits, customs and understanding the background of his trajectory, besides being possible to identify a biographical profile of Leopoldo Gotuzzo.

Keywords: Leopoldo Gotuzzo, letters, memories, epistolary writing.

Lista de Figuras

Figura 1 Fotografia - cartas do conjunto Gotuzzo-Agrifóglio.....	19
Figura 2 Verso do envelope da Carta 14.....	25
Figura 3 Frente do envelope da Carta 27.....	25
Figura 4 Verso do envelope da Carta 3.....	26
Figura 5 Fotografia - fachada da casa de Gotuzzo.....	27
Figura 6 Excerto de Carta 35.....	28
Figura 7 Fotografia - O comprador da casa de Gotuzzo e família	29
Figura 8 Autorretrato de Gotuzzo.....	29
Figura 09 Cartão Postal de Pelotas.....	30
Figura 10 Fotografia - Fachada do Hotel Aliança	31
Figura 11 Fotografia - Atelier do Professor Joseph Noel.....	31
Figura 12 Mapa com as cidades onde Leopoldo Gotuzzo viveu.....	32
Figura 13 Árvore genealógica da família Gotuzzo.....	33
Figura 14 Recorte da árvore Genealógica da família de Gotuzzo.....	36
Figura 15 Postal com fotografia de Zaira.....	36
Figura 16 Fotografia de Dora Gotuzzo.....	37
Figura 17 Excerto da Carta 28.....	38
Figura 18 Frente da Carta 21	39
Figura 19 Verso da Carta 21	39
Figura 20 Excerto da Carta 29.....	39
Figura 21 Pintura de Zaira.....	40
Figura 22 Pintura de Dora.....	40
Figura 23 Fotografia de página do livro da Santa Casa.....	42
Figura 24 Caderneta de anotações de Leopoldo Gotuzzo.....	48
Figura 25 Listagem com nome das obras e respectivos compradores...	69
Figura 26 Obra as uvas dos meus oitenta anos.....	70
Figura 27 Obra s/ título - Desenho sob papel	72
Figura 28 Obra s/ título - Grafite sob papel.....	72

Figura 29 Obra s/ título – Óleo sobre tela.....	73
Figura 30 Desenho de uma rosa, carta comemorativa.....	77
Figura 31 Desenho de uma mulher de perfil.....	77
Figura 32 Desenho de uma mulher de perfil.....	77
Figura 33 Detalhe de uma marca no canto inferior esquerdo	78
Figura 35 Fotografia – Gotuzzo em Roma.....	81
Figura 36 Excerto de carta.....	82
Figura 37 Excerto de carta.....	83
Figura 38 Jardim interno do Hotel Aliança.....	84

Lista de Tabelas

Tabela 1 Frequência das cartas do Conjunto Gotuzzo Agrifóglia.....	21
Tabela 2 Classificação das cartas quanto à ordem de envio e assunto.....	22
Tabela 3 Saudações e fechos.....	22
Tabela 4 Características técnicas.....	23
Tabela 5 Cartas do acervo do MALG.....	56
Tabela 6 “Eus” de Gotuzzo.....	64

Sumário

1. Introdução	14
2. <i>Corpus</i> documental: O conjunto Gotuzzo-Agrifoglio.....	19
2.1 Os envelopes.....	24
3. Os interlocutores.....	31
3.1 O remetente: Leopoldo Gotuzzo.....	28
3.2 A destinatária: Déa Agrifóglio, a Florzinha.....	32
3.3 Outros personagens.....	35
4. Escrita epistolar.....	47
4.1 Escrever para comunicar	47
4.2 Guardar para imortalizar.....	55
5. Os registros dos 'eus' de Gotuzzo.....	62
5.1 Eu social.....	63
5.2 Eu cultural.....	65
5.3 Eu artista	68
5.4 Eu saudoso.....	78
6. Considerações Finais.....	86
Referências.....	88
Apêndices.....	92
Anexo.....	106

1. Introdução

A presente pesquisa tem por tema memórias e escrita epistolar, mais especificamente, memórias buscadas em um conjunto de 54 cartas escritas por Leopoldo Gotuzzo, remetidas à sua prima, Déa Agrifóglio, entre 1919 e 1976. As cartas compõem um *corpus* documental com mais de 60 itens, constituído por correspondências, postais, recortes de jornais e fotografias. Os documentos integram uma coleção particular que futuramente será doada para o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, da Universidade Federal de Pelotas (MALG/UFPel).

Esse conjunto documental chegou às minhas mãos de modo inesperado. Foi durante uma entrevista com Magda Telles de Freitas, uma senhora de 90 anos, filha de Déa, a quem Gotuzzo enviou as cartas. Eu acompanhava o encontro entre uma pesquisadora¹ e esta depoente, auxiliando na gravação dos depoimentos e no registro de imagens. Após algumas horas de conversa e um delicioso café da tarde oferecido pela anfitriã, sentamos à sala. Magda chamou seu neto Rafael e ao pé do ouvido, sussurrou algo que o fez sair em direção aos aposentos da casa. Quando ele voltou, surpresa e deslumbramento: um conjunto de cartas escritas por Leopoldo Gotuzzo, conservadas, quase todas em seus envelopes originais.

Magda guardou esse conjunto por décadas e, em um primeiro momento, emprestou o material à pesquisadora, que deveria ler, analisar e devolver. Isso mudou com a continuidade dos encontros, quando ela entendeu o valor do conjunto para aquela pesquisa e para outras que poderiam surgir, bem como para o Museu de Arte da UFPel, que tem o parente ilustre como patrono. Magda decidiu então que o empréstimo se tornaria uma doação, temporariamente sob a guarda da pesquisadora, que assumiu o compromisso de repassar o conjunto ao MALG quando concluídos os estudos.

É bastante comum quando uma pessoa morre, que familiares venham a herdar roupas, móveis, objetos e documentos pessoais, como livros, fotografias e cartas. Muitas vezes esses materiais são descartados pelos herdeiros, seja por

¹ Entrevista realizada em 15 de julho de 2016 - a pesquisadora é minha mãe, Raquel Santos Schwonke, sua tese de doutorado intitulada Leopoldo Gotuzzo e a constituição do MALG (1887-1986) foi defendida em maio de 2018, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPel.

falta de espaço ou por não encontrar razão para guardar coisas que tinham significado apenas para o próprio dono. A coleção de cartas que serve de objeto de estudo para este trabalho por pouco fugiu à regra.

Por estar em uma idade avançada, é possível que Magda tenha refletido sobre o que seria feito com este material após sua morte. Ao refletir sobre quem pertence uma carta, Vasconcellos (2008, p. 381), afirma que ela pertence ao destinatário, cabendo a ele decidir qual o destino do documento: “ler e destruir ou guardar, deixando-as para a posteridade, delegando aos herdeiros a defesa da reputação do morto”. Nesse sentido pode-se supor que Magda tenha imaginado que as correspondências seriam descartadas por seus familiares e por esse motivo tenha optado por encaminhá-las a alguém que, naquele momento, se mostrava interessada pelo conjunto, de alguma forma ressignificava a coleção e quem sabe poderia oferecer um destino mais adequado para ela.

Contudo, a pesquisa que estava sendo desenvolvida sobre Leopoldo Gotuzzo e a constituição do MALG já estava em fase de finalização. E, apesar do desejo e da curiosidade da pesquisadora, as cartas não eram o foco de sua tese de doutorado. Foi então que entrei nesta história. Eu estava lá no exato instante em que as cartas foram reveladas. Naquela ocasião, como disse, ajudava nos registros da entrevista e fui conquistada por aquele acervo. Em um primeiro momento, auxiliei na digitalização do material e transcrição das cartas e o encantamento só aumentou. Foi quando decidi que em minha dissertação (que ainda era apenas uma ideia) usaria esse *corpus* documental.

Ao explorar a fundo a coleção Gotuzzo-Agrifóglio² revelou-se como uma fascinante cápsula do tempo, com relatos de várias décadas onde é possível perceber costumes da época, eventos sociais e culturais que aconteciam no Rio de Janeiro, além acontecimentos históricos.

O conjunto mostrava-se não apenas curioso como ainda raro e, de certo modo, precioso, uma vez que abrange considerável período temporal (1919-1976). Ali estão décadas de registros pessoais e envolvem uma história de relação entre primos, onde é possível perceber que o carinho entre aqueles

² De agora em diante passo a chamar o conjunto de cartas de coleção Gotuzzo-Agrifóglio.

parentes era recíproco, e, sobretudo, obter informações ainda desconhecidas da vida pessoal de Leopoldo Gotuzzo. A partir dessa transmissão patrimonial, mais uma vez de mãe para filha, primeiramente de Déa para Magda, e da minha mãe para mim, o conjunto foi, mais uma vez, ressignificado.

Desde então, essa coleção é objeto de inquietação para sua atual guardiã, ciente de seu valor como fonte de conhecimento. Com o interesse pelo tema, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel e defini como objeto de estudo a correspondência de Leopoldo Gotuzzo para Déa Agrifóglio.

O foco da pesquisa levou algum tempo para ser formulado nos termos escolhidos para a presente dissertação. Inicialmente foi realizada uma leitura minuciosa, a fim de que se pudesse aprofundar os temas propostos. Na medida em que toda coleção vinha sendo objeto de leitura e de reflexão, foi fácil perceber que as cartas revelavam além da vida social e profissional de Gotuzzo, uma linha linear que traduz a trajetória do artista.

Pode-se afirmar que as cartas são registros de uma experiência individual, e através dela se são extraídos dados que informam, além de sentimentos pessoais, características sociais e culturais comuns à época em que elas foram escritas.

Ao escrever para Déa, ou Florzinha, como a chamava, Gotuzzo é sujeito e é objeto da própria narrativa. Registra olhares e perspectivas não apenas sobre sua vida pessoal e artística, mas também sobre tudo o que acontecia à sua volta. O que se busca com este trabalho é analisar as cartas com olhos de encontrar nelas fragmentos de um universo particular que se prende à memória do artista. Se for levado em conta que ele esteve toda a sua vida envolvida com a arte, frequentando eventos culturais e que expunha isso em sua escrita, pode-se dizer que as cartas se revelam como registros dessa memória. Na medida em que a narrativa se prende a um contexto histórico de onde se extraem esses registros, pode-se perceber a passagem do tempo de forma gradativa.

GOMES (2004, p. 21) traduz meu sentimento quando afirma que “trabalhar com cartas é algo fácil e agradável, e, ao mesmo tempo, muito difícil e complexo”. No caminho surgiram muitas dúvidas: Cartas podem servir de fonte

para construção de memória social? Qual sua importância para o universo acadêmico? É possível construir um trabalho a partir das informações encontradas nas cartas? Enfim, era preciso justificar, encontrar razões que pudessem fazer com que documentos de caráter privado servissem de objeto para uma dissertação de mestrado, projetando seu interesse para muito além do interesse pessoal da autora e das relações entre o remetente e a destinatária.

De acordo com Moraes (2007, p. 30), a correspondência de escritores, artistas plásticos, músicos e intelectuais pode ser estudada por três grandes perspectivas. A primeira delas, consiste em “recuperar na carta a expressão testemunhal que define um perfil biográfico” porque, segundo Moraes, “confidências e impressões espalhadas pela correspondência de um artista, contam a trajetória de uma vida, delineando uma psicologia singular que ajudam a compreender os meandros de sua criação”. A segunda perspectiva permite “apreender a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período”, para o autor, esses diálogos contribuem para que se possa compreender o contexto. E por fim, a terceira possibilidade é a que

vê o gênero epistolar como ‘arquivo de criação’, espaço onde se encontram fixadas a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra artística, desde o embrião do projeto até o debate sobre a recepção crítica favorecendo a sua eventual reelaboração (Moraes 2007, p. 30).

A partir dessa concepção de Moraes, sobre as possibilidades de estudo das cartas, foi possível dar uma direção para o trabalho e estabelecer os alicerces desta pesquisa. De uma forma ampla, as três perspectivas podem ser atendidas. Como objetivos, pretende-se investigar o contexto social e cultural, além dos bastidores da vida do artista, abordar o gênero epistolar como garantia de memória e por fim, reconhecer um perfil biográfico de Leopoldo Gotuzzo. Também foi importante buscar no MALG outras fontes para dialogar com este trabalho. Algumas cartas, obras de arte, documentos e fotografias do acervo complementam a análise.

Contribui para justificar a pesquisa o ineditismo, neste caso o conjunto particular ainda não exposto e o conteúdo singular destas cartas, que ultrapassa várias décadas, além de remeter à vida profissional do artista Leopoldo Gotuzzo

através de sua escrita, que pode contribuir para o MALG, museu dedicado ao artista, a contar esta trajetória e ainda servir de base para futuras pesquisas.

Quanto ao referencial teórico e metodológico utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, foram usados autores que tratam de memória social, análise e estudo de cartas, seleção e arquivamento, rastros de memória, memória e sociedade, entre eles Candau (2012), Halbwachs (2006) Dauphin e Pouban (2002), Bosi (1995), Pesavento (2012), Artières (1998), Ricoeur (2010), entre outros autores.

Para ordenação do texto da pesquisa, optou-se pela divisão em 5 capítulos. O primeiro capítulo são considerações iniciais, o segundo aborda o corpus documental em si, expondo o conteúdo do conjunto de cartas, frequência e temas tratados, além de uma análise dos envelopes. No terceiro capítulo são conhecidos os interlocutores, tanto remetente quanto destinatária, além de outros personagens envolvidos e citados nos documentos. O quarto capítulo inicia com o surgimento da escrita epistolar e é dividido em duas partes: escrever e guardar. Por fim, o quinto e último capítulo se refere aos “eus” de Gotuzzo, dividido por temas propostos nas cartas para aprofundar sob a perspectiva da personalidade do artista.

2. Corpus documental

Galvão (1998) é preciso ao afirmar que se chega até as cartas, enquanto tarefa de pesquisa, praticamente por acaso, mas que logo essa relação é transformada em algo além.

E um acaso que logo se metamorfoseia em necessidade. Ao interesse, digamos, malsão, pela *petite histoire*, ou seja, pela bisbilhotice, pelo diz-que-diz-que, pelo avesso da obra e de seu autor, vem somar-se o prazer dúbio do voyeur, este sim indubitável. Observa-se que o resgate da epistolografia costuma ser, menos que uma especialidade, uma decorrência de outro trabalho (Galvão, 1998, p. 62).

Dauphin e Pouban (2002, p. 79) reafirmam essa ideia, ao declarar que o achado de uma carta “incita sempre a contar: a história de sua descoberta, a história dos que escreveram, a história dos acontecimentos que evoca. O atrativo está no suspense, na decifração dos enigmas” (DAUPHIN e POUBLAN, 2002, p. 79). De fato, essa dupla, formada pelo acaso e pela necessidade, me trouxe até aqui e as cartas compõe o meu objeto de pesquisa.

Figura 1 - Fotografia das cartas do conjunto Gotuzzo-Agrifóglio.



Fonte: Raquel Schwonke.

O *corpus* documental deste trabalho é formado por 54 cartas escritas por Leopoldo Gotuzzo, no Rio de Janeiro e endereçadas à prima, Déa Agrifóglio³, em Porto Alegre, em um período que abrange 57 anos, sendo a primeira carta datada de 1919 e a última de 1976. Este conjunto encontra-se sob meu domínio. Além destas, também integram o conjunto Gotuzzo-Agrifóglio algumas fotografias, recortes de jornal e mais 11 cartas escritas pelas irmãs de Gotuzzo, Zaira e Dora, porém estas últimas, apesar de comporem a coleção, não entram no recorte de documentos pesquisados, por não terem sido escritas por Gotuzzo e/ou não possuírem informações relevantes para a pesquisa.

As escritas de Gotuzzo à sua prima nos deixam curiosidades sobre o passado recente da nossa sociedade e nos oferecem indícios para compreender questões pessoais da vida do artista, sobretudo, as informações contidas nas

³ Destas 54 cartas, quatro delas foram escritas por Gotuzzo, porém destinadas a outras pessoas, mas também integram o conjunto. São as cartas 1, 8, 9, 17 e 22, enviadas respectivamente para Manlio (irmão de Déa), José (irmão de Déa), Angelina (mãe de Déa), Balleta (irmão de Déa) e novamente José.

cartas devem ser tratadas com cautela, como recomenda Chartier (2004, p.24): “Tenho sempre uma certa prudência com questões pessoais. Acho que, quando a gente fala de si, constrói algo impossível de ser sincero, uma representação de si para os que vão ler ou para si mesmos”.

O fato dessas cartas encontrarem-se sob meu domínio, possibilita uma análise mais ampla de sua materialidade original. Assim, elementos como a tipologia do papel, a cor da caneta utilizada, as informações nos envelopes e outros aspectos originais também podem ser examinados. Esses aspectos, de acordo com Gomes (2004), são importantes para classificar os documentos e a relação existente entre remetente e destinatário.

A linguagem, o vocabulário e também as marcas materiais (cor do papel, desenhos, inscrições) que uma carta pode conter sinalizam para a afetividade e a proximidade física da relação que está em jogo. Uma relação – de amizade, de amor, de trabalho – que pode ser percebida pelas transformações ocorridas na forma de tratamento e despedidas, bem como pelo próprio volume das cartas (GOMES, 2004, p. 21)

A partir dessa afirmação, para efeito de análise e citação, foram elaborados diversos quadros classificatórios onde as cartas foram organizadas. O primeiro quadro remete a frequência das cartas enviadas (Tabela 1).

Tabela 1 – Frequência das cartas do conjunto Gotuzzo-Agrifóglia

Mês/ Ano	s/d	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
1919							X		X				
1920		X				X				X			
1921- 1948	Intervalo												
1949										X			
1950										X			
1951											X		
1952		X											
1953													X
1954		X											X
1955												X	
1956										X			
1957										X			X
1958													X
1959	X					X							
1960													
1961													
1962		X								X			
1963		X			X					X			X

1964										X			
1965										X			X
1966													X
1967				X						X			
1968										X			X
1969										X	X	X	
1970		X			X	X			X				
1971										X			
1972				X						X			
1973		X			X				X	X			
1974							X			X			
1975													
1976										X			

Fonte: A autora.

Em média cada ano possui duas ou três cartas, no entanto é provável que tenham sido enviadas outras que não estão neste conjunto, pois analisando o conteúdo, quando existe um tempo maior entre um envio e outro, Gotuzzo sempre se refere sobre o período sem escrever. Existe um grande intervalo, entre 1921 e 1948, que não se tem nenhum documento, provavelmente foram perdidas ou simplesmente descartadas, isso fica evidente ao analisar a primeira carta após este intervalo. Não existe nenhuma referência que indique a falta de envios. Percebe-se que setembro é o mês com o maior número de envios, por ocasião do aniversário de Déa, ou talvez o maior número de cartas guardadas por este motivo.

Após essa classificação, onde pode ser evidenciado períodos de correspondência mais e menos intensivas, cada carta uma recebeu um número, conforme a ordem de envio, e serão assim referidas ao longo do trabalho. Além disso, na mesma tabela foi elencado uma breve descrição do assunto tratado, conforme trecho abaixo. A tabela completa está no Apêndice A.

Tabela 2 – Trecho do Apêndice A – Classificação das cartas quanto à ordem de envio e breve descrição do assunto tratado

Nº da corresp.	Data	Breve descrição do assunto
01	1919 s/d	Condolências, morte de Angelina
02	1919 s/d	Falta da Magda
03	21/06/1919	Viagem de volta de Porto Alegre para Pelotas
04	03/08/1919	Recorde de vendas de obras em exposição

05	06/01/1920	Votos de renovação de ano novo
06	05/05/1920	Justifica o longo período sem escrever
07	08/09/1920	Nova exposição, boa crítica e visitação, venda inferior a última

Fonte: A autora.

Em um terceiro momento foram classificadas quanto à saudações e fechos (apêndice B), conforme modelo de Gastaud (2009). Não há muitas variações nesse sentido. Gotuzzo sempre inicia com uma saudação que varia entre Flôrsinha, Cara Flôrsinha ou Querida Flôrsinha.

Tabela 3 – Trecho do Apêndice B – Saudações e fechos

Nº	Vocativo	Fecho
30	Cara Flôrsinha	Recebe com teu bello jardim, Balletta e José nosso grande abraço e minha saudade. Leopoldo. Lembranças para Elvira e todos os seus.
31	Cara Flôrsinha	Saudades, Leopoldo. Gostei muito de vêr Emilia quando visitou minha exposição. Temos acompanhado com imensa pena o que tem acontecido em nosso Estado, com P. Alegre tão castigada.

Fonte: A autora.

A despedida geralmente vai além de uma simples assinatura. Nota-se que nas primeiras cartas ele é breve, escreve “Teu amigo, Leopoldo” e com o passar dos anos, passa a escrever “Saudades”, “Grande abraço com saudades”, uma indicação do sentimento que tinha, devido à distância que os separava.

Apesar de não usar a sigla “P.S”⁴, Gotuzzo com frequência utiliza esse recurso. Ele escreve mais alguma mensagem de carinho ou informação que foi lembrada apenas no final da carta, como nas cartas 30 e 31.

Ainda quanto à classificação do conjunto, cada carta foi analisada quanto a características técnicas (Apêndice C). Foram verificados o tamanho e o tipo de

⁴ Sigla em latim para post scriptum, que significa “escrito depois”. Esta sigla é usada com o intuito de adicionar informações que tenham sido esquecidas de serem mencionadas no corpo do texto. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Post_scriptum. Acesso em: 14/08/2020.

papel, a cor da tinta da caneta e a mais alguma informação julgada importante. Pode-se observar que maior parte das cartas são escritas em papel⁵ branco, sem linhas e sem pautas. A utilização do espaço na folha é plena de escritas na horizontal, com canetas com tinta preta ou azul. Algumas vezes por falta de espaço, escreve em diagonal ou outro sentido, para dar espaço à mais alguma informação.

Tabela 4 – Trecho do Apêndice C – Características técnicas das cartas

N	Tipologia, dimensões e outros	Observação
01	Documento sem data, com assinatura, manuscrita a tinta preta, sobre papel branco, tamanho 25 x 20 cm, escrita dos lados	Grafado no papel “Aerograma”
02	Documento sem data e sem assinatura, manuscrita à lápis, sobre papel, tamanho 25 x 13 cm, escrita nos dois lados	Lápis apagado, difícil compreensão da grafia.
03	Documento com data e com assinatura, manuscrita a tinta preta, sobre papel, tamanho 20 x 25 cm, com uma folha, escrita dos dois lados	
04	Documento com data e com assinatura, manuscrita a tinta preta, sobre papel, tamanho 20 x 25 cm, com uma folha, escrita dos dois lados	Rasgado ao meio

Fonte: A autora.

Por fim, foi feita uma tabela onde foram classificados os envelopes quanto à dimensão e demais informações técnicas, conforme Apêndice D. Alguns dados com informações relevantes foram encontrados nestes documentos e serão referidos ao longo do trabalho.

2.1 Os envelopes

A maior parte das cartas do conjunto possuem o envelope original. São 29 envelopes do total de 54 cartas. Esse é um fato relevante na medida em que podem ser extraídas algumas informações destes documentos.

Pode-se verificar que os envelopes são em maioria brancos padronizados com as bordas com cores do Brasil (24) e os outros (5) em branco sem detalhes.

⁵ Neste período todos os papéis de escrita são industrializados, fabricados com polpa de madeira. Fonte: MUÑOZ VIÑAS, Salvador (2010). (MUÑOZ VIÑAS, 2010).

Todos eles contêm o nome completo da destinatária, com detalhe preciso também do endereço. Em apenas uma carta Gotuzzo assina no verso, na parte do remetente. Em todas as demais ele apenas coloca seu endereço.

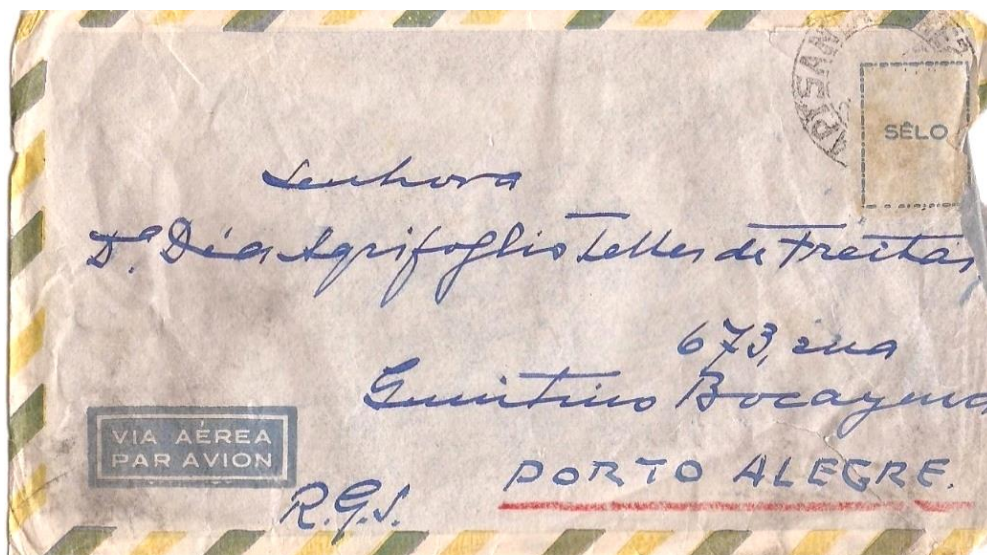
Quanto aos selos, são usados os convencionais dos Correios do Brasil. Alguns de ilustres personagens brasileiros, como Campos Salles, Rui Barbosa, Jose Bonifácio e outros figuram nos envelopes. Porém a maior parte dos envelopes está sem selo, eles foram retirados do papel, descolados com cuidado, talvez para serem reutilizados por Déa, ou ainda por alguém da família que fazia coleção, que era um hábito comum à época.

Figura 2 - Verso do envelope, apenas o endereço do remetente.



Fonte: Envelope de Carta 14, de 1953 – Conjunto Gotuzzo-Agrifóglio.

Figura 3 - Envelope padrão enviado por Gotuzzo. A maior parte dos selos foi retirado.



Fonte: Envelope da carta de 27, de 1963 - Conjunto Gotuzzo-Agrifóglio.

Os selos também não passavam despercebidos por Gotuzzo e foram assuntos de algumas cartas enviadas, como uma de 1967 em que comenta o mau gosto dos selos brasileiros e elogia uma série especial de selos italianos.

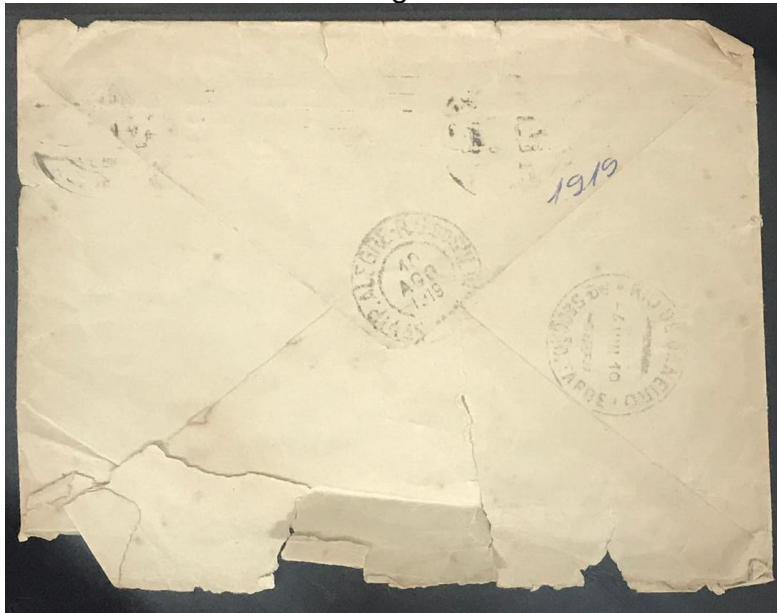
Aqui vai sellando esta carta mais um desses horríveis sellos cujo mau gosto já deve ser mais que conhecido dos filatelistas. E as emissões se sucedem a propósito de tudo e até sem propósito. A Italia fez uma linda emissão que, deves conhecer, inspirada nas pinturas da Capella Sistina. E nós que temos tantos passaros de bellas cores e flores, e paisagens, fazem estas porcarias... É vontade de mostrar mau gosto. (Carta 34, de 12 de março de 1967).

Mais tarde, em 1973, o descontentamento continua: “Achei tão feio este selo que não hesitei em colocá-lo de cabeça para baixo” (Carta 49, de 29 de abril de 1973).

Ao analisar as cartas, além dos selos, o carimbo é outra informação que pode ser considerada relevante, pois permite a certeza período exato do documento, uma vez que algumas das cartas do conjunto não possuem data. Também é possível precisar quanto tempo elas demoravam para chegar ao seu destino. Em um dos envelopes é possível confirmar pelo carimbo que a carta saiu do Rio de Janeiro no dia 4 de agosto de 1919 e chegou em Porto Alegre no dia 10 de agosto de 1919. Ou seja, pelo menos 6 dias do intervalo de envio e recebimento. Por esse motivo Gotuzzo se organizava sempre para escrever com

antecedência, principalmente nos aniversários de Déa, para que ela recebesse os cumprimentos na data correta.

Figura 4 – Carimbos com data de saída do Rio de Janeiro e chegada a Porto Alegre.



Fonte: Envelope da carta 3, de 1919 - Conjunto Gotuzzo-Agrifóglio.

Através da análise dos envelopes do conjunto Gotuzzo-Agrifóglio é possível confirmar que grande parte das cartas foi escrita no período em que o artista morava no Rio de Janeiro. A maior parte delas remetidas de um mesmo local, a casa que Gotuzzo carinhosamente chamava de “312”. Em carta de 1958 ele escreve desejando boas festas e se refere a ele e as irmãs como uma extensão da casa: “Nós, do 312, desejamos alegre natal e feliz e próspero ano novo” (Carta 21, de 1958).

O casarão imponente, localizado no Bairro Santa Teresa, foi comprado por Dora e Zaira, irmãs de Gotuzzo em um leilão em 1935⁶ e tem um papel significativo nesta história. Além de ser a residência dos irmãos Gotuzzo, a casa abrigava o atelier⁷ do artista e era também de lá que ele escrevia as cartas que enviava à prima. O local “tinha o status de bairro nobre na época, sendo habitado pela classe alta, muitos deles imigrantes europeus” (SCHWONKE, 2019, p. 73).

⁶ Conforme certidão de compra e venda do imóvel (SCHWONKE, 2018 p. 82).

⁷ “Nesta casa, na Rua Monte Alegre, nº 312, ele constrói um atelier e são criadas muitas de suas obras até a década de 1967, ano em que o imóvel é vendido” (SCHWONKE, 2019, p. 73).

Figura 5 - Fotografia da fachada da casa de Leopoldo Gotuzzo, no Rio de Janeiro.



Fonte: Raquel Schwonke. Data: 2017.

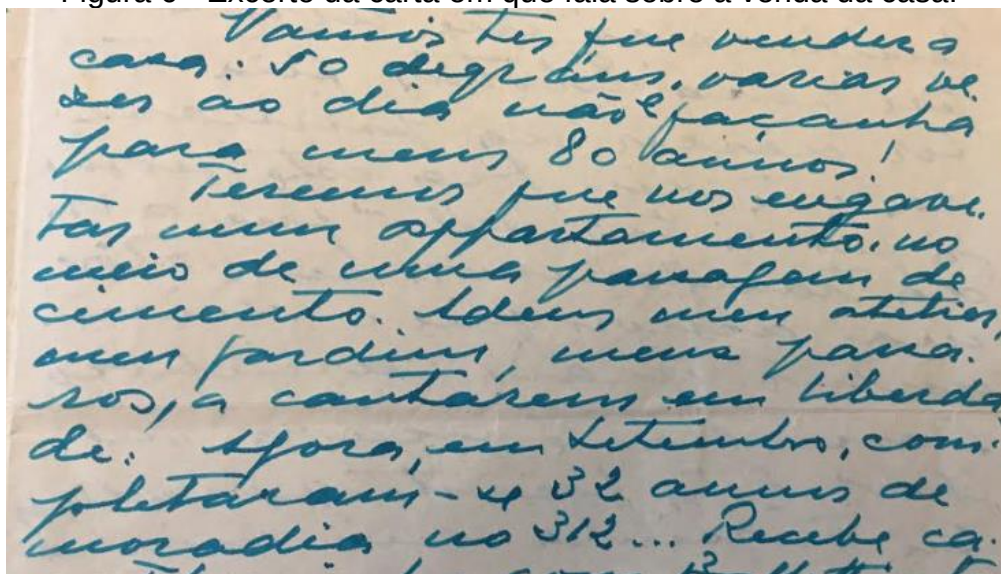
A casa é citada nas cartas em diferentes momentos, sempre descrita como um lugar tranquilo e de paz. É possível perceber a afeição que ele tinha pelo local. “Cá em casa estamos em plena estação lyrica: os sabiás cantam desde o clarear do dia até as últimas claridades da tarde” (Carta 30, de 1964). Até o momento em que a casa se torna, segundo ele, um problema para um senhor de 80 anos. A venda do imóvel é mencionada pela primeira vez em setembro de 1967.

Vamos ter que vender a casa: 50 degraus, várias vezes ao dia, não é façanha para meus 80 anos! Teremos que nos engavetar em um apartamento, no meio de uma paisagem de cimento. Adeus meu atelier, meu jardim, meus pássaros, a cantarem em liberdade (Carta 35, de 1967).

Em outra carta do mesmo ano, que pertence ao acervo do MALG, Gotuzzo escreve para o amigo Vitor Santin e usa as mesmas palavras para descrever a situação:

“Estamos de mudança. Vamos deixar nosso “paraíso” para nos engavetar num apartamento. Adeus meu bom Atelier, minhas árvores, meus pássaros em liberdade! Agora a casa é grande demais para dois e as escadas um mal ameaçador” (fonte: Acervo do MALG).

Figura 6 - Excerto da carta em que fala sobre a venda da casa.



Fonte: Carta 35, de 1967 - Conjunto Gotuzzo-Agrifoglio.

Na próxima carta do conjunto Gotuzzo-Agrifoglio, de setembro de 1968, um ano depois, ele não cita que foi vendida, mas através do envelope é possível ter certeza que a mudança já havia ocorrido, pois o endereço no verso já é o novo. Somente na próxima carta, de dezembro de 1968, ele confirma a venda e mudança de endereço. Após concretizada a venda, Gotuzzo e as irmãs mudaram-se para um apartamento alugado na rua Barão de Itambi, no bairro Botafogo. A casa do bairro Santa Teresa se torna uma memória que ele relembra com frequência e com saudade. Na visão de Bosi, (1994).

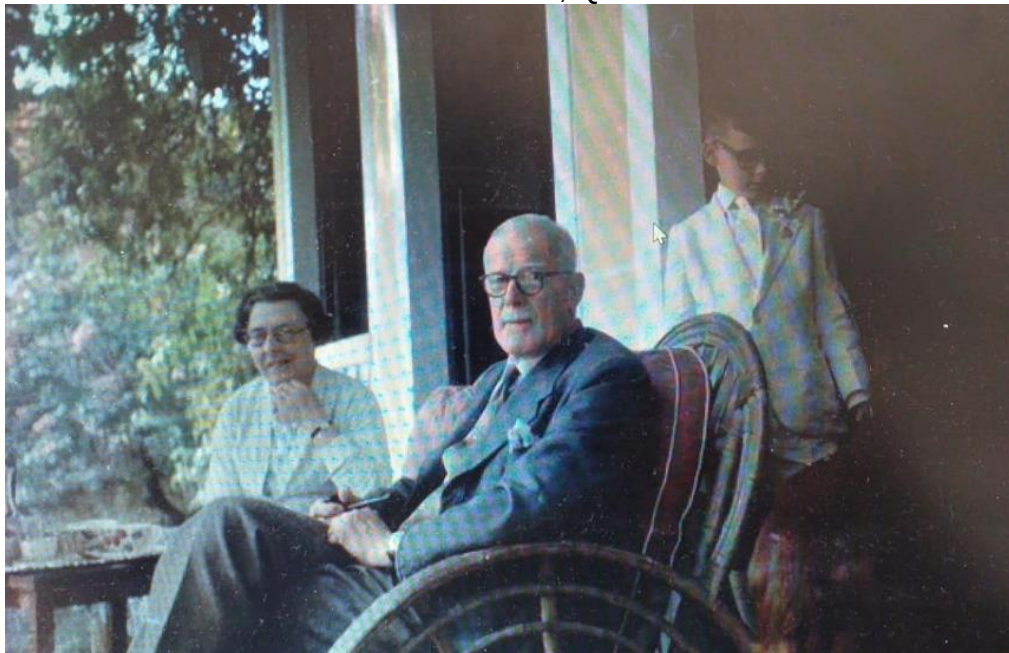
Há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na velhice: o conjunto de objetos que nos rodeiam. Nesse conjunto amamos quietude, a disposição tácita, mas expressiva. Mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade. Mais que da ordem e da beleza, falam à nossa alma em sua doce língua natal (Bosi, 1994, p. 441).

Apesar de visivelmente aborrecido com a situação, um ano depois, já na nova residência, demonstra-se aliviado pelo fato de o comprador ter bom gosto e poder cuidar casa. Gotuzzo escreve à Magda:

Como Vera talvez já te tenha dito, vendemos o 312. O comprador é um inglês, casado, com um 5 filhos, que está adaptando... A casa assim vai tomar um aspecto que nunca teve enquanto lá moraram os solteirões... É um homem que corresponde a o que eu esperava: de gosto e de gasto. Está contentíssimo com a aquisição que fez e vai torna-la uma boa moradia. A mulher gosta de plantas e vai se interessar um tanto pelo jardim. Só temo que a movimentação da

rapaziada, incomode um pouco os pássaros que até agora viveram sempre em paz (Carta 37, de 1968).

Figura 7 – Fotografia - O comprador da casa Harvey Willmer, sua esposa Violette e o filho, Quentin.



Fonte: AMAST - Associação de Moradores e Amigos de Santa Teresa (s/data)

Alguns anos mais tarde, Gotuzzo comenta sobre a casa de um parente que foi vendida “[...] certamente vae ve-la cheia de saudade, desaparecer aos poucos”, e aliviado, comemora que não foi o que aconteceu com sua antiga morada: “É o destino de quase todas as casas antigas rodeadas de muito terreno. A nossa casa fugiu a essa consequência, um homem de gosto e de gasto conservou-a, embora dentro de um gosto todo especial (Carta de 47, de 1972).

Ao analisar os envelopes, percebe-se também uma troca de endereços da destinatária. Em abril de 1973 (carta 49) o endereço de destino muda pela primeira vez, da rua Quintino Bocaiúva (residência de Déa), para rua Coronel Bordini, também em Porto Alegre. Nas próximas três cartas segue este novo endereço, até junho de 1974 (carta 52), quando volta a ser o mesmo de origem. A carta de 1973 não informa o motivo da mudança e nem esclarece para onde Dea foi, mas é possível perceber estava deprimida. Ele lamenta o momento em que a prima se encontra e tenta encorajá-la a melhorar.

Li com pena tua carta triste, desanimada, mas quero crer que a escreveste num momento de depressão. Sei que há em ti muita força que tens sabido vencer situações que outros trariam graves consequências [...] Não é a primeira vez apresentas tua letra como forma de teu estado (Fonte: Carta 49, de 1973).

Quatro meses depois, Gotuzzo escreve contando que conversou por telefone com Magda e por ela teve notícias de sua mãe, que está com Vera, então pode-se confirmar que ela foi morar na casa da filha neste período.

Sei que estás em casa de Verinha, rodeada de carinho e dos filhos, esse grande conforto que tens. Tira partido desse tesouro que é o melhor remédio que podes ter para viver com animo e satisfação. E eu também estou pensando em ti, desejando que vás vencendo, como tens feito (Fonte: Carta 50, de 1973).

3. Os interlocutores

Para Camargo (2000, p. 204), são considerados interlocutores o destinatário, àqueles que tem acesso à carta, e ainda, os sujeitos presentes nos discursos de quem escreve, seja o próprio remetente e/ou aquele que a lê a publicação. Camargo ainda afirma que também são interlocutores aqueles que se dedicam à pesquisa das cartas “para que, essa escrita se transforma, transforma e é transformada em objeto de estudo” (CAMARGO, 2000, p. 204).

Além de informações da vida privada do remetente e da destinatária, as cartas revelam particularidades de outros personagens, como familiares de ambos. De acordo com Alberti (2004), não basta considerar o enunciado; é preciso refletir sobre as condições de enunciação. “Para saber o que a carta documenta, precisamos ter claro para quem ela fala e por que ela fala. Ambas

as perguntas têm a ver com outras três: quando fala, como fala e o que fala?” (ALBERTI, 2004, p. 162). Dauphin e Pouban (2002) concordam que nas correspondências familiares não é só o destinatário que importa. Conforme os autores:

[...] elas são construídas e reconstruídas pelas gerações sucessivas que lhes dão sentido e que não cessam de interpretá-las. A memória é, sobretudo, feita de relíquias apropriadas pelos herdeiros. Elas lhes permitem identificar-se a uma linha homogênea e respeitável (DAUPHIN e POUBLAN, 2002, p. 81).

Pensando nesse sentido e para ajudar a entender o contexto, procurei identificar, além do remente e da destinatária, outros personagens citados no conjunto Gotuzzo-Agrifóglio.

3.1 O remetente: Leopoldo Gotuzzo

Filho de um imigrante italiano e de uma pelotense, Leopoldo Gotuzzo nasceu em Pelotas, em 1887. Conforme Silva; e Loreto (1996, p. 37), Pelotas sempre foi uma cidade apaixonada pelas artes e muitos pintores logo despontaram para pôr seus serviços à disposição do gosto e preferência, foi neste cenário que Gotuzzo iniciou sua formação em pintura aos 13 anos, com o artista italiano Frederico Trebbi³.

Figura 8 - Autorretrato com óculos. Rio de Janeiro, 1934.



Fonte: Acervo do MALG

Gotuzzo nasceu em um período classificado como apogeu da história da cidade de Pelotas, época que “reuniu as melhores condições econômicas, urbanas, sociais e culturais de desenvolvimento” (MAGALHÃES, 1981, p, 37) e pode-se dizer que sua família estava inserida na “aristocracia rio-grandense”, como escreve Gastão de Orléans⁸ em passagem pela cidade, em 1885, dois anos antes do nascimento do artista.

Pelotas aparece aos olhos encantados do viajante como uma bela e próspera cidade. As suas ruas largas e bem alinhadas, as carruagens a percorrem-na (fenômeno único na província), sobretudo seus edifícios, quase todos de mais de um andar, com as suas elegantes fachadas, dão ideia de uma população opulentas. De fato, é Pelotas a cidade predileta do que eu chamaria a aristocracia rio-grandense, se é que se pode empregar a palavra aristocracia falando-se de um país do novo continente (CONDE D'EU, 1885).

A indústria do charque, estabelecida no final do século XVIII, foi o fator desencadeante do progresso econômico da cidade. Neste período, a família de Gotuzzo era proprietária do Hotel Aliança, um dos primeiros estabelecimentos hoteleiros a se instalar em Pelotas. O hotel, localizado na Rua XV de Novembro, nº 666, foi inaugurado no ano de 1843, com registros de funcionamento até 1968. Segundo Müller (2004), o Hotel Aliança esteve presente na cidade durante toda a segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX.

O fato do pátio do Hotel Aliança ser utilizado como imagem de um cartão postal de Pelotas no início do século XX demonstra a importância que este espaço tinha para a cidade e que era uma referência turística da cidade.

Figura 9 - Cartão Postal de Pelotas do início do século XX.

⁸ Conforme Silva e Loreto (1996, p. 6) “Frederico Trebbi foi um dos artistas estrangeiros que marcou a arte pelotense. Ele chegou a Pelotas em 1870 exercendo a função de vice-cônsul da Itália, além de lecionar pintura e escultura.”

⁴ Gastão de Orléans (1842-1922), o Conde d'Eu, membro da realeza francesa, esteve em Pelotas com sua esposa e escreveu em suas anotações as percepções sobre a cidade de Pelotas.



Fonte: Acervo Nelson Nobre Magalhães

Em 1899, após o falecimento de Santiago Prati alguns anos antes, a Companhia Prati desfaz a sociedade com a família Gotuzzo, ficando assim o estabelecimento de posse de Caetano Gotuzzo juntamente com José Francisco Agrifoglio, pai de Déa, a prima a quem as cartas foram dirigidas (Correio Mercantil, 08.10.1899, p. 6).

De acordo com Lima (2017), os hotéis, nessa época, não serviam somente à hospedagem. Eram também pontos de encontro, com cafés, restaurantes, apresentações artísticas e shows.

O Hotel Aliança ficava no centro de Pelotas, nas proximidades da praça da República, e que se tornou conhecido em todo o estado por sua programação cultural, pelo luxo de suas instalações, pelo nível social alto de seus frequentadores, desde hóspedes até moradores da cidade, e pela vida noturna que ocorria em suas dependências (LIMA, Patrícia. 2017, p. 69).

Figura 10 – Fotografia da fachada do Hotel Aliança.



Fonte: Almanaque de Pelotas 1962.

Gotuzzo, apesar da possibilidade de administrar o empreendimento da família, como fez seu irmão Haroldo, em 1909, com o apoio dos pais deixa Pelotas e vai para a Europa para estudar arte. Seu primeiro destino foi Itália, Roma, onde foi aluno do artista francês Joseph Noël⁹. Segundo ele, um “professor extraordinário que generosamente transmitia a seus alunos todos os seus conhecimentos, grande mestre” (Fonte: Documento¹⁰ escrito por Leopoldo Gotuzzo, sem data e sem assinatura. Acervo do MALG).

Figura 11 - Fotografia. Atelier do Professor Joseph Noël. Roma. Data provável: 1909-1913.



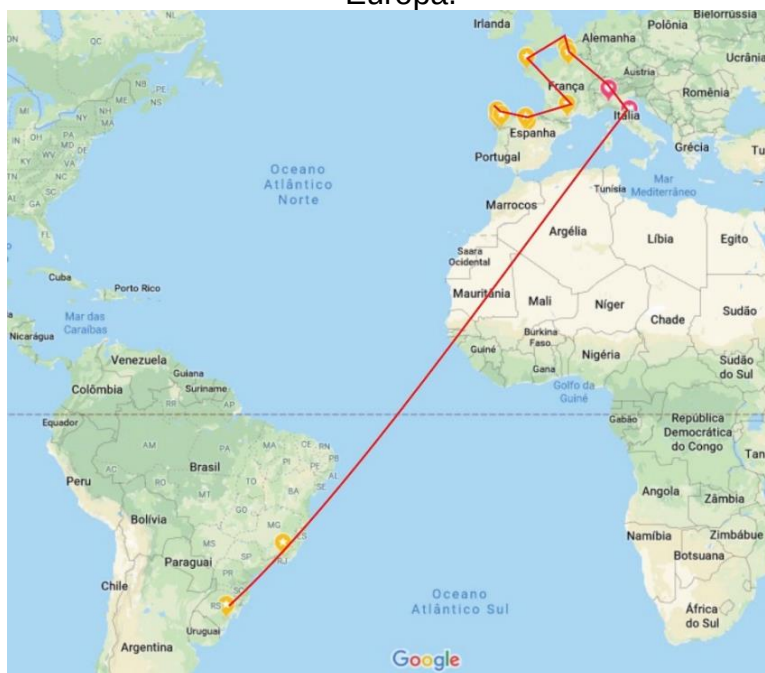
Fonte: Acervo do Malg.

⁹ Gotuzzo desenhou o professor em 1913, a obra “Professor Joseph Noël”, a obra faz parte do acervo do MALG.

¹⁰ N° de inventário: 1485/2014. Fonte: Acervo do MALG.

Permaneceu no atelier de Noel por quase cinco anos e então deslocou-se para Espanha, cidade de Madri. Posteriormente muda-se para a França, onde percorre Paris e Pirineus Orientais. Retorna ao Brasil no final de 1918, regressando novamente à Europa no ano de 1927, para mais um período curto. Volta definitivamente para o Rio de Janeiro em 1930 onde morre, em 1983, aos 96 anos.

Figura 12 – Mapa com as cidades onde Leopoldo Gotuzzo viveu, no Brasil e na Europa.



Fonte: Esta pesquisadora.

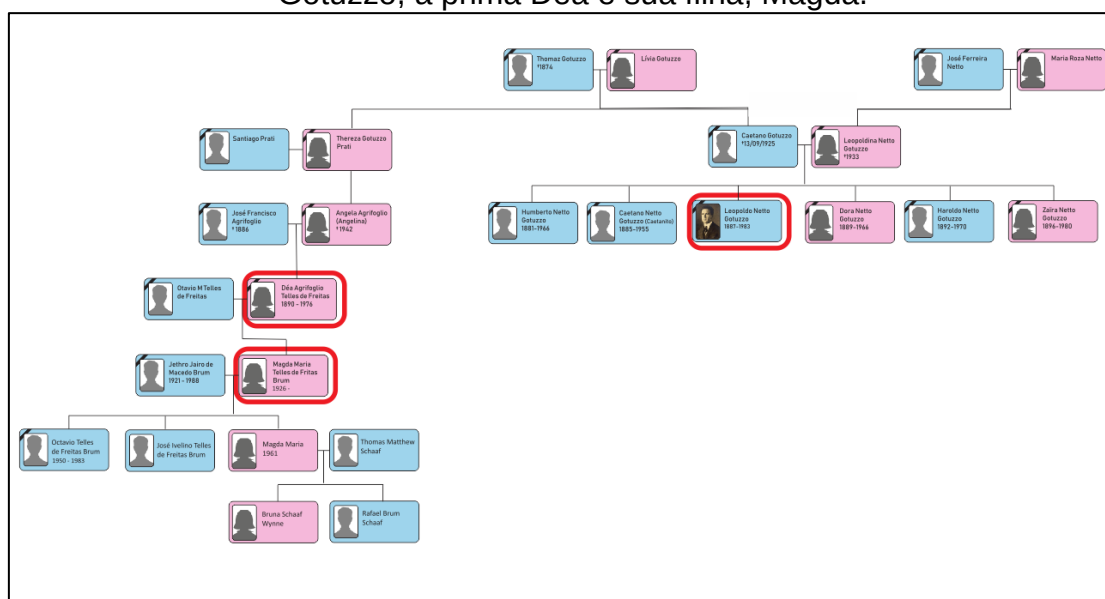
Apesar da longa trajetória na Europa, onde reside em Portugal, Espanha, França e Itália, Gotuzzo vive a maior parte da sua vida no Rio de Janeiro e é de onde escreve as cartas que fazem parte do conjunto Gotuzzo-Agrifóglio.

3.2 A destinatária: Déa Agrifóglio, a Florzinha

Déa Agrifóglio nasceu em Porto Alegre, em 1890 e faleceu dia 31 de dezembro de 1976. Filha de José Francisco Agrifoglio e Angela Prati, tinha dois irmãos, Manlio e José. Casou-se com Octávio Telles de Freitas. Tiveram duas filhas, Magda Maria e Vera Ausonia. A primeira foi quem guardou o acervo da mãe.

A mãe de Déa, Ângela, era prima em primeiro grau de Leopoldo Gotuzzo, portanto, Gotuzzo e Florzinha eram primos em segundo grau. Apesar da relação de parentesco ser um pouco distante, Gotuzzo poderia manter essa amizade com Ângela, mãe de Déa, considerando o grau de parentesco, mas pode-se imaginar que a proximidade dos dois se deu pela idade, já que o artista era dois anos mais velho que a prima Déa.

Figura 13 - Árvore genealógica da família Gotuzzo. Em destaque, Leopoldo Gotuzzo, a prima Déa e sua filha, Magda.



Fonte: Raquel Schwonke.

Desde a primeira carta do conjunto, de 1919, Gotuzzo se refere à Déa como “Flôrsinha”. A origem do apelido carinhoso é explicada em uma das cartas, de 1967.

Minha lembrança me leva sempre para Pelotas, que te fez nascer na primavera e te deu, Déa, este nome já por si tão bello, que a vida transformou em Flor, mas achou que o diminutivo, mais carinhoso, Florsinha, te ficava melhor. E tu ficaste para sempre Florzinha em minha lembrança (Fonte: Carta 35, de 28 de setembro de 1967).

Déa era casada com Otávio Telles de Freitas, uma jornalista que, de acordo com Monteiro (2006) fazia parte de “uma nova geração que atuava em várias áreas da vida cultural porto-alegrense nas décadas de 1920 a 1950 e que renovara a imprensa local” (Monteiro, 2006, p. 460). Ele morreu tragicamente, em 1932, apenas dez anos depois do casamento. Segundo Ruschel (1971), era

uma época perigosa para jornalistas “que tinham a coragem de contrariar os poderosos e exercerem o poder de crítica”.

Se para o pedestre comum havia desses tropeços, não é difícil imaginar a situação do jornalista, que sempre teve nessa rua a trilha obrigatória. Sobretudo se ele desse à ousadia do dessorombro e da independência na informação. As maneiras não eram cerimoniais: iam-lhes logo a sede do pensamento, em agressões violentas, à plena luz do dia, aos olhos de todos.

Saindo do “Jornal da Manhã”, na esquina da Ladeira, Otávio Telles de Freitas, - alto, bonito, atlético – a vista de seu adversário, campeão de tiro, que estava na esquina da praça, ali onde há um estante de revistas. Vieram um ao encontro do outro, através do Largo – na mão de Otávio um jornal enrolado, na do outro, o revólver. Cai, varado de balas, o brilhante cronista daquele jornal onde assinava O.T. e que também era presidente da Federação Rio-grandense de Futebol. Foi um abalo que sacudiu a cidade (RUSCHEL, 1971, p. 78).

Após a morte do marido, Déa, então com 42 anos, nunca mais casou-se novamente. Segundo Magda, a mãe ficou um ano de luto e durante a vida inteira praticamente só vestia preto e sorria pouco. De acordo com Rafael Schaaf¹¹, neto de Magda, Déa era uma pessoa muito reservada, com costumes do século XIX e bastante severa com as filhas. “Ela dizia para a avó Magda que ela ria demais”, comentou.

Pode-se imaginar que por seguir os costumes do século XIX, ela tenha optado por manter as regras daquela época. Conforme Schmitt (2009), no século XIX o luto era regido rigorosamente por códigos de etiqueta.

Desrespeitar essas regras era considerado um verdadeiro escândalo, um ato de imoralidade. Jornais de costumes e manuais de etiqueta, muito comuns à época, traziam todas as recomendações e dicas a serem seguidas nesses momentos e eram muito populares entre a classe média. Nenhuma manifestação do luto era mais necessária e emblemática do que o luto vestimentar. Por meio dele, expressava-se imediatamente o apego ao morto e a tristeza pela perda. Manter o traje da morte durante o máximo de tempo possível garantia reputação altamente respeitável a qualquer viúva. Era uma expressão de isolamento e resguardo (SCHMITT, 2009, p.3).

Magda reforçou¹² que os laços entre Gotuzzo e sua mãe eram muito fortes. Que eles conviveram quando crianças, em Pelotas, e mantiveram a sua amizade por toda a vida. Ela compartilhou nesta ocasião, um acontecimento pouco antes da mãe falecer. “Eu cheguei de Brasília um pouco antes de ela

¹¹ Em entrevista realizada pelo aplicativo whatsapp, em 11/02/2020.

¹² Em depoimento realizado em 2016, em Porto Alegre, na casa de Magda.

morrer e disse “Mãe, o Leopoldo te mandou um beijo”, e a mãe disse assim, “Leopoldo...”, foi a última palavra que eu escutei ela dizer. A última. Eram muito ligados espiritualmente”.

3.3 Outros personagens

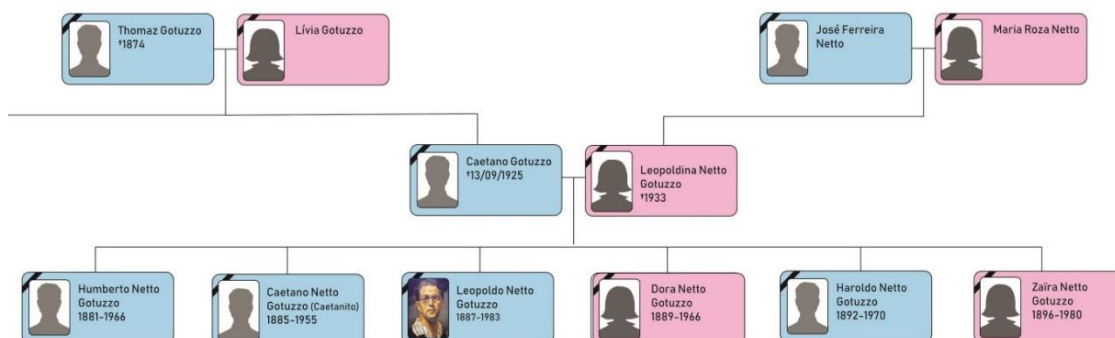
Os familiares de Gotuzzo e de Déa também são personagens referidos com frequência nas cartas. Eles são como coadjuvantes e foram destacados para compreensão do contexto e conteúdo.

3.3.1 Os familiares do remetente

Leopoldo Gotuzzo era o terceiro de seis filhos. Uma caderneta que pertenceu à mãe do artista e faz parte do acervo do MALG, constam informações sobre o nascimento dos filhos, além do casamento dela com Caetano Gotuzzo.

Cazei-me em 19 de outubro de 1878. Minha filha nasceu em 1879. Humberto nasceu à 14 de maio de 1881. Caetanito nasceu à 14 de abril de 1885. Leopoldo nasceu à 8 de abril de 1887. Dora nasceu em 18 de março de 1889. Zaira nasceu em 1896. Haroldo nasceu à 19 de junho de 1892 (Caderneta de Leopoldina Gotuzzo, acervo MALG).

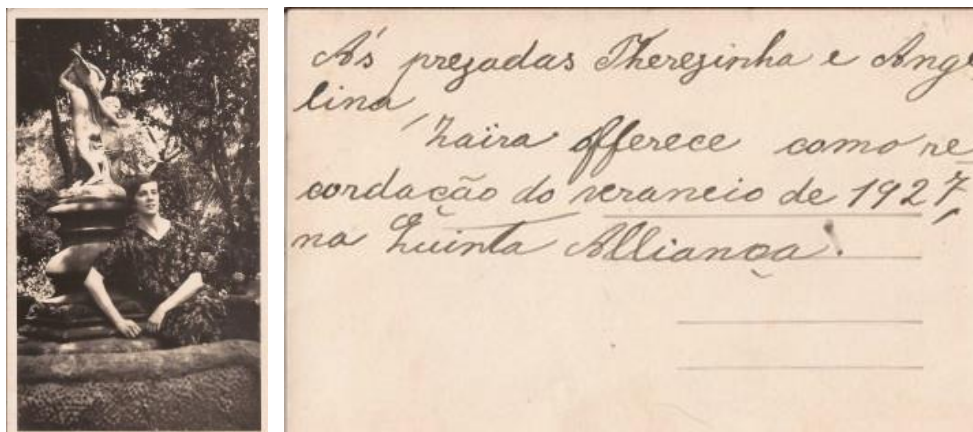
Figura 14 – Recorte da árvore Genealógica da família de Leopoldo Gotuzzo.



Fonte: Raquel Schwonke

Conforme se pode-se observar na figura, os seis irmãos estão por ordem de nascimento: Humberto, Caetano, Leopoldo, Dora, Haroldo e Zaira. De acordo com Schwonke (2018), Humberto e Caetano foram os primeiros a mudar-se para o Rio de Janeiro, seguido de Leopoldo, que foi em 1919. As irmãs foram depois, em 1935, e dividiram residência no com Gotuzzo no Rio até o fim da vida de ambas.

Figura 15 – Postal com fotografia de Zaira, de 1927.



Fonte: Conjunto Gotuzzo-Agrifoglio

Ao analisar todo o conjunto Gotuzzo-Agrifoglio é possível perceber que o carinho que Déa e os familiares tinham por Leopoldo também era extensivo às irmãs. Entre os itens deste conjunto, também fazem parte um postal com a foto de Zaira, que foi endereçado à Therezinha e Angelina, avó e mãe de Déa respectivamente, e uma fotografia de Dóra de 1904, com dedicatória à Alzonía, irmã de Déa.

Figura 16 - Fotografia de Dora Gotuzzo, de 1904.



Fonte: Conjunto Gotuzzo-Agrifoglio.

As cartas escritas por Gotuzzo também confirmam que existia uma relação próxima entre suas irmãs e Déa, pois em praticamente todas as cartas se referia à Zaira e Dora, enquanto seus irmãos Caetano, Humberto e Haroldo

eventualmente eram citados. Entre as notícias, ele comentava sobre viagens que elas faziam, como em carta de 1954 em que ele se refere que Zaira passou uma temporada em Pelotas: “Zaira com esse amor terrível pela nossa terra, conseguiu uma prorrogação de permanência e ficará por lá até abril” (Carta 15, de 1954). Frequentemente falava sobre o estado de saúde de ambas, como em carta de 1964: “Zaira não esteve bem em consequência de uma gripe” (Carta 52, de 1964). Em 1966, a irmã tem um acidente em casa e ele relata o ocorrido à prima:

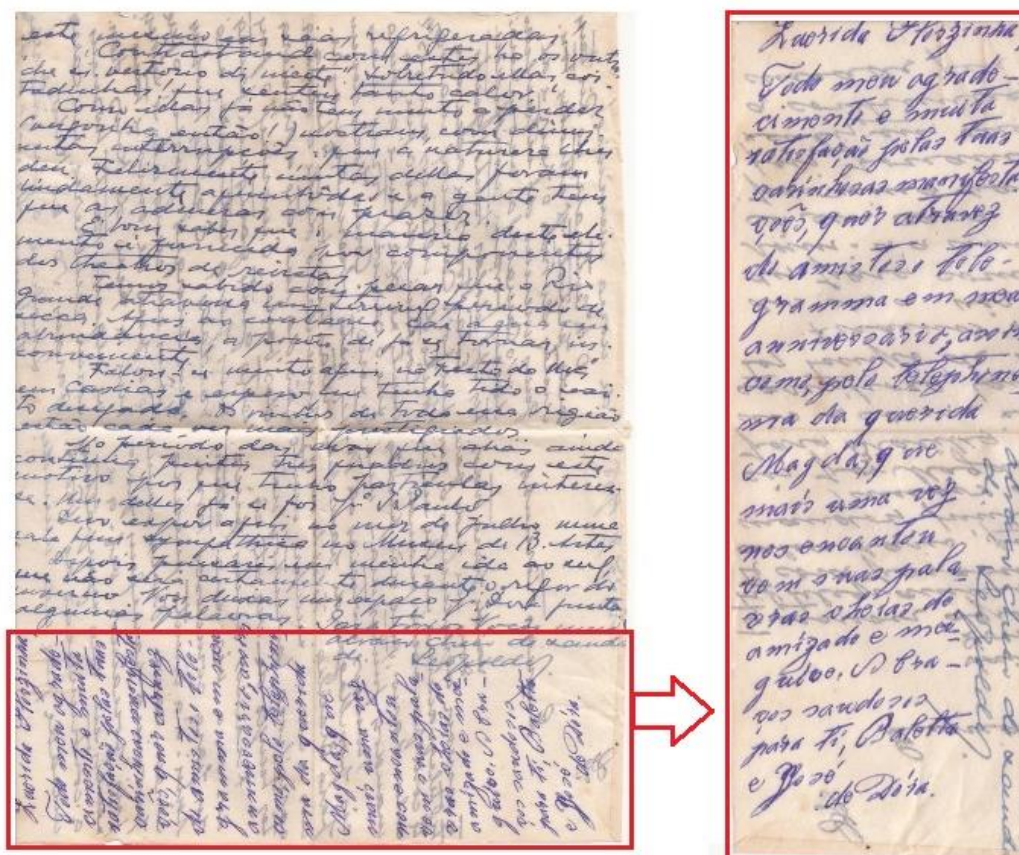
Como se não bastassem duas mortes, Zaira, colhendo uma flor no jardim caiu de tal modo que quebrou o fêmur. Foi operada no Hospital dos acidentados há quase dois meses e alguns dias esta em casa, numa cama de hospital. (Carta 33, de 1966).

Três meses depois, Gotuzzo escreve e informa que a irmã está se recuperando bem.

Zaira vai melhorando. Ca esteve o médico que a operou e gostam de seu estado. Fez-la andar um pouco e mostrou-lhe como usar as muletas, embora recomendassem a não haver necessidade de exagerar seu uso. Dentro de duas semanas irá ao raio-x para verificar como se comportou o osso (Carta 33, de 1966).

Era comum também deixar um espaço nas cartas para as irmãs escreverem à prima, como na carta 19, “[...] vou deixar um espaço, para que as manas também se manifestem”. Além de ceder estes espaços, as irmãs também escrevem e enviam cartas diretamente à Déa. Fazem parte do conjunto Gotuzzo-Agrifoglio 11 cartas escritas por Dora ou Zaira e endereçadas à prima.

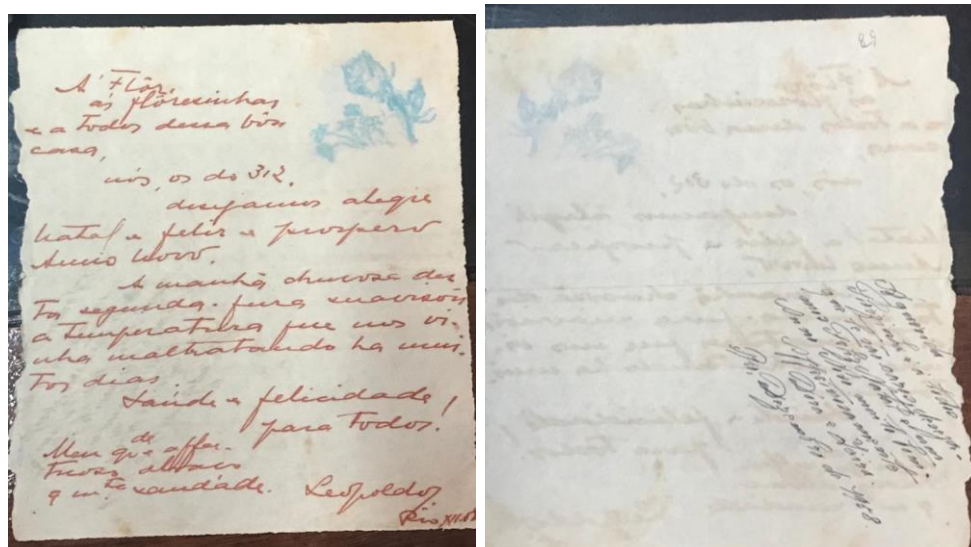
Figura 17 – Carta 28 - Gotuzzo deixa espaço para as irmãs escreverem.



Fonte: Carta 28, de 1963 - Conjunto Gotuzzo-Agrifólio

Na carta 21, enviada em dezembro de 1958, Gotuzzo escreve de um lado da página e no verso as irmãs também o fazem.

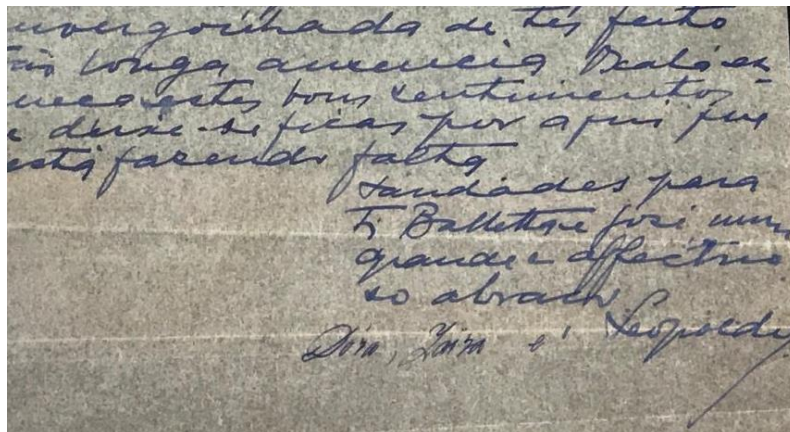
Figuras 18 e 19 – Frente com escrita de Gotuzzo e verso da carta com escrita de Dora e Zaira.



Fonte: Carta 21, de 1958 - Conjunto Gotuzzo-Agrifólio

Algumas vezes a carta era toda escrita por Gotuzzo em primeira pessoa, mas ao final, as irmãs também assinavam, como na carta 29, de 1963:

Figura 20 – Excerto de Carta 29, de 1963 - Conjunto Gotuzzo-Agrifóglio



Fonte: Carta 29, de 1963 - Conjunto Gotuzzo-Agrifóglio

Zaira e Dora foram eternizadas pelo irmão, desenhadas em 1923 e 1926, em desenhos que fazem parte do acervo do MALG. Há outros retratos da família feitas pelo artista com a mesma técnica utilizada, carvão sob papel e sanguínea, que compõe a coleção do Museu.

Figuras 21 e 22 - Zaira e Dora, pintadas por Gotuzzo.



Fonte: Acervo do Malg.

Humberto, o primogênito da família, era médico psiquiatra, trabalhava no Hospício Nacional dos Alienados (MASSI, 2017, p. 46). Também foi colaborador e crítico de arte no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro. Essa sua atividade acabou ajudando o irmão artista a ser conhecido na cidade, conforme carta de 1920, onde Gotuzzo menciona que foi “lançado” na vida social através de seu irmão.

Quanto ao outro lado da vidinha a coisa vai bastante bem. Lançado por Humberto no melhor elemento carioca, tenho encontrado, felizmente, muita sympathia, o que me tem facilitado manter as melhores relações (Carta 6, de 1920).

Em duas cartas de 1957, Gotuzzo relata viagem do irmão aos Estados Unidos:

Humberto está viajando aos Estados Unidos desde os primeiros dias de agosto. Tem mandado algumas crônicas bem interessantes para o “Jornal do Comercio” (Carta 19, de 1957).

Humberto chegou há poucos dias de seu passeio de quase 5 meses aos Estados Unidos. Veio como das outras vezes, entusiasmado pelo o que viu. O frio já estava se tornando insuportável. Assistiu a uma abundante nevasca, que é sempre um bello espetáculo. Comparando com a temperatura daqui, tudo isso deve lhe parecer um sonho (Carta 20, de 1957).

Dora e Humberto morrem no mesmo ano, em 1966, em carta do mesmo ano para a prima, Gotuzzo manifesta a falta que sente dos irmãos.

Dora e Humberto tem me feito imensa falta, de vez em quando peço-lhes que me chamam ou que estão comentando alguma coisa e caio logo em grande iramento. Deves compreender muito bem esta situação, que infelizmente também é a tua (Carta 33, de 1966).

Caetano era dentista, trabalhava no Centro Médico da Ilha de Paquetá. Humberto e Caetano atendiam também em um consultório particular no Centro do Rio com hora marcada. Em carta de 1955, Gotuzzo escreve para Déa contando que o irmão faleceu.

Caetano adoeceu 17 dias antes. Têve uma dor muito forte no estômago, dor que subiu para o peito, sem os sinthomas que caracterizam o infarto. Foi melhorando aos poucos, sem a dor desde o dia seguinte.

Sabbado de manha teve um colapso, quando cochilava, e morreu repentinamente sem ter percebido que era o fim. Vocês, que também são como nós e sabem como vivíamos unidos, podem bem avaliar a nossa dor e o grande vazio que se fez cá em casa. Mas tem que ser assim e assim será. (Carta 17, de 1955).

O outro irmão, Haroldo, foi escriturário geral do Hotel Aliança, que pertencia ao seu pai, além de ser Sócio Honorário do Esporte Clube Pelotas. Em 1970, uma confidencia é revelada em uma carta. Gotuzzo confessa que foi visitar Haroldo, depois de muitos anos sem vê-lo.

Haroldo também não está bem. Sabedor de seu estado fui vê-lo e sei que num gesto, além de o comover, lhe deu muita satisfação. Não era para menos pois vivemos separados durante 45 anos! Quantas vezes nos cruzamos na rua como dois desconhecidos! Es a primeira pessoa a quem conto esta ocorrência (Carta 43, de 1970).

O motivo do distanciamento entre eles não é justificado, tão pouco se obteve essa informação em outras fontes. Três meses depois da confissão, Gotuzzo confirma a morte do irmão:

A morte foi para Haroldo um alívio, pois ultimamente ele vinha sofrendo muito. Sabia, por um amigo comum, que estava internado na Beneficiencia Hespanhola, sempre acompanhado por bons amigos que soube criar aqui. O que me contavam chegou a um ponto que senti de meu dever acabar com *aquella* situação que vínhamos mantendo havia 45 anos (desde a morte de *papae*). Foi para ambos uma *scena commovente* que chegou até as lágrimas. Depois disso nunca deixei de me interessar pelo *telephone* e pessoalmente. Constatava um contínuo emagrecimento, tudo em consequência de alguma cousa na *columna* e acentuada anemia.

Senti em seu enterro e em sua missa que tinha feito boas amizades e todos que me manifestaram sincero pesar com palavras elogiosas. Vendo-o doente, confesso que sentia saudade do tempo em que nos encontrávamos na rua como dois desconhecidos. – Paz à sua alma! (carta 44, de 1970).

Os irmãos Caetano (falecido em 1955, aos 70 anos), Dora (falecida em 1966, aos 77 anos), Humberto (falecido em 1966 aos 79 anos), Zaira (falecida em 1980, aos 84 anos), e por fim, ele próprio, Leopoldo (falecido em 1983, aos 96 anos), foram todos sepultados no mesmo sarcófago¹³, no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro. Haroldo é o único que não está enterrado no túmulo da família, conforme registros do cemitério São João Batista.

Figura 23 – Fotografia de página do livro da Santa Casa de Misericórdia da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. 12 de outubro de 1953.

¹³ Fonte: Livro da Santa Casa de Misericórdia da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (SCHWONKE, 2018, p. 202).

Jazigo Perpetuo N. 423		90
1953	12	Humberto Netto Gotuzzo, reg. 1000, perp. terreno de 3,73 a/constação do Sarcófago de numera acima 423 quadra 43, dois estrados, um calafetado, uma placa, uma banqueta para o marçoço; licença para enterrar, católicas, alvará etc. etc.
1953	12	a Humberto Netto Gotuzzo, de acordo com o título de la perpendicularidade, datado de 12 de Outubro de 1953 e enviado ao familiar em 27 do mesmo mês e ano, para registrada no a, concessão feita do terreno de 3,73 com a construção do a Sarcófago de m. acima 423 quadra 43, e que, servirá, no de devido tempo de sepultura e osório para si, sua esposa e os filhos a contrair nupcias, sem ascendentes, descendentes, inclusive, seus irmãos. Barreira
1955	22	Sanjós Silva Hda, autorizado por H. Humberto Netto Gotuzzo, reg. 1112, para a/constação do Sarcófago de numera acima 423 quadra 43, dois estrados, um calafetado, uma placa, uma banqueta para o marçoço; licença para enterrar, católicas, alvará etc. etc.
1955	1	Seguinte sob estrado de cimento armado calafetado e capô do Sarcófago Netto Gotuzzo, já em de concessão. Vol. 2. 152 p. 98. 1955
1961	16	Terminado o a. m. de Sarcófago Netto Gotuzzo a def. no mesmo, de 152 de p. 98. 1961
1961	16	Deposito sob estrado de cimento armado calafetado e capô do Sarcófago Netto Gotuzzo (Cinza) Vol. 2. 152 p. 98. 1961
1966	4	Deposito sob estrado de cimento armado calafetado e capô do Sarcófago Netto Gotuzzo (Cinza) Vol. 2. 152 p. 98. 1966
1993	18	Exumado os restos mortais de Dona Netto Gotuzzo e de Humberto Netto Gotuzzo. Vol. 2. 152 p. 98. 1993
1993	11	Exumado os restos mortais de Sarcófago Netto Gotuzzo. Vol. 2. 152 p. 98. 1993

Fonte: Raquel Schwonke.

Os familiares da destinatária

Um dos documentos do conjunto Gotuzzo-Agrifoglio é uma carta de pêsames destinada à Angelina, mãe de Déa, pela morte da irmã.

Recebemos com imensa pena a notícia da morte de Elvira. Acompanhamos preocupados sua doença, vimol-a mesmo agravar-se; mas estávamos com uma esperança que infelizmente foi vencida. Havemos de pensar sempre em Elvira com saudade e com carinho, pois tivemos sempre, diante dos olhos, desde a nossa mais tenra infância.. Receba, cara Angelina, em companhia de todos de casa, de todos aqueles que tanto a quiseram, o nosso abraçado affectuoso e a certeza de que nosso pensamento está ahi. (Carta 9, de 1940).

Ao final da carta, Zaira escreve: "Querida madrinha, meu sincero abraço à todos vocês pelo *fallecimento* de nossa boa Elvira com muito carinho em

todos”. Angelina morre dois anos depois¹⁴ da irmã, na ocasião, Gotuzzo escreve prestando os sentimentos e lembrando da prima com carinho.

Temos pensado muito em vocês todos nestes dias de tristeza em que um pedaço tão longo de vida se transformou tão bruscamente em um mundo de saudade. Com a querida Angelina desaparece para nós uma espécie de traço de união que nos ligava aos nossos que já se foram e que olhávamos e queríamos como alguma cousa deles que ainda vivia.

Ficou para nós o exemplo de vidas tão bem vividas, para alimentar a amizade nascida desde a nossa infância que nem os anos, nem a separação conseguiram destruir. Acostumados a ver Angelina junto aos nossos paes desde nossos primeiros passos, sua boa lembrança há de nos acompanhar sempre e escrevemos a todos confundidos numa imensa saudade. E estas minhas palavras envolvem a todos vocês como minha prova viva de nossos sentimentos (Carta 1, de 1942).

Os dois irmãos de Déa, Mânlio e José, são citados com certa frequência nas cartas e é possível perceber que Gotuzzo também era próximo dos primos. Em 1920, conta que recebeu a visita de Mânlio, no Rio de Janeiro. “Tive o praser de ver o Mânlio, mas não lhe pude fazer muita companhia, porque elle aqui esteve precisamente quando preparava a minha exposição” (Carta 7, de 1920). Uma carta enviada para José também compõe a coleção. Neste documento Gotuzzo agradece o postal recebido da Itália. “Que agradável surpresa foi para nós este teu bello postal de Roma! Não sabíamos que estavas viajando. Tuas palavras completaram a dose de saudade que senti” (Carta 22, de 1959). Além de boas notícias, nos documentos também é registrado a morte de ambos.

Recebemos com imensa pena a notícia da morte de Manlio¹⁵. Sabemos da união que houve sempre entre vocês, e dentro dela, o que Manlio representava. Podemos assim avaliar a grande dor de todos. Nós também os acompanhamos nesses sentimentos, pois Manlio foi nosso companheiro nas travessuras da meninice. A vida nos separou, mas a amizade ficou. E agora mais do que nunca nós a sentimos. Era tão bom quando nos encontrávamos. Quanta cousa revivíamos, mesmo sem a ajuda das palavras! Estava longe de pensar que o nosso almoço tão alegre, seria o último encontro. Agora, só a saudade nos aproxima (Carta 27, de 1963).

Dois anos depois, Gotuzzo escreve novamente prestando os sentimentos à Déa pela morte de seu outro irmão¹⁶.

¹⁴ Angelina Prati Agrifoglio faleceu em 9 de julho de 1942, em Porto Alegre.

¹⁵ Mânlio Prati Agrifoglio faleceu aos 74 anos, em 1963.

¹⁶ José Agapito Prati Agrifoglio faleceu no dia 13 de dezembro de 1965.

Sempre que eu falava com Vera sabia do estado de José, de modo que acompanhamos sua doença que tantas preocupações trazia para vocês. Imagino, agora, a grande *dôr* que a perda desse irmão querido criou ahi em casa. Sei o que isto representa para vocês. Vi sempre em José, no meio de vocês, uma espécie de animador. Aquella sua maneira de falar parecia que traria solução para tudo, criando uma solidariedade entre vocês. Mas há um conforto, um consolo nesta grande *dôr*: a certeza do bom que elle foi. Na saudade que agora envolve a vocês todos há de surgir sempre uma palavra, um gesto de bondade a parecer-lhes que elle continua com vocês. E nós cá de longe também o veremos assim (Fonte: Carta 32, de 1965).

É possível perceber que em nenhuma das cartas do conjunto, Gotuzzo expressa algum tipo de religiosidade, nem em circunstâncias como a morte de alguém próximo. Nesta mesma carta, de 1965, sobre a morte do primo, ele escreve:

Mas há um conforto, um consolo nesta grande *dôr*: a certeza do bom que *elle* foi. Na saudade que agora envolve a vocês todos há de surgir sempre uma palavra, um gesto de bondade a parecer-lhes que *elle* continua com vocês (Fonte: Carta 32, de 1965).

Ele escolhe palavras de conforto sem fazer o uso de nenhum tipo de consolo espiritual, o que é bastante habitual na época e em diversos segmentos religiosos. Esse também não era um tema usado em suas pinturas. Pode-se supor que a religião não era algo que fazia parte de sua vida.

Déa teve duas filhas, Vera Ausonia e Magda Maria, ambas são mencionadas com frequência por Gotuzzo nas cartas e é possível perceber que o laço de afetivo se estende também à elas. Em 1954, agradece a foto que recebeu registrando o noivado de Vera, e elogia a beleza da prima.

Gostamos muito de vêr a photo dos noivos: Verinha está muito bonita e esplendida de figura. A photo apanhou bem um momento feliz. Seus traços physicos rústicos e bela atitude. Vejo bem sua beleza e sua simpatia herdadas (Carta 15, de 1954).

Em 1963 comenta a alegria de ter recebido a visita de Magda e a família, juntamente com a filha de Vera em sua casa, no Rio.

Foi a rápida passagem cá por casa de Magda, marido, filhos e a filha de Vera. Entre outras cousas a fazer arranjaram uns minutos para virem até cá. Foi uma bela surpresa que nos deu imenso praser. Pena ter sido quase uma visão, embora isso não tenha diminuído a nossa alegria. E veio confirmar que vocês não perderam a aceita da beleza: Magda continua bonita apesar de um pouco gorda e os pequenos são lindos (carta 29, de 1963).

Apenas alguns anos após escrever celebrando o noivado de vera, Gotuzzo escreve lamentando sua morte.

Está e uma carta triste. A morte de Vera é para mim uma grande dor. Fui vel-a varias vezes na casa de saúde. Sahia de lá ora animado, ora triste, conforme o estado em que a encontrava. A ultima vez que a vi cinco dias antes de sua morte, conversamos bastante, mas havia algo na sua voz que me deixou apreensivo. Sei o que representa para ti a perda de Vera. Tens que soffrer mais este golpe com a forte resignação que tens mostrado em outros [...] E lá se foi Vera, bonita coberta de rosas: parecia dormir tranquilamente (Carta 38, de 1969).

Aparentemente, Gotuzzo tinha uma relação mais próxima com Magda. Escrevia para Déa sobre ter conversado com ela por telefone, como nas cartas de 1970 e 1973: “Há dias Magda me *telephonou*. Gostei muito de ouvi-la (Carta 42, de 1970). Ainda estou com o ouvido cheio da voz de Magda, e tu talvez com os ouvidos a tinir de tanto que falamos em ti (carta 50, de 1973). Um mês depois, ele comenta que não teve mais notícias “Depois do apreciado telephonema de Magda, não tive mais notícias tuas. Confio nos francezes “*pas de nouvelles, bonnes nouvelles*¹⁷” (Carta 51, de 1973). Quem sabe a proximidade entre os dois seja o motivo pelos levou Magda a guardar estas cartas por tantos anos.

Essas memórias familiares contidas nas cartas, construídas através da escrita de uma pessoa para outra, são reconstruídas por outras gerações e assim, ressignificadas conforme a transmissão do material. Agora elas renascem de forma pública, neste trabalho, e posteriormente e receberão mais outros tantos significados.

4. Escrita epistolar

De acordo com Gómez (2002, p. 14), o surgimento das cartas “se perde na Antiguidade, talvez em um dos remotos fragmentos do Antigo Egito, e, por outro lado, qualquer dos tratadistas que se ocuparam dela no Século de Ouro mencionava a Cícero quase como o homo fator da arte epistolar”. O surgimento não é possível precisar, mas sabe-se que por volta dos séculos XVI e XVII as cartas passam a ser um dos instrumentos de comunicação mais utilizados.

¹⁷ Em português literal - Sem notícias, boas notícias.

4.1 Escrever para comunicar

Para Bastos, Cunha e Mignot (2002, p. 5), “distância e ausência são, ainda hoje, motores para a efetivação do ato de escrever cartas, de se corresponder. Cartas movem-se entre presença e ausência, ao mesmo tempo em que, à distância, mantêm vínculos”. Nesse sentido, pode-se sugerir que o início da troca de cartas entre Gotuzzo e Déa tenha ocorrido devido ao aumento da distância entre os primos, que antes moravam no mesmo estado (Pelotas e Porto Alegre) e passaram a se ver menos, pelo fato de Gotuzzo ter se mudado para o Rio de Janeiro. Essa pode ter sido a forma de manter o laço afetivo entre os dois. Em uma época em que outras formas de comunicação não eram tão comuns.

Porém, com o passar dos anos essa atividade passa a ser deixada de lado. Cunha (2002), afirma que escrever cartas é uma prática em extinção, “praticamente não são mais escritas; foram substituídas pelo uso do correio eletrônico (e-mail)”. Porém, antes disso ainda, existiram outros meios de comunicação que acabaram por enfraquecer aos poucos o envio de cartas, como o telefone.

Em 1965, Gotuzzo inicia uma carta dizendo “Edda nos deu ontem pelo *telephone* a triste notícia”. A triste notícia era a morte de José, irmão de Déa. Nesta época o telefone era um item comum nas residências da classe média e pode-se confirmar que Gotuzzo mesmo já possuía telefone próprio. Na caderneta de anotações do artista (Figura 23, acervo do MALG), consta o valor que foi gasto com serviço de telefonia. Apesar deste registro não ter data, é possível prever que foi anterior a 1966, pois na mesma página está registrado o valor de despesas em farmácia de Dora, irmã de Gotuzzo que morre em 1966.

Figura 24 - Caderneta de anotações de Leopoldo Gotuzzo.

João (continuação)				Suprimentos da casa			
Maio 27	Tramite	8.00,00	278,00	Feb - 15 - Garalbur	1240	50	
Junho 3	5 dias de trabalho		2.250,00	Telephone	598	40	
	Recibem	2.00,00		2 latas "Tigaro"	380	00	
10	5 dias		2.250,00	20 - Cumps	110	00	
	Recibem	1.00,00		Fuba	60	00	
17	3 dias		1.350,00	Mais	105	00	
	Recibem	500,00		24 - Maxxola	380	00	
24	6 dias		2.700,00	24 - Sabão	140	00	
	Recibem	1.000,00		Conserto pousa-talheres	400	00	
	CRG	12.500,00	3240,00	Marcos 1 - 24 arrozes	330	40	
Julho 1º	6 dias		2.700,00	2 pacotes doce	74	00	
	Recibem	1.500,00		Shales, eschachmatos	78	00	
8	6 dias		2.700,00	7 24 arrozes	74	00	
	Recibem	1.000,00		Cauçica (14)	20	00	
15	6 dias		2.700,00	10 4 pacotes, masas	140	00	
	Recibem	1.000,00		13 24 arrozes	76	00	
22	6 dias		2.700,00	Mate	28	00	
	Recibem	1.000,00		Bacalhau	220	00	
29	6 dias		2.700,00	Arroz e fuba	94	00	
	Recibem	1.500,00		24 - Sabão	148	00	
				23 - 6 pacotes de masas	210	00	
	segue pag. 7	CRG	7850,00 5190,00		4703	40	

Fonte: Acervo do MALG.

Gotuzzo recebe a notícia da morte de José por telefone, mas mesmo nessa ocasião singular, ao invés de ligar, ele escreve uma carta para prestar solidariedade à prima, pela morte do irmão.

Analisando sob esta perspectiva, nota-se que nenhuma das cartas menciona que eles se falaram por telefone. O conjunto Gotuzzo-Agrifóglio atravessa seis décadas e é curioso notar que os primos seguem trocando correspondências mesmo após a popularização do telefone. O principal meio de comunicação entre eles foi a escrita e pelo o que se nota nas cartas, continua sendo até o fim de suas vidas.

Ao refletir sobre a declaração de Cunha de que escrever cartas é uma prática em extinção, faço uma viagem ao passado e recordo que tive a sorte de viver o que pode ter sido o final da cultura dessa escrita milenar. Me transporto para o início dos anos 1990, ainda criança, e lembro que assim que aprendi a formar as primeiras palavras, escrevi cartas para meus avós e parentes que moravam em outras cidades. Elaboradoras em papéis decorados, com letras invertidas, frases confusas e muitos desenhos, era uma forma de me conectar com eles e diminuir um pouco à distância, apesar do telefone ser um meio de

comunicação de amplo acesso na época, a sensação é que a carta aproximava ainda mais. Foram inúmeras cartas enviadas a minha bisavó materna, e para minha surpresa, um pouco antes dela falecer, recebi, também pelo correio, de volta essas cartas que eu havia escrito e enviado à ela quando criança. Hoje eu posso revisitar essas memórias, que poderiam ter sido perdidas após sua partida. Alguns anos mais tarde, minha avó paterna faleceu e também consegui resgatar as cartas enviadas à ela e perceber a importância que ambas deram àqueles registros, guardados com carinho por tantos anos.

Em minha adolescência enviar cartas ainda era uma prática intensa e colecionar papéis e envelopes coloridos e decorados era uma moda. Apesar de não serem enviadas correio, estas eram entregues pessoalmente, a prática obedecia ao pacto epistolar (ato de receber, ler, responder e guardar). Quando a internet chegou em minha casa, confirmando a citação de Cunha, o envio das cartas acabou. Passei a me comunicar com meus amigos por plataformas de conversa virtual e por e-mail.

As cartas, que desde cedo me fascinam e envolvem, hoje remetem à uma memória afetiva e são o objeto de estudo deste trabalho. Azevedo e Gonçalves (2009), afirmam que as cartas constituem-se em um material de relevância para pesquisas, visto que através da análise desse material é possível evidenciar um momento, um acontecimento, uma determinada situação sociocultural, política ou econômica de um local específico, observando questões relacionadas aos sujeitos que contribuem para a construção da história.

Para Camargo (2000), as cartas são objetos esperados e aguardados com impaciência e após, lidas, relidas e respondidas, vão saindo da impessoalidade, ganhando novamente significações singulares. Isso ficou claro para mim quando me deparei com o conjunto Gotuzzo-Agrifóglio e tive o privilégio de poder, de alguma forma, entrar na intimidade de um artista que admiro, me sentindo algumas vezes quase como uma intrusa.

A escrita epistolar é objeto de interesse científico há muito tempo. Já no século XV era objeto de estudo (GAY, 1999 apud Nascimento; Lousada, 2015). Nessa área encontramos um gênero composto por diferentes tipos de documentos, tais como diários, autobiografias e cartas. Esses documentos vão

muito além de letras e linhas que buscam comunicar entre um remetente e um destinatário - no caso das cartas, é sempre esta a função, mas outros aspectos, como quem são este remetente e este destinatário, qual seu nível de intimidade, que função exercem, e sobretudo quais são os costumes e cultura de seu tempo.

A carta como uma prática de escrita, fala tanto de quem a escreve como revela sempre algo sobre quem a recebe, anunciando a intensidade do relacionamento entre os envolvidos, pois “ nunca se escreve senão para viver, a fim de se fazer presente frente a uma situação, para explicar, justificar-se, informar, dirigir-se a apelar, queixar-se, sofrer menos, fazer-se amar, dar-se prazer (Bolléme, G.1988, p. 201 apud CUNHA).

Para Santos (2008), as cartas são:

Veículos pessoais de expressão de si, expressão de sentimentos ligados à interioridade de alguém, que se quer transmitir, para um ou para muitos. Sem destruir as sociabilidades epistolares, a constituição de uma existência privada, distante do espaço público, investe de valores de intimidade todas as práticas da escritura ordinária (SANTOS, 2008, p. 94).

Em especial as cartas, que constituem o *corpus* deste trabalho, configuram um gênero literário por si próprio: o gênero epistolar, aquele das correspondências íntimas entre as pessoas.

A escrita epistolar interessa, sobremaneira, ao historiador por estar recheada de práticas culturais de um tempo, hábitos e valores partilhados plenos de representações de época. O que interessa ao historiador é a evolução desta prática, dos usos, maneiras e modos de escrever, dos contextos em que se escreve, bem como os materiais, objetos ou signos utilizados para se escrever além do espaço social, significados e relações em que tais atos se produzem (CUNHA, 2012, p.2).

Tal consideração coloca em evidência as chamadas “escritas ordinárias” (CUNHA, 2007), aquelas que, igualmente, “dão notícias de experiências pessoais ou coletivas vividas diretamente pelos(as) autores(as) dos textos” (GÓMEZ, 2001). Ou seja, são produzidas por pessoas comuns, no seu dia-a-dia, nas trocas de correspondências íntimas, seja entre amigos, entre familiares ou entre amantes.

Pode-se afirmar que a produção epistolar teve um salto de produção a partir do século XVIII com o aumento da população letrada (NASCIMENTO; LOUSADA, 2015), logo após esse período surgiu então a necessidade de padronizar ou formalizar o cerimonial epistolar. Surgiram assim os manuais

epistolares, que eram fascículos com modelos de carta para todas as situações, trazendo de artifícios de escrita, frases de efeito e citações e este manuais, por sua vez, configuram em si um objeto de estudo, uma vez que fornecem informações sobre os costumes prescritos pela esfera pública às pessoas em suas vidas privadas.

O manual epistolar se apresenta de forma matizada: « aproxima-se a obra literária, ao discurso teórico, ao livro de receitas, ao manual escolar e ao romance epistolar. Para Dauphin (2000, p.121), « a carta forma com a literatura e a realidade um triângulo geométrico variável. No século XIX, os modelos de carta se inscrevem também em uma relação triangular entre ficção, realidade e utilidade: oferecem passagem entre o imaginário e o utilitário, entre as funções expressivas e as funções de comunicação (BASTOS, 2006, p.2).

Bastos (2006) ainda diz que essa codificação da escrita formal, que cultiva a forma e a cerimonialidade da abordagem, “tira a espontaneidade do texto e faz com que o conteúdo das cartas seja muitas vezes convencional e distante de sua intenção comunicativa”.

Outros autores, como Bettiol (2016), também enxergam como problemática a questão da padronização da escrita. Sobre este tema no Brasil, analisando a obra epistolar de Mário de Andrade a autora propõe um esboço de uma teoria do gênero epistolar, bem distante dos manuais de cartas.

Em primeiro lugar, o escritor repudiava o chamado “gênero epistolar” uma vez compreendido que tal gênero dizia mais de manuais do que legítimas práticas de escrita de si e em sua vasta produção literária epistolar utilizava recursos para aproximar a fala epistolar mais próximos à oralidade, ainda que dissesse (apud Bettiol, p. 2): “A mim também, como a todo sujeito que escreve cartas que não são apenas recados, me perturba sempre e me empobrece o problema infamante do estilo epistolar”. Bettiol explica que Mario de Andrade se filia à escola clássica de epistolografia em que a carta é vista como *sermo*, diálogo. Isto é, ao mesmo tempo que critica a formalidade dos manuais, também considera que o apreço pela escrita epistolar de alta qualidade vai além de uma comunicação imediatista, própria do bilhete, que vai direto ao assunto sem cerimônia e sem observar normas.

Conforme Bettiol (2016), uma das normas epistolares é o contrato ou pacto epistolar entre um remetente e o destinatário. Em sua análise das cartas

de Mário de Andrade, ela cita que apesar de não ter formalizado uma teoria epistolar, ele exerce essa escrita particular em sua vasta produção, e observa tal pacto como fundamental: “Em suas constantes análises, afirmou ao amigo Carlos Drummond de Andrade, em 10 de novembro de 1924: “Desculpe esta longuidão de carta. Eu sofro de gigantismo epistolar”. E uma vez que quebrado, ou interrompido esse acordo, a decepção era grande:

Uma carta não respondida me queima, me deixa impossível de viver, me persegue. Algumas não respondo, me exercito ou condeno por inúteis. Me queimam, me perseguem tanto hoje como as deixadas sem resposta, vinte anos atrás” (Bettiol, 2016 p.3).

O pacto epistolar também é recorrente nos manuais, uma vez que a carta não correspondida, dita a regra que deve gerar outra, cujo tema é precisamente a falta de resposta:

O manual também prevê situações em que o autor não obtém resposta de sua carta de declaração de amor: “Senhora. Acaso sou tão desditoso que Vm reputasse ofensa a oferta que do coração meu lhe fiz? Ou antes incorri a indignação de Vm? Oh! Suplico-lhe, senhora, queira soltar-me do cruel desassossego que me causa seu silêncio, silêncio para mim pior que a mesma morte”. (BASTOS, 2006, p.4).

Ainda que os manuais englobem toda tipo de situações, contextos e interlocutores envolvidos, eles tem em si uma limitação, ensina a fazer algo pronto, que já foi feito. Porém, a carta, segundo Mário de Andrade, “como texto não está isenta de ficcionalidade’ (Bettiol, p. 233), e o gênero epistolar é híbrido.”

Para Bettiol (2006), Mário de Andrade é um dos poucos escritores brasileiros a conceder destaque ao gênero epistolar no processo de formação da Literatura Brasileira. “Ele já apontava a importância do modernismo na consolidação do gênero epistolar no Brasil e propõe o estudo da Literatura Brasileira através das cartas”:

Eu sempre afirmo que a literatura brasileira só principiou escrevendo realmente cartas, com o movimento modernista. Antes, com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam “estilo epistolar”, oh primores de estilo! Mas as cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuetos sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (apud Bettiol, 2006, p.234).

Além de chamar atenção sobre o tema e o que era produzido no Brasil na época, Mario de Andrade redefiniu o protocolo daquilo que era considerado intocável, com uma crítica ao conteúdo dos manuais, em favor de uma escrita mais real, próxima da oralidade, tanto em seus temas quanto na escolha das palavras. Para Bettiol (2006), Mário fez mais do que adestrar os jovens escritores no ofício da criação literária, ele propôs uma releitura do gênero epistolar e da forma como vinha sendo praticado no Brasil daquele período.

Pode-se afirmar que documentos que compõe os arquivos pessoais, como por exemplo, as cartas dessa pesquisa, podem ser entendidos como escrita de si. Para Gomes, as práticas de produção podem ser compreendidas como um diversificado conjunto de ações, desde a constituição da memória por meio do recolhimento de objetos, com ou sem a intenção de formar coleções, até as atividades ligadas à escrita – autobiografias, diários e cartas. A carta é considerada um:

Objeto cuja materialidade se traduz nas cores, no apalpar, nas formas, nas letras e nas múltiplas combinações destes elementos; materialidade eu também pode ser um conjunto de folhas avulsas o conjuntamente dispostas quando impressas num livro (CAMARGO, 2000, p. 205).

As cartas, além da função de comunicação, durante o período em que foram escritas, aproximaram e mantiveram vivo um relacionamento de amizade e carinho recíprocos. Lidas e relidas através dos anos, permitem aproximar a experiência de momentos, pessoas, locais. Trazem o passado ao presente. O amarelado das cartas, as marcas no envelope, o cheiro do papel, a tinta utilizada, a caligrafia, por vezes tão clara, outras ilegíveis e por fim, trêmula, tornam-se documentos relevantes pois integram fragmentos de uma trajetória que pode ser completada por ter sido tão bem resguardados.

4.2 Guardar para imortalizar

De acordo com Schwonke (2018), em vida Leopoldo Gotuzzo fez diversas doações de itens pessoais para comporem um museu com seu nome, e assim, perpetuar sua memória. Quando ele faleceu, o que estava em seu apartamento também foi doado, conforme a vontade do artista e a procuração deixada por ele, seis anos antes de sua morte. Entre os itens, além de pinturas e desenhos

estão móveis, objetos de trabalho como pincéis, tintas e cavaletes, fotografias e recortes de jornais. O Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG) da Universidade Federal de Pelotas, inaugurado em 1986, três anos após sua morte, surgiu a partir destas diversas doações e com o passar dos anos, outros itens, foram integrados ao acervo, entre eles algumas cartas. Para Le Goff (1990), esses escritos são registros importantes na perpetuação da memória.

O uso das letras foi descoberto e inventado para conservar a memória das coisas. Aquilo que queremos reter e aprender de cor fazemos redigir por escrito a fim de que o que se possa reter perpetuamente na sua memória frágil e fálvel seja conservado por escrito e por meio de letras que duram sempre (LE GOFF, 1990, p. 450).

De acordo com o inventário de 2015 do Museu, constam no acervo 19 cartas, a maior parte escritas por Gotuzzo à amigos, conforme anexo B.

Tabela 5 – Cartas do acervo do MALG

Nº	Rementente	Destinatário	Data
01	Leopoldo Gotuzzo	Vitor Santin	Dez/ 1975
02	Leopoldo Gotuzzo	Vitor Santin	Fev/1975
03	Leopoldo Gotuzzo	Vitor Santin	Dez/1967
04	Leopoldo Gotuzzo	Vitor Santin	1965
05	Leopoldo Gotuzzo	Vitor Santin	1965
06	Leopoldo Gotuzzo	Vitor Santin	Jan/ 1964
07	Leopoldo Gotuzzo	Vitor Santin	Dez/1954
08	Leopoldo Gotuzzo	Marina Moraes	Abril/1955
09	Carta autobiográfica		Sem data
10	Leopoldo Gotuzzo	Cardoso Saraiva	Dez/ 1958
11	Leopoldo Gotuzzo	Cardoso Saraiva	Set/ 1958
12	Leopoldo Gotuzzo	Cardoso Saraiva	1958
13	Leopoldo Gotuzzo	Cardoso Saraiva	1958
14	Leopoldo Gotuzzo	Cardoso Saraiva	1959
15	Leopoldo Gotuzzo	Cardoso Saraiva	1958
16	Leopoldo Gotuzzo	Cardoso Saraiva	1963
17	Leopoldo Gotuzzo	Cardoso Saraiva	1952
18	Leopoldo Gotuzzo	Oscar da Cunha Enchenique	Fev/ 1952
19	Antônio Costa Rodrigues	Leopoldo Gotuzzo	Abril/1983

Fonte: MALG

Observa-se que o MALG classificou como carta autobiográfica (Nº 9) um documento escrito à mão por Leopoldo Gotuzzo, que traz informações sobre sua trajetória como artista, como um currículo (anexo C). Por não estar assinada, não ter um destinatário e nem um interlocutor, não pode ser classificada como

tal. Esse documento está mais próximo de ser considerado “release”, um texto escrito com informações objetivas, de onde podem ser obtidas informações específicas para ser enviado à meios de comunicação ou à quem interessar, para divulgação.

Nas cartas de Gotuzzo do acervo do MALG, que foram enviadas à amigos, percebe-se que o conteúdo é formal e objetivo, comparada as enviadas à prima. Halbwachs (2003) reconhece a importância de transmitir uma história familiar, é “transmitir uma mensagem, referida, ao mesmo tempo, à individualidade da memória afetiva de cada família, e à memória da sociedade mais ampla, expressando a importância e permanência do valor da instituição familiar”.

É pertinente enfatizar que tão importante quanto quem escreve é quem guarda. Para Cunha (2008, p. 112) “há nas pessoas um desejo de guardar objetos, de guardar-se em ‘papel’ (fotos, diários, cadernetas, cartas), para salvaguardar-se do esquecimento, conservar o que, quase sempre, se extravia na vertigem do tempo”. Mignot (2000) também reconhece e o processo de arquivar e guardar “envolve uma seleção e uma organização dos documentos que merecem ser lembrados ou preservados” (MIGNOT, 2000 p. 124). Neste sentido, as cartas guardadas por Déa, e posteriormente por sua filha Magda, podem representar uma tentativa de demilitarem seu local no tempo e espaço em que viveu, intuindo a construção de sua memória.

É provável que tenha havido uma triagem pela destinatária. Essas triagens, segundo Artières, podem ser feitas em diferentes momentos e por diferentes pessoas. “Jogamos algumas cartas diretamente no lixo, outras são guardadas durante um certo tempo, outras, enfim, são guardadas até a próxima triagem” (ARTIERES, 1998, p. 21). Apesar de não ter conhecimento se as cartas escritas por Déa e enviadas à Gotuzzo foram guardadas por ele, analisando o conteúdo das cartas é possível afirmar que em grande parte o pacto epistolar¹⁸ foi mantido, pois foram recebidas, lidas, respondidas e guardadas.

De acordo com Gomes (2004), compor arquivos pessoais faz parte de um conjunto de práticas desenvolvidas pelos indivíduos modernos em buscar de materializar sua história, uma espécie de produção de si no mundo ocidental.

¹⁸ Pacto epistolar é “o ato de receber, ler, responder e guardar as cartas” (GOMES, 2004. P. 19).

Gomes salienta que as ações dos indivíduos modernos passaram a ser compreendidas como ativas na sociedade e dessa maneira os documentos por eles acumulados tanto os autorizavam quanto materializavam sua história. Os arquivos pessoais confirmavam a existência do indivíduo no âmbito público e também no privado, e tornavam possíveis a materialização de sua história e dos grupos aos quais pertenciam.

Uma questão que surge, entretanto, é que embora configure em um precioso material de pesquisa, as cartas são documentos da vida privada das pessoas, levantando-se a questão da privacidade em detrimento do direito dos remetentes - os autores - em manter seus diálogos pessoais em sigilo. O escritor Mário de Andrade tinha muita preocupação com o destino que suas cartas teriam e alertava os destinatários sobre sua preocupação. O que não foi suficiente para, em 2015, vir à tona a sua sexualidade, através de suas correspondências privadas, acendendo uma polêmica. Segundo Moraes, (2007, apud Bettiol, p.232):

A possibilidade de que esse complexo material, revelador de intimidades e contraditório pela própria natureza, viesse um dia a se tornar público causava-lhe mal-estar. [...]. Parecia-lhe estar realizando uma “infâmia”, devassando ao olhar público o particular, nascido para ser sepultado na carta. Mário ressentia-se, nesse momento, que o escritor, o artista, por ter “uma vida pública, não pudesse ter uma vida particular” e dá o veredicto a Murilo Miranda, não enviará as cartas, não permitirá que as publique enquanto viver: “devia ser proibido a mostra pública de cartas particulares, por lei governamental. (MORAES, 2007, p. 232).

A preocupação de Mário de Andrade vem do fato ser tão vasta sua produção epistolar que percebia que seria inevitável que elas viessem a público. Se tratando do aspecto prático com relação ao sigilo, ou da relação de Mário de Andrade com o fim de suas cartas, podemos levar em consideração que

Ao ser publicada, saindo da esfera privada, a carta adquire novo status: “este documento que supostamente diz a verdade, este testemunho da esfera do privado passa a ser olhado por todos e a crítica pode agora opinar sobre as informações que ali aparecem representadas”. (VASCONCELLOS, 2008, p. 381).

Pode-se afirmar que *corpus* documental deste trabalho, composto por mais de 50 itens, entre cartas, postais, recortes de jornal e fotografias, foi guardado em um primeiro momento pela destinatária das cartas, Déa Agrifóglio,

e depois por sua filha, Magda Brum, tornaram-se, em elementos do patrimônio, nas palavras de Dauphin e Pouban (2002):

Junto às terras e às casas, ao mobiliário e as joias, a escritura assume uma função identitária forte. Ela vem, certamente, provar a legitimidade das propriedades e das alianças. Mas acarreta também um contato íntimo e concreto com as coisas, os acontecimentos, os ancestrais. As cartas, quanto mais antigas e abundantes, mais terão o poder de legitimar o patrimônio transmitido de geração em geração. (DAUPHIN e POUBLAN, 2002, p. 81-82).

Pensando nesse sentido, pode-se dizer que existe uma relação entre a escrita e a memória que se quer deixar preservada e supõe-se então que a intenção de Gotuzzo, ao escrever para a prima, era unicamente de comunicar-se com ela. Por serem cartas pessoais, trocadas entre dois familiares, provavelmente ele não tinha a intenção e nem imaginaria que essas cartas seriam preservadas e perpetuadas por tanto tempo e ainda futuramente expostas.

As cartas guardadas por mãe e filha podem representar uma tentativa de demilitarem seu local no tempo e espaço em que viveram, colaborando para a construção de suas memórias e da memória de sua família. Conforme Gomes (2004), guardar arquivos pessoais faz parte de um conjunto de práticas desenvolvidas pelos indivíduos modernos em buscar de materializar sua história, uma espécie de produção de si.

Gomes afirma que “cabe a quem lê, e não a quem escreve, a decisão de preservar o registro. Malatian (2015) também reforça que a preservação ou destruição das cartas geralmente fica sob o controle do receptor. Portanto, as decisões de Magda e sua mãe de arquivamento desses documentos, é que permitiram o acesso a esses registros e a este estudo.

Pode-se afirmar então que tão importante quanto a escrita é o arquivamento, pois quem guarda confere um grau de importância decisivo para sua preservação. Para Costa (2015), “quando quem escreveu morre, o escrito permanece lá, guardado em alguma gaveta, sustentando sua presença” (COSTA, 2015, p. 38). Embora Déa e sua filha tenham salvaguardado o conjunto por décadas, atribuindo uma importância para elas, Gotuzzo ao que parece, não preservou as que recebeu de Déa.

O papel de Magda neste contexto foi fundamental para a preservação da memória de sua família. Após a morte de sua mãe, em 1976, até a doação do conjunto, passaram-se 42 anos. Pode-se dizer que ela é uma guardiã da memória. Conforme FELIX (1998), esses personagens surgem quando se deparam com um “sentimento de desaparecimento rápido e definitivo (a aceleração da história), combinado com a preocupação sobre o exato significado do presente e com a incerteza do futuro. Essa combinação traz a necessidade de transformar vestígios em testemunhos, suportes, matérias da memória enquanto referências tangíveis (FÉLIX, 1998, p. 51).

Ao avaliar o estado de conservação do conjunto Gotuzzo-Agrifóglio, pode-se observar que foram guardadas com cuidado, pois estão preservadas em bom estado. A maioria delas estava ainda em envelopes originais e estavam organizadas por ordem cronológica. Para Cunha (2005), guardar é uma forma de resistência, que favorece uma prática do indivíduo tomar distância de si, testemunhar e nos legar seus registros. Candau (2012, 49), afirma que guarda-se pela necessidade de recordar e “para que não nos tornemos seres pobres e vazios, tendo em vista que os suportes materiais da memória vão sendo destruídos pela sociedade capitalista”.

Ao guardar as cartas, Déa e Magda arquivaram a vida do primo, mas de alguma forma, arquivaram a si próprias. Artières (1998) aborda o fato de que o arquivamento do eu é feito em função de um futuro leitor:

Uma prática íntima, o arquivamento do eu muitas vezes tem uma função pública. Pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte (ARTIÉRES, 1998, p.32).

Em depoimento, Magda revela que guardou os documentos exatamente como havia encontrado. Conforme Bosi, “só o objeto biográfico é insubstituível: as coisas que envelhecem conosco nos dão a pacífica sensação de continuidade” (BOSI, 2003, p. 26). Compactuando com as ideias de Bosi, guardar as cartas pode ter sido para Magda uma forma de preservar a memória da mãe e a relação dela com o primo.

De acordo com Costa (2015), a singularidade das cartas é associada a dois aspectos: “sua capacidade para ser permeada e transformada tanto por

quem escreve quanto por quem guarda, e sua capacidade para durar no tempo.” (COSTA, 2015, p. 37). Arquivar é então, antes de tudo, salvar. Quando salvamos o passado através da guarda de documentos, estamos salvando a memória, seja de algum indivíduo ou mesmo a nossa própria. Para Le Goff (1990), todas as pessoas, na medida em que se põem a pensar, produzem, ainda que inconscientemente, suas memórias. Essas memórias, chamadas por Vidal (2007) de arquivos pessoais, são o conjunto de documentos produzidos ou pertencentes a uma pessoa, resultados de uma atividade profissional ou cultural específica.

Temos que distinguir os acervos pessoais dos arquivos privados, que podem relevar uma instituição, e, também, dos acervos familiares, que supõem, geralmente, uma transmissão entre várias gerações. O alcance cronológico dos acervos pessoais não ultrapassa a vida do indivíduo que o constituiu. [...] A leitura destes acervos pessoais remete o historiador ao nível microssocial. Sua leitura nos permite ter um acesso privilegiado à sensibilidade de um período, para entender de forma mais aguda como se articula uma vida pessoal com os acontecimentos mais gerais, como um indivíduo reage, antecipa ou encontra um descaminho para escapar de uma realidade difícil. (VIDAL, 2007, p. 6).

Artières (1998) chama essas práticas de arquivamento do eu de intenção autobiográfica.

Escrever um diário, guardar papéis, assim como escrever uma autobiografia, são práticas que participam mais daquilo que Foucault chamava a preocupação com o eu. Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência (ARTIERES, 1998, p. 24).

Com base nesses autores, pode-se afirmar que Leopoldo Gotuzzo foi categórico no que gostaria de deixar para construir sua memória. Em 1955, o artista doa um conjunto de obras e manifesta o desejo de ver criado um museu que acolhesse sua produção artística: “É meu desejo que quando a Escola de Bellas Artes tiver local adequado e meios para manter, se instale aí uma pequena coleção Gotuzzo, com alguns quadros que possam caracterizar meu modesto trabalho”. Em outro trecho, o artista manifesta a vontade que seu trabalho seja conservado para o futuro:

Apesar da boa vontade e da espontaneidade com que fiz a doação, confesso que muita *cousa* tenho sentido na separação destes quadros

que representam tanto estudo, tanta luta, tanta duvida e... a mocidade “*Che non torna piú*”¹⁹. É também pouco cá de casa que se vae: muitos delles lhe cobriam as paredes e são um pouco gente nossa. Alguns representam as primeiras recompensas que dei a o esforço e à separação de meus Paes e meus irmãos, e também o seu orgulho, a medida que, ainda no estrangeiro, ia ganhando as primeiras premiações officiaes. Mas em tudo isso há também a grande satisfação de vêr que o resultado do esforço de meus Paes, das dúvidas, da mocidade volta para o ponto de partida do rapazola, que sahiu cheio de esperança, mas ao mesmo tempo preocupado com o compromisso que assumia. Nossa Escola, passados tantos anos, também assume um compromisso, o cuidado e a conservação dessas telas que quanto mais durarem mais tempo dirão que um filho de Pelotas lhe deu o que tinha de melhor. Receba, nossa cara Directora, com todos da Escola, meus cordeaes cumprimentos e os melhores votos de felicidade. Saudades do Gotuzzo. (Carta de Leopoldo Gotuzzo, 1955. Acervo do MALG).

Bettiol (2008) explica que o arquivamento e a preservação das correspondências implicam na construção de uma memória, logo, as cartas constituem-se em arquivos vivos, marcando a imagem dos que escreveram. Para a autora, a memória o ausente, resgatando sua presença (BETTIOL, 2008 p. 66). Dessa forma, podemos dizer que algo do passado perdura no presente. O conteúdo das cartas, em constante sintonia com as lembranças do passado, possibilita um “progresso contínuo do passado” sobre o presente. “Nós só percebemos, praticamente, o passado, o presente puro sendo o inapreensível avanço do passado a roer o futuro” (BERGSON, 2006, p. 176).

Refletindo sobre as ideias desses autores e observando a continuidade do conteúdo das cartas, é possível reafirmar que Déa escolheu o que deveria ser preservado e descartou o que não gostaria que fosse exposto. Esse tipo seleção é feita propositalmente, pensando em futuros espectadores, conforme Artières:

Uma prática íntima, o arquivamento do eu muitas vezes tem uma função pública. Pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte (ARTIÈRES, 1998, p. 48).

Além da seleção feita por Déa Agrifóglio, a coleção passou ainda, por pelo menos mais um processo de descarte. Ao selecionar os documentos que seriam entregues para doação, Magda, retirou do conjunto duas cartas que preferiu que permanecessem sob a guarda da família.

¹⁹ Em português: Que nunca mais volta

Uma das cartas retiradas do conjunto tinha como tema central o aniversário de Déa e pode ter sido guardada aleatoriamente, apenas como recordação do carinho do artista com sua mãe. A segunda carta foi enviada em 1964, dias após o golpe militar. Nela Gotuzzo relata o que viu naquele dia histórico no Rio de Janeiro. Esta foi possivelmente selecionada pelo conteúdo, que expunha à posição política de Gotuzzo na época. A escolha de Magda em retirar esta carta, foi, ao que parece, uma forma de não expor o artista a este tipo julgamento.

Sobre a privacidade deste tipo de informação, Vasconcellos (2008, p. 385), ressalta que a Constituição brasileira²⁰ defende a proteção do direito à intimidade: “São invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito à indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação”. De acordo com ele, é possível afirmar que

...o signatário detém o direito autoral da carta; o destinatário possui o direito material, ou seja, ele é dono do suporte, normalmente o papel em que a carta foi escrita, e os dois são protegidos pelo direito à intimidade, assim como daqueles que são mencionados no texto em questão (VASCONCELLOS, 2008, p. 385).

Por esses motivos, ainda que tenha a carta digitalizada e transcrita, optei por preservar o conteúdo e manter a opção da família de resguardar este documento.

5. Os registros dos “eus” de Gotuzzo

A troca de correspondências permite, também, a busca do eu, a escrita de si, a reflexão, já que, de acordo com Foucault “escrever é mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro”. O autor afirma que apesar da distância física que ocorre entre o envio de cartas, “de certo modo, a carta proporciona um face-a-face, pois cada um aí deve desvelar sua alma” (FOUCAULT, 2000, p.150).

²⁰ Constituição brasileira de 1988, ao tratar “Dos direitos e garantias fundamentais”, no artigo 5º, inciso X

Pensando nesse sentido, pode-se pensar que as cartas revelam vários “eus” de Gotuzzo. Para perceber tais aspectos e considerando a proposta de Ribeiro e Vieira (2019), foram criadas categorias e distribuídos trechos que se encaixavam nestes temas por ele abordados. As categorias estão dispostas em quatro partes, social, cultural, artista e saudoso.

Tabela 6 – “Eus” de Gotuzzo

Categoria	Descrição
“Eu” social	Registros de descrição de eventos sociais que participava
“Eu” cultural	Registros eventos culturais que frequentava
“Eu” artista	Registros sobre produção, vendas, exposições, comentários/críticas dos trabalhos
“Eu” saudoso	Registros de memórias do passado, lembradas com nostalgia

Fonte: A autora, com base nas cartas de Gotuzzo.

Alguns trechos encaixam-se em mais de uma categoria. Em algumas cartas, os assuntos se mesclam e se fundem. Gotuzzo mistura o registro de alguma atividade de lazer cultural, com memórias de viagens ou outros momentos de sua vida lembrados com nostalgia.

Foi no “Eu” artista que encontrei mais vestígios. Não poderia ser diferente. Gotuzzo desde cedo fez da arte sua vida, tanto em Pelotas, como na Europa e no Rio de Janeiro, sendo assim, é essa história que ele deixa em maior parte registrada.

5.1 Eu Social

Nesta categoria, foram separados trechos das cartas em que Gotuzzo descreve detalhes sobre eventos sociais que participava. Ao descrever estes eventos, é possível perceber que era socialmente ativo, observar com que tipo de pessoa se relacionava e compreender o que chamava sua atenção em eventos como este.

Em um dos encontros²¹ com Magda, filha de Déa, após a doação do conjunto Gotuzzo-Agrifoglio, foi entregue a ela um documento com a transcrição de todas as cartas, como uma forma dela permanecer com a memória, apesar não possuí-las mais fisicamente. Na ocasião, Magda passou os olhos pelas folhas e lembrou de um episódio descrito em uma das cartas:

Pelo o que ele escreve, você sente o Leopoldo, é uma coisa impressionante. Quando eu fui ao casamento do Fernandinho e da minha prima, esta que faleceu, ele descreveu perfeito como era o casamento, falou em mim, que eu fui procurá-lo na festa, eu fico impressionada como ele descrevia as coisas bem (BRUM, Magda, 2016).

A carta que ela se refere é de 3 de novembro de 1972. Gotuzzo conta detalhes da decoração “bem ornamentada com flores vermelhas e brancas que com a folhagem representavam as cores da bandeira italiana”, descreve desde a entrada da noiva até a aparência dos convidados.

Sábado passado fui ao casamento de Fernando, da Vera (como ela seria feliz se estivesse presente!) na capela do Palácio Guanabara.

[...] Fernando pae entrou com a noiva, com naturalidade, ao passo que o protocolo exige. Loiva bonitinha com seus olhos muito vivos, pequeninha. Um ar feliz que era de ambos! Esquecia um detalhe: Fernando aderiu aos cabelos longos sem cortar a cabeleira.

Lais feliz, alegre. Levando o tesouro que levou tanto tempo para escolher. Fora da igreja, ou melhor, ao lado, depois que eu já havia cumprimentado os noivos, teve uma agradabilíssima surpresa.

Tua Magda veio a mim, elegante, debaixo de um chapelão como estão usando, trazendo consigo uma prova de que a beleza continua sendo a característica da família (Carta 47, de 1972).

Em 1920, Gotuzzo então com 33 anos, descreve para a prima detalhes de uma festa que esteve na embaixada inglesa, no Rio de Janeiro.

Dansei até às 3 horas. (Por que agora sei dansar!...) Ahi tive ocasião de ver parte das famosas joias da embaixatriz. Maravilhosas perolas cobriam e percorriam bastante seu corpo esguio e pouco protegido pela bellesa... Disse-me uma moça muito espirituosa que ella é um feixe de ossos atado com perolas! Para te dar idéia do que ella possui em jóias basta te dizer que paga, de seguro, por mez, 200 libras! Num baile em Petropolis mostrou-se descontente para com alguém que lhe pusera lança-perfume. Mas aqui no Rio o carnaval entusiasmou-a a tal ponto que cabia na pandega. Hoje nos bailes, dança toda noite (Carta 6, de 1920).

²¹ - Encontro realizado na casa de Magda Brum, em novembro de 2016 com a pesquisadora Raquel Schwonke, para sua tese de doutorado.

Quatros meses depois, ele comenta que segue participando de eventos sociais deste tipo. “Tenho ido a muitos bailes continuando o maxixe como *specialité della casa!*” Ainda afirma com ironia que isto é o que o motiva a pintar “Na minha exposição foi freqüente esta pergunta: Como *poude* trabalhar tanto, indo a tantas festas? E eu dizia: São as festas que me animam a trabalhar” (Carta 7, de 1920).

Já mais velho, aos 74 anos, ele comenta que segue apreciando casamentos, inclusive menciona vontade de casar.

Hoje vou a um casamento na Gloria do Outeiro*²². Acho muito bonita estas cerimoniaes naquele templo, que certa vez, disse a Ataupho de Paiva: “Acho tão bonito os casamentos aqui que tenho vontade de casar”. E ele, solteirão de nascença, acrescentava: eu também estava pensando nisso” (carta 28, de 1963).

Em 1967, em outra festa, comenta do atraso da noiva e com ironia do cabelo de uma pianista.

Não é comum um casamento em domingo, pois foi o que me tocou. A noiva chegou atrasada uma hora (!) Foi ahi que percebi que podia ter feito acabar as cousas. [...] A Tagliaferro²³ tem exagerado tanto o vermelho dos cabelos que quando se apresentou parecia querazia uma labareda na cabeça. Felizmente aquelle fogo todo se manifestou em suas mãos e na ponta dos dedos com um lindo concerto (Carta 35, de 1967).

5.2 Eu cultural

Além da vida social agitada, a vida cultural de Gotuzzo também era bastante intensa. Ele visitava exposições de arte, concertos de música clássica, peças de teatro e ia com frequência ao cinema. Através das cartas é possível perceber que estava sempre inserido nesse núcleo e informado dos eventos culturais no Rio de Janeiro. “*Ante-onthem* inaugurou-se a exposição retrospectiva do tempo do império. Ainda não visitei, mas sei que está muito interessante” (Carta 5, de 1921). E com frequência fazia um panorama geral sob o ponto de vista cultural do que estava acontecendo na cidade, como em cartas de 1965 e 1971.

²² Igreja de Nossa Senhora da Gloria do Outeiro, situada no Bairro da Glória, no Rio de Janeiro.

²³ Magda Tagliaferro (1893-19860), pianista brasileira, considerada um dos grandes nomes da música no século XX. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Magda_Tagliaferro. Acesso em: 10/09/2020.

A Symphonica de Vienna nos deliciou com perfeitas canções. Os portugueses estão também com uma grande exposição que ainda não pude visitar. O Festival de cinema tem dado muito o que falar. As artistas estão cada vez se despidendo mais! (Fonte: Carta 31, de 1965). Este ano temos tido boa musica e também alguns filmes de boa qualidade. Em pintura só se vêem estes fenômenos que os críticos anunciam como verdadeiros gênios. Felizmente pouco tempo após já não se fala mais. (Fonte: Carta 45, de 1971).

Assim como as artes visuais, a música também era uma grande paixão de Gotuzzo. Principalmente a clássica. “Satisfazendo minha antiga tendência, tenho ouvido boa música. Ouvi há pouco com a O. S. B²⁴., regida por Harry Blech²⁵, a 9ª de Schubert lindamente executada. Ultimamente um trompista também inglês tocou muito bem Mozart e Hindemith²⁶ (Carta 50, de 1973).

Frequentar eventos deste gênero era um hábito bastante comum e o agradava muito. “Frequentemente no Municipal ouvindo boa musica penso em ti, imaginando o quanto gostarias estar também presente. E temos tido muita coisa boa. A orquestra sinfônica brasileira tem nos dado ótimos concertos (Carta 11, de 1950)”. Com o passar dos anos, segue participando deste tipo de evento e compartilhando com a prima:

Temos tido em musica algumas cousas boas. O pianista Michelangeli toca lindamente a tal ponto de perfeição que e faz perdoar seus caprichos. Tivemos também uma deliciosa Orquestra de Camera de Berlim. Foi uma felicidade ouvi-la. (carta 30, de 1964).

Um ano mais tarde, comenta que se encantou com uma apresentação em particular. “As comemorações do IX centenário do Rio tem nos dado muita coisa boa. Quando cá estive o presidente da Italia, trouxe um excelente conjunto de artistas da “Opera di Roma” que por 4 vezes nos cantou e encantou com um Barbiere di Siviglia²⁷ perfeito (Carta 31, de 1965)”.

Algumas destas apresentações são descritas em detalhes para a prima, como em carta de 1963.

²⁴ Sigla para Orquestra Sinfônica Britânica

²⁵ Harry Blech (1910-1999), violinista e maestro britânico.

Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Harry_Blech. Acesso em: 10/09/2020

²⁶ Paul Hindemith (1895-1963), compositor e maestro alemão.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Paul_Hindemith. Acesso em: 10/09/2020

²⁷ em português “O Barbeiro de Sevilha”, ópera musical, do compositor italiano Gioacchino Rossini (1792-1868). Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Il_barbiere_di_Siviglia. Acesso em: 10/09/2020

Por falta de localidade não pude ouvir ali a orquestra filarmônica de Londres, regida por Barbirolli²⁸. Tive que a ouvir no Maracanãzinho, que é um ambiente mais para esporte. Quando lá cheguei era enorme a assistência e a algazarra na mesma proporção. Eu pensava, e Barbirolli com mais razão: será possível reger uma orquestra neste lugar? Pois nos enganamos! Depois das palmas que o receberam, quando levantaram os braços para saudar os músicos, se fez um silêncio absoluto que continuou até o fim. Tive uma grande satisfação nesta conduta inesperada. Os únicos ruídos que se ouviram vieram de fora, uma lambreta, um ladrar longínquo de um cão. O maestro juntou esta nota nova em sua carreira artística. Regeu uma orquestra ouvindo o ladrar de um cão. Naturalmente o tom da orquestra perdeu um pouco, mas ainda assim tivemos muita coisa bonita. O quinteto foi um dos pontos altos do festival. Que perfeição! (Carta 28, 1963).

Gotuzzo também era bastante crítico quando os concertos não o agradavam.

Estamos em pleno Festival Internacional da Canção²⁹, sem grandes cousas para admirar. É incrível o que alguns chegam a apresentar com gestos malucos e ausência completa de harmonia. Para alguns eu daria como prêmio uma camisa de força. Para outros eu tiraria a cédilha...sem camisa! Que saudade de Mare Chiaro, Sole Mio, Santa Lucia (Carta 47, de 1972).

Além de exposições e concertos musicais, Gotuzzo também frequentava peças de teatro e cinema e sempre que o fazia, compartilhava suas impressões com a prima. “Ha algumas coisas interessantes nos teatros. A qualidade de nossos atores melhoraram muito” (Carta 28, de 1963). Em 1972, conta que assistiu dois filmes e dá sua opinião sobre eles.

Fui ver “A Capital Federal” de Arthur Azevedo. Está bem encenada e dá momentos de alegria e bom humor. Vi-a em Pelotas quando raparola. Fui ver “O Poderoso Chefão” filme que se desenvolve no mundo da máfia, muito violento, inteiramente fora do gênero que prefiro. Muito bem feito o que o torna ainda mais trágico (Carta 47, de 1972).

5.3 “Eu” artista

A vida artística de Leopoldo Gotuzzo é um dos temas mais abordados nas cartas. Também não poderia ser diferente: uma vida inteira dedicada à arte. Sua

²⁸ John Barbirolli – maestro e violoncelista inglês (1889-1970)

Fonte https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Barbirolli. Acesso em: 10/09/2020.

²⁹ Festival Internacional da Canção Popular (FIC) foi um concurso de músicas nacionais e estrangeiras, anual, realizado no ginásio do Maracanazinho, no Rio de Janeiro, e transmitido pela TV Rio (primeira edição) e pela TV Globo. Teve sua primeira edição em 1966 e última em 1972, devido à censura do governo militar.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Festival_Internacional_da_Can%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 10/09/2020

trajetória começa ainda criança, em 1900, aos 13 anos, quando estudava na Escola São Luiz Gonzaga e recebeu distinção em desenho (SCHWONKE, 2018. P. 46). Um pouco depois, em 1903, enquanto aluno de Frederico Trebbi, realizou sua primeira exposição na Bibliotheca Pública Pelotense. Em 1915, aos 28 anos, começa a participar dos salões de arte. E segue até o final da década de 1970 expondo.

Esse foi o seu único ofício durante toda vida e pode-se dizer que também ajudava no sustento da casa, que dividia com as irmãs, que não trabalhavam e moravam com ele no Rio de Janeiro, boa parte da vida.

Através das cartas é possível identificar épocas de maior produção do artista e períodos que confessa não estar trabalhando tanto ou nada. Em 1920, aos 33 anos, a sua produção estava à toda:

Não saí do Rio no verão. Embora sentisse bastante calor suportei-o regularmente bem, interessado estava em reproduzir as belezas desta maravilhosa terra. Já tenho prontas dez paisagens grandes e umas trinta impressões pequenas, a maior parte feita nas praias (Fonte: Carta 6, de 5 de maio de 1920).

Um ano mais tarde, comenta sobre uma pintura feita. “Continuo trabalhando, fiz um quadrinho bonito na entrada do hospício. Um flamboyand, uma acácia chamada vulgarmente chuva de ouro, é um quadro com as cores rio. (carta de 7/1/1921). Esta obra foi vendida em exposição em 1936, conforme documento do acervo do MALG:

Figura 25 - Listagem com nome das obras e respectivos compradores.
Exposição Leopoldo Gotuzzo. Sociedade Sul Riograndense, 1936.

EXPOSIÇÃO LEOPOLDO GOTUZZO	
Sociedade Sul Riograndense, de 9 a 28 de Julho de 1936.	
"Copacabana"	Fernando Magalhães Castro
"Margens do S. Barbara (Pelotas)"	Fernando de A. Machado
"Icarahy"	Fernando Magalhães Castro
"Ipê florido"	Raul Camargo
"Cathedral de Pelotas"	Rubens Antunes Maciel
"Aspecto de Inverno"	Grabowski (Embaixador Polo-
"Ponte do Riacho"	" " (nez
"Igrejinha da Gloria"	Ministro Rodrigo Octavio
"Icarahy"	Anonymo
"Igreja S. Francisco" (Porto)	Ministro Ataulpho Paiva
"Praia das flexas"	Louis La Saigne
"Escadas de Codeçal" (Portugal)	Cesar Lopes
"Avenida Niemeyer"	Raul Cabral
"Flambayant do Hospício"	Bébé Lima Castro
"Praia Vermelha" (Niotheroy)	Santos Lobo
"Igrejinha S. Francisco" (Niotheroy)	Raul Bonjean
"Os Arcos"	Viúva Caldas Vianna
"Palmeira de Paula Mattos"	" " "
"Flamboyant"	Annita Miranda
"Rue Maurice (Quimperlé)"	Laura Rocha Guimarães
"Jardim da Gloria"	Julio Moura Rolin

Fonte: Acervo do MALG.

É possível confirmar que mesmo com o passar dos anos, sua produção continua intensa. Em 1963, Gotuzzo recebeu a visita de Magda, filha de Florzinha, e conta que mostrou suas últimas pinturas. "Continuo trabalhando e houve um momento em que pude mostrar a nossos visitantes algumas das ultimas cousas que tenho feito (Carta de 23 de dezembro de 1963). Aos 76 anos, ainda pintava, mas vendia menos, conforme expressa em carta de 1973: "Tenho trabalhado muito e vendido razoavelmente." (Fonte: Carta 28, de 26 de setembro de 1963). Quatro anos depois, confessa que ficou um ano sem trabalhar, mas retorna às pinturas e fica satisfeito com o resultado. "Depois de praticamente um ano sem pintar tenho podido fazer alguma coisa aproveitando a temporada de

uvas que é um motivo de que gosto. Pude verificar com surpresa que continuo em forma e que resultado obtido 'e melhor que habitual postura de um velhote (sou modesto!) de 80 anos. (Fonte: carta 34, de 12 de março de 1967). Esta obra que ele se refere faz parte do acervo do MALG.

Figura 26 - Obra as uvas dos meus oitenta anos. Rio de Janeiro, 1967.



Fonte: Acervo do MALG.

Outro fato curioso contado nas cartas são detalhes de aberturas de suas exposições, com descrição de convidados, pessoas ilustres que compareceram e seu parecer geral.

Como terás visto pelos jornaes, inaugurei-a na tarde de 23 de setembro com a presença do que há de melhor no mundo carioca. A impressão de todos foi bôa, dando-me a esperança de um êxito bastante animador. Assim foi felizmente; pois a sala manteve-se sempre muito freqüentada e a opinião de todos foi favorável para com o autor. A critica, pela voz dos jornaes, dos colegas e do publico em geral foi bem animadora (Carta 7, de 1920).

Em 1957 comemora o grande êxito de uma exposição “A inauguração foi uma festa, talvez a melhor que já tive. A vasta sala se manteve durante mais de duas horas repleta de um publico fino e elegante. A colônia pelotense esteve absurdamente e elegantemente representada. Estou muito contente com o resultado artístico e financeiro” (Carta 19, de 1957).

Como em trecho da carta acima, detalhes de como foram as vendas também eram revelados à prima. Em 1919, ele comemora o excelente resultado de uma das exposições e cita com orgulho que uma de suas obras havia sido comprada por um médico que tinha “fama de conhecedor” .

A véspera de encerramento foi o “record” de venda ate hoje. Naquele dia fiz 3:400.000. o hotel foi de 7:500.000. Vendi 14 pinturas, muitas pequenas e entre as quais figura o retrato de Janete. Comprei-o Dr. Austregesilo³⁰, dizem possuidor de uma bella coleção de quadros. Para mim uma alegria ter um quadro na sua coleção, porque sua casa é frequentadíssima e ele tem fama de conhecedor (Carta 4, de 1919).

Um ano mais tarde, porém, o resultado não foi tão animador. “Quanto ao resultado prático, um pouco inferior ao *anno* passado. As impressões pequenas foi o que mais vendi. Falo com tanta *franquesa* porque falo a ti. A uma pessoa estranha não usaria tais modos de expressão” (Carta 07, de 1920). Ainda nesta carta, ele encaminha uma crítica que havia saído em um jornal local sobre a exposição e solicita: “irradia para os parentes estas impressões, já que não posso escrever a todos”, mostrando preocupação com a sua imagem perante a família.

Pode-se perceber que existem períodos de altos e baixos. Anos mais tarde, a boa safra retorna e as vendas podem ser novamente motivo de satisfação do artista. Em 1951 ele faz uma exposição no Teatro Municipal do Rio de Janeiro e conta em detalhes sobre o sucesso que foi a inauguração, uma das melhores que já teve.

De 2 a 24 deste, fiz uma exposição, que, felizmente alcançou bastante êxito. Desta vez tive oportunidade de expor no salão assírio (Teatro Municipal), bela e ampla sala, onde pude dar a meus quadros uma distinção que lhes foi inteiramente favorável. De fato os quadros foram apresentados convenientemente separados um dos outros, sem necessidade de serem sobrepostos. A inauguração foi uma festa, talvez a melhor que já tive. A vasta sala se manteve durante mais de duas horas repleta de um público fino e elegante. A colônia pelotense esteve absurdamente e elegantemente representada. Estou muito contente com o resultado artístico e financeiro. Ao lado das figuras a óleo, apresentei cabeças desenhadas a carvão que obtiveram um êxito marcante. Foi tão favorável a impressão deixada por estes desenhos,

³⁰ Dr. Antonio Austregesilo foi médico, pioneiro da neurologia brasileira, criou a primeira escola neurológica no Rio de Janeiro, em 1912. Foi presidente da Academia Nacional de Medicina e da Academia Brasileira de Letras. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 23 de dezembro de 1960. Fonte <https://www.academia.org.br/academicos/antonio-austregesilo/biografia> – acesso em 17 de abril de 2020.

que tive diversas encomendas, uma das quais já em execução. A visitação se manteve intensa e a crítica foi das melhores (Carta X).

Fazem parte da coleção Leopoldo Gotuzzo do MALG diversos desenhos à carvão, como os citados por ele na carta.

Figura 27 – Desenho a carvão sob papel de Leopoldo Gotuzzo. Figura 28
Grafite sobre papel, auto-retrato



Fonte: Acervo do MALG.

Alguns anos depois do sucesso dos desenhos em carvão, em 1957, o artista compartilha uma nova exposição e comenta que o que mais vendem são as flores. “Havia um pouco de tudo. Predominantemente flores que é o que mais compram ainda. (Carta 19, de 1957).

Figura 29 – Pintura. Óleo sobre tela. *Sem título*, 1947, Leopoldo Gotuzzo.



Fonte: Acervo do MALG.

Em 1965 também é comemorado o resultado positivo da exposição no Museu Nacional de Belas Artes “praticamente rendeu quasi dois milhões e meio. Ao lado de telas recentes apresentei outras mais antigas que completaram o êxito artístico” (Carta 31, de 1965).

Também era comum transcrever crítica de revistas e jornais e outras impressões para serem compartilhadas com os demais parentes. Sobre uma exposição em 1951, no salão assírio do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, ele relata: “A visitação se manteve intensa e a crítica foi das melhores. Irradia para os parentes estas impressões, já que não posso escrever a todos” (Carta 12, de 1951). Em carta de 1920, escreve: “A Revista da Semana de sabbado passado reproduz a visita do Presidente. Mando-te alguns jornaes diários que se ocuparam das minhas pinturas. Para mais segurança resolvi cortar as noticias e envia-las junto a esta” (Fonte: Carta 7, de 8 de setembro de 1920). Em 1965 também transcreve notas de jornal:

Vou te reproduzir duas notas pequenas que appareceram no “Globo” e no “Correio da Manhã: Tem sido muito visitada a exposição de L. G. no Museu Nac. de B. A. e que agrada principalmente pela variedade de temas abordados pelo artista. Oleos e pasteis todos são executados pelo pintor com grande sensibilidade e extremo bom gosto. A do Correio na secção “Eles são noticia”... diz: L.G. aos 79 anos continua em forma. Acaba de realizar uma exposição e pode ser considerado um dos primeiros artistas do impressionismo brasileiro. L. vive em Santa Tereza num autentico ambiente da “*Belle Epoque*” carioca (Carta 31, de 1965).

Além de falar sobre a produção e exposições atuais, também compartilhava com a prima os planos para o futuro, encomendas e novas exposições. “Penso fazer a minha próxima exposição em fim de junho ou começo de julho” (Carta 6, de 1920).

Em 1962, anuncia planos de uma exposição em Pelotas: “Parece que 1962 me levava ate ahí, pois estão projetando exposições em Pelotas” (Carta 24, de 1962). Um tempo depois, em outra carta do mesmo ano, ele dá mais detalhes: “Penso depois no próximo mês voltar a Pelotas a fim de fazer minha exposição que será um dos números da programação das festas do seu centenário. Vou a convite da Prefeitura, vou dar um jeito de ver vocês todos” (Carta 25, de 1962).

Quase uma década depois, outra plano futuro para exposição em Pelotas, desta vez iniciativa da Universidade Federal de Pelotas. “Há um projeto em Pelotas, e a iniciativa é da Universidade de organizar uma retrospectiva minha. As obras que estão na cidade eu juntaria outras que estou executando para mostrar que o pintor ainda faz alguma coisa (Carta 45, de 1971). Em março do outro ano, ele retoma o assunto da exposição “Retrospectiva é o nome que deram, porque vai ser feita apenas com as obras que lá estão e as de recente execução para provar que ainda faço alguma coisa” (Fonte: Carta 46, de 5 de março de 1972).

Em 1973, recebeu uma visita de “elementos da APLUB” e acabou vendendo vários quadros que tinha em seu ateliê:

Vieram sondar o que tenho, pois querem organizar em sua sede uma exposição permanente de pintura exclusivamente de pintores gaúchos. Tiveram boa impressão de meus quadros e levaram logo cinco. Há esperança de que outros que também agradaram muito, tenham o mesmo destino. Esta primeira visita rendeu 50 mil à vista. Agosto deu gosto (Carta 51, de 1973).

Aos 87 anos não ainda só pintava, como também recebia encomendas. “Tenho uma encomenda de rosas para um médico de Pelotas. O velhote ainda está em forma e o que tem pintado agrada” (Carta 52, de 1974). Esta encomenda ele finaliza três meses depois, como consta em carta de setembro do mesmo ano:

Acabei hoje um quadro de rosas vermelhas para Pelotas. O que tem fora do comum é que as medidas devem ser da moldura pela parte externa e eu tive que encher o que sobrou com espaço livre. Naturalmente já tem um lugar destinado para aquelas medidas (Carta 53, de 1974).

Sensibilidades

Fernando Pessoa³¹ afirmou que “toda a arte se baseia na sensibilidade, e essencialmente na sensibilidade. A sensibilidade é pessoal e intransmissível”. É através dela que se reconhece e se traduz o que é característico de cada pessoa

³¹ Fernando Pessoa, em carta a Miguel Torga, 1930.

e essa particularidade é percebida nas cartas de Gotuzzo, ficando ligada ao seu “eu artista”.

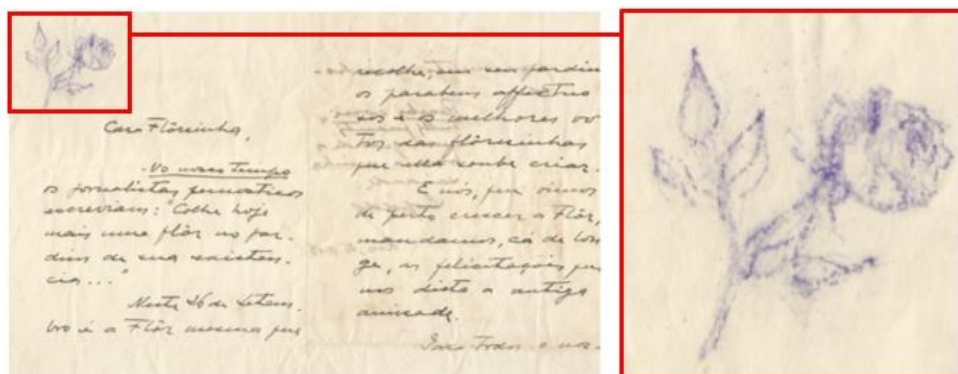
Para Pesavento (2003), sensibilidades são uma forma do ser no mundo e de estar no mundo.

As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de representação da realidade através das emoções e dos sentidos. Nesta medida, as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a capturar no passado, à própria energia da vida. Sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez, do real e do não real, do sabido e do desconhecido, do intuído ou presentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real ou comprovada, o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação (PESAVENTO, 2003, p. 58).

Para a autora, pensar nas sensibilidades é “mergulhar no estudo do indivíduo e da subjetividade, das trajetórias de vida, enfim. É também lidar com a vida privada e com todas as suas nuances e formas de exteriorizar – ou esconder – os sentimentos” (PESAVENTO, 2003, p. 62).

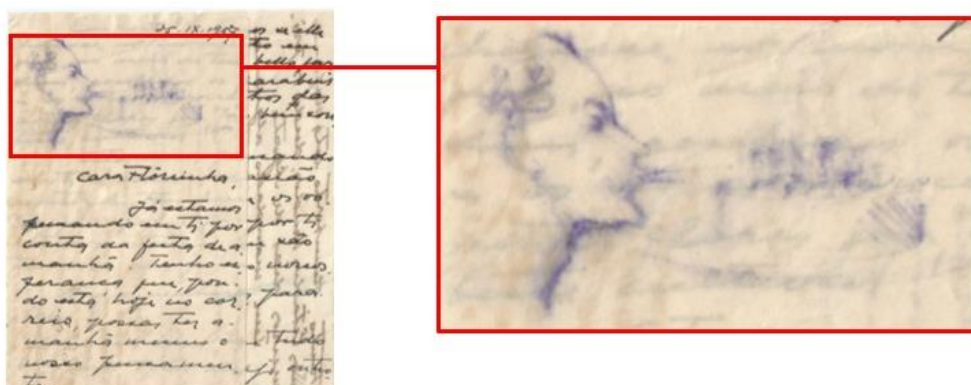
Essas sensibilidades podem ser analisadas nas cartas não só através da escrita, mas também, de desenhos feitos pelo artista. Em cartas enviadas em datas comemorativas, como o aniversário de Déa ou as festas de final de ano, era comum Gotuzzo fazer um pequeno desenho, que ficava sempre na primeira página, no canto superior. Pode-se supor que era uma forma de presentear, sem um valor de mercado, simplesmente para tornar aquela carta mais especial, diferenciando-as das demais.

Figura 30 - Desenho de uma rosa, em carta comemorativa ao aniversário de Déa.



Fonte: Carta 18, de 1956 - - Conjunto Gotuzzo-Agrifoglio

Figura 31 - Desenho de uma mulher de perfil, assoprando as velas de um bolo



Fonte: Carta 48, de 1973 - Conjunto Gotuzzo-Agrifoglio

Figura 32- Desenho de uma mulher de perfil.

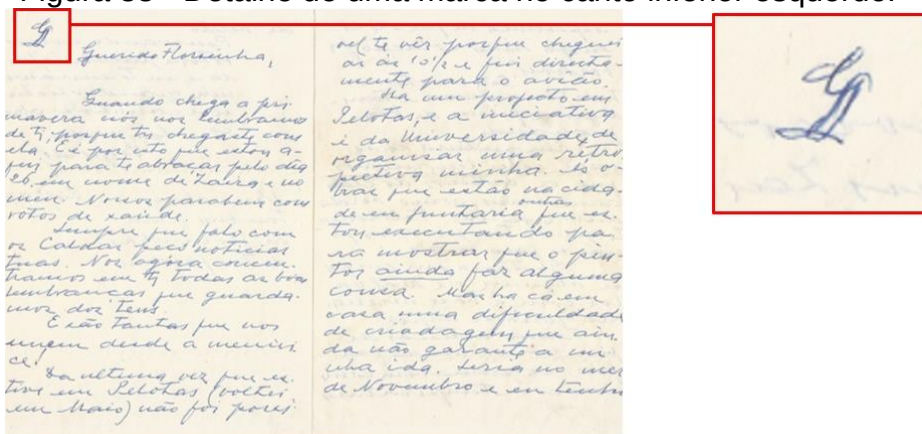


Fonte: Carta 24, de 1962 - Conjunto Gotuzzo-Agrifoglio

Além dos desenhos, a partir de 1959 Gotuzzo passa a incluir seu monograma nas cartas, no início ou no fim, também era comum a mesma marca aparecer nos envelopes. É possível supor que o artista tivesse a intenção de emular um sinete, espécie de carimbo com monograma empregado para lacrar as cartas com cera, de uso comum nos séculos XVII e XVIII entre as famílias abastadas.

Outra possibilidade é que, por não ter um papel timbrado, fosse uma forma de padronizar as correspondências, ou ainda, deixar sua marca registrada, como uma forma de autenticidade.

Figura 33 - Detalhe de uma marca no canto inferior esquerdo.



Fonte: Carta 9 – Conjunto Gotuzzo-Agrifóglio.

O clima também era um dos temas mais abordados nas cartas e expõe também a sensibilidade do artista. Com frequência ele se queixava das altas temperaturas no Rio, falava sobre as épocas de chuvas em grande quantidade ou sobre características das estações do ano, como em carta de 1973, em que fala das cores de uma árvore: “As amendoeiras da Praça Paris, contrariando a natureza vão tomando um aspecto de outono. Começam a ficar com a folhagem amarela, dourada, carmim antes de caírem as folhas” (carta 51, 1973).

Com frequência descrevia os detalhes e sensações que o clima trazia, como em carta de 1970: “Para terminar mando-te um grande e carinhoso abraço nesta tarde de sabbado, cheio de luz e um céu azul que dá vontade de viver.” (Carta 41, de 1970); e carta de 1967 “[...] uma manhã de grande beleza, muito sol, muita cor e muita saudade (Carta 34, de 1967)”. Pode-se supor que essa sensibilidade e relação com o clima influenciava também no seu trabalho, como

em carta de 1949: “Lamento que a temperatura fria que me foi tão agradável, não me tenha permitido trabalhar ao ar livre. Tenho feito muitos passeios para fora e visto muita coisa poetizada pela saudade” (Carta 10, de 1949)

5.4 Eu saudoso

Não é de hoje que as sociedades têm o prazer de recordar. Ao longo do tempo, o homem registra e tenta repassar suas histórias, lembrando e armazenando-as, de forma seletiva, utilizando para isso a tecnologia disponível, seja o carvão na parede da caverna, os desenhos nos sarcófagos, os manuscritos em papiro, a fotografia, as cartas, os postais, e-mails, mensagens de texto. Indenepentente do formato, esses registros são testemunhos de nossa interação com o outro e acabam se tornando rastros de memória, como classificou Paul Ricoeur (2010):

Desde o comentário dos textos de Platão e Aristóteles, fundamentados na metáfora da impressão na cera, propus distinguir três espécies de rastros: o rastro escrito, que se tornou, no plano da operação historiográfica, rastro documental; o rastro psíquico, que é preferível chamar de impressão, no sentido da afecção, deixada em nós por um acontecimento marcante ou, como se diz, chocante; enfim, o rastro cerebral, cortical, tratado pelas neurociências (RICOEUR, 2010, p. 425).

A memória, para Halbwachs (2006), é um processo de reconstrução, pois lembramos um determinado acontecimento do passado a partir do presente. Ou seja, a memória não é uma repetição exata do que aconteceu, mas sim uma reconstrução no contexto atual do indivíduo.

A memória é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. (HALBWACHS, 2006, p. 9).

Pensando nessa afirmação de Halbwachs, é possível constatar que esse processo de reconstrução é feito cada vez na medida em que Gotuzzo envelhece. Suas memórias são cada vez mais enfatizadas nas cartas.

Lembro-me agora que a primeira vez que vi Barbirolli reger foi em Florença, no Palacio Vecchio, “uma vitória” de Michelangelo e outras estatuas de grande valor. A decoração dos murais feitas de grande beleza e riqueza fizeram daquele grande concerto um espetáculo inesquecível. Em Roma, ouvi também boa musica. A orquestra da

Academia de V. Cecilia em seu vasto auditório regido por Fernando Frontalli. (Fonte: Carta 28, 1963)

Com o passar dos anos é possível perceber na escrita uma certa melancolia e saudosismo. Ele passa a se referir muito ao passado e assuntos como doenças na família, seu tempo na Europa e algumas lamentações e ressentimentos passam a ser percebidos. O artista com frequência passa a escrever sobre o passado, memórias, lugares onde esteve, pessoas que conheceu, amigos que já partiram. “O escrito tende a estar associado com a memória e, de fato, é um tipo de memória”, escreve Costa (2015, p. 37) e de fato é possível observar que quanto mais os anos passaram, mais frequentes ficaram as escritas sobre as memórias antigas, e menos escritas sobre o futuro (COSTA, 2015, p.37).

Sobre o passado, Gotuzzo repete em vários momentos a saudade da terra Natal. Em 1967 escreve: “Minha lembrança me leva sempre para Pelotas”. Para Ecléa Bosi (1995), uma das funções sociais do velho é recordar, ou seja, reconstruir o passado a partir de um olhar do presente.

Considerando que o ato de lembrar é fundamental na ressignificação da própria vida e também do reconhecimento de si, buscamos investigar as lembranças de velhos sobre a perspectiva de sua trajetória de vida e de trabalho e quais características atribuídas a esse universo. Em nossa sociedade, o trabalho tem papel fundamental por ser tanto um fator de socialização, quanto de aceitação social. Lembrar o passado e, principalmente, um passado de trabalho, contribui para o aumento da integridade e da auto-estima (BOSI, Ecléa, 1995, p. 67).

Outro tema comum às cartas, são as cidades em que Gotuzzo viveu. Para Pesavento (2012), as cidades exercem um fascínio sobre os homens e existe uma forte relação do espaço urbano com as sensibilidades.

A cidade, na sua compreensão, é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Mas a cidade é, ainda, sensibilidade, [...]. Cidades são, por excelência, um fenômeno cultural, ou seja, integradas a esse princípio de atribuição de significado ao mundo. Cidades pressupõe a construção de um ethos, o que implica na atribuição de valores para aquilo que se convencionou chamar de urbano (PESAVENTO, 2012, p.67).

Os locais onde Gotuzzo morou na Europa também são constantemente referidos³², uma evidência de que foram importantes na trajetória pessoal do artista, visto que essas lembranças vinham sempre à sua memória. Mais de 40 anos após ter voltado da Itália, ele ainda relembra com nostalgia o tempo que havia morado lá, conforme carta de 1959.

Roma e Portofino são os lugares que mais vivi na Itália. A beleza e o affecto deram-lhes numerosa importancia em minha vida. Vejo na minha memoria tudo e todos como se os tivesse deixado hontem... Bellas cousas, bôa gente não podem ser esquecidas. Tenho passeado, através de teu postal, quase como o fazia quando la estava. [...] De Piazza di Spangna a Piazza del Popolo vae-se por via del Babuino³³, onde morei muito tempo. (Carta 23, de 9 de outubro de 1959)

Figura 35 – Fotografia de Gotuzzo em Roma, em 1910.



Fonte: Acervo do MALG.

³² Como nas cartas de 26 de setembro de 1963, 23 de setembro de 1965, 25 de setembro de 1967, 26 de setembro de 1976, entre outras.

³³ - Via del Babuino é uma rua no centro histórico de Roma, Itália, localizada no rione Campo Marzio. Ela liga a Piazza del Popolo a Piazza di Spagna e é parte do complexo de ruas conhecido como "Tridente", juntamente com a Via del Corso e a Via di Ripetta. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Via_del_Babuino - acessado em 25 de abril de 2020.

Em carta de 1962, aos 75 anos, o artista relembra mais uma vez dos tempos na Europa, e demonstra vontade de voltar ao continente, fato que nunca ocorreu.

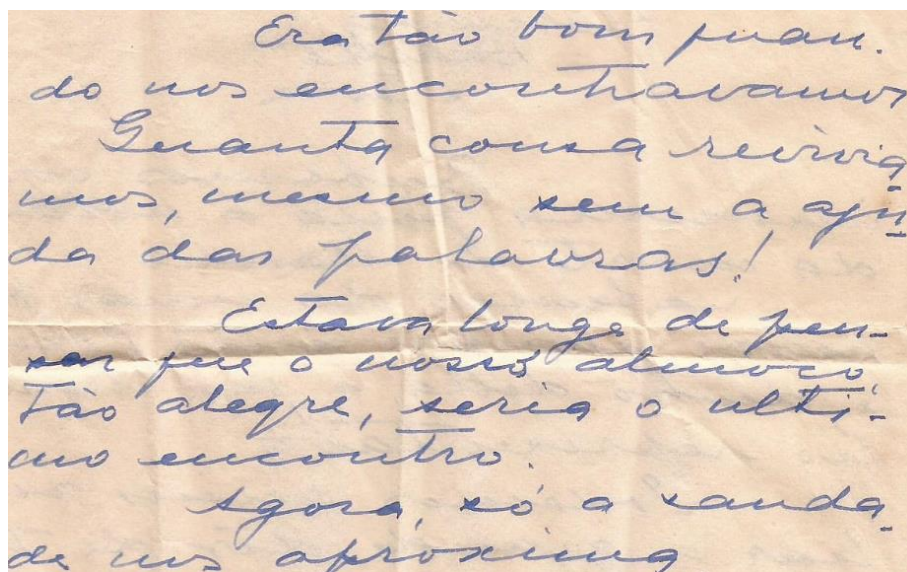
Oxalá votos de que outra ida a Itália se realize! Trouxe tão boas lembranças que me sinto mais do que nunca, fortemente atraído por tudo que vi e revi. Alguns dolares me sobraram, estou conservando como semente para uma nova colheita de beleza (Fonte: Carta 24, de 1962).

Além de contar detalhes do cotidiano, sua vida social, os eventos que frequentava como festas, peças de teatro e cinema, ele também revelava à prima assuntos pessoais, como problemas de saúde e com frequência mencionava que sentia muita saudade e tinha boas lembranças do tempo que passavam juntos.

Gostei imensamente de estar algumas horas com vocês. Ha tanta coisa do passado que me passa pela cabeça, sempre que os vejo ... estou só com vocês. Ao cortejo de gente e de fatos que a memória faz desfilas dentro de mim como se não fosse de tantos anos atrás. Cada um tem seu mundo de saudades, agradeço todas as gentilezas. (Fonte: Carta 26, de 1966).

Com o passar dos anos, com cada vez mais frequência Gotuzzo escreve sobre mortes na família, o estado de saúde das irmãs e o seu próprio. Em carta de 1973, ele lamenta a morte de Manlio, irmão de Déa. “Estava longe de pensar que o nosso almoço, tão alegre, seria o último encontro. Agora só a saudade nos aproxima”.

Figura 36 – Excerto de Carta 27, de 27 de abril de 1963.



Era tão bom quando
do nos encontrávamos
Quanta coisa revivia
nos, mesmo sem a ajuda
das palavras!

Estava longe de pen-
sar que o nosso almoço
Tão alegre, seria o últi-
mo encontro.

Agora, só a saudade
de nos aproximando

Em carta do mesmo ano, as palavras passado, memória e saudades voltam a aparecer.

Ha tanta coisa do passado que me passa pela cabeça, que sempre que os vejo... estou só com vocês. Ao cortejo de gente e de fatos que a memoria faz desfilar dentro de mim como se não fosse de tantos anos atrás. Cada um tem seu mundo de saudades. (Fonte: Carta 26 de 1963).

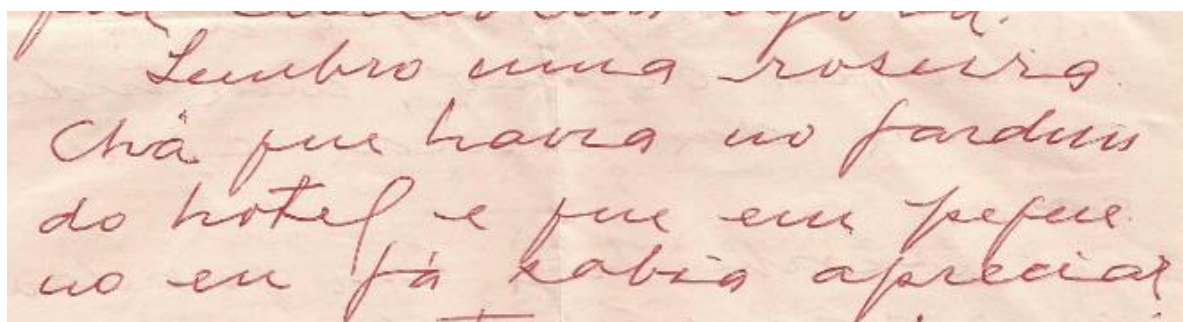
Em carta de 1968 e 1972 comenta que tem saudades da prima

Aproxima-se o dia que nunca te falta a prova de que nosso pensamento afetuoso esta contigo. Sentimo-nos assim mais perto de ti, lembrando tanta coisa de um passado que nos solidarizava nas alegrias e nas tristezas. Não me canso de repetir que es uma lembrança querida que guardo em meu ser, bem protegida por tudo que ele teve de bom. Es uma flor, que, apesar do diminutivo, ou por isso mesmo, vive no nosso coração (carta de 23/09/1968).

De uns dias para cá tenho diante de mim aquele belo retrato teu em que estás tão bem com teus cabelos lindamente penteados e um grau de suavidade no olhar. Como hoje, todas as vezes que o vi, admirei-o com interesse, sentindo-te presente nesta reprodução de teu rosto belo. E hoje, talvez, mais que das outras vezes, tive mais saudade de ti a ponto de não resistir a vontade de me manifestar... Lembrando cousas de nosso tempo. Em ti concentro hoje a lembrança de toda a gente de teu lado e a saudade da vida que nos ligou desde pequenos (carta de 5/03/1972)

Em 1965, saudades da Italia. “O prefeito de Roma trouxe uma interessante exposição photographica de Roma. Já a visitei varias vezes vencido por muita saudade. (carta 31, de 1965).

Figura 37 – Excerto da Carta



Em carta de 26 de setembro de 1974, ele conta que acabou uma encomenda de um quadro de rosas vermelhas e lamenta que não se encontre no Rio rosas Laxe, “volumosas como as rosas chá, muito mais bonitas do que as que cultivam agora”, e completa com uma memória de infância “lembro de uma roseira chá que havia no jardim do hotel e que eu pequeno já sabia

apreciar”. O jardim que ele menciona na carta é do Hotel Aliança, empreendimento em Pelotas que pertencia à sua família, um dos mais tradicionais da cidade.

Figura 38 - Jardim interno do Hotel Aliança.



Fonte: Almanak-Rénault. 1912-1913. Rio de Janeiro, p. 187.

As lembranças do passado tornam-se um assunto frequente e era comum nas cartas relembrar a última vez que se encontraram.

Como te vi a ultima vez, deitada, ainda bonita, como sempre foste. Aos poucos, esqueceste o que te preocupava, lembramos muita coisa, algumas passagens de boa musica, sorriste e riste também. (Carta de 29/04/1973).

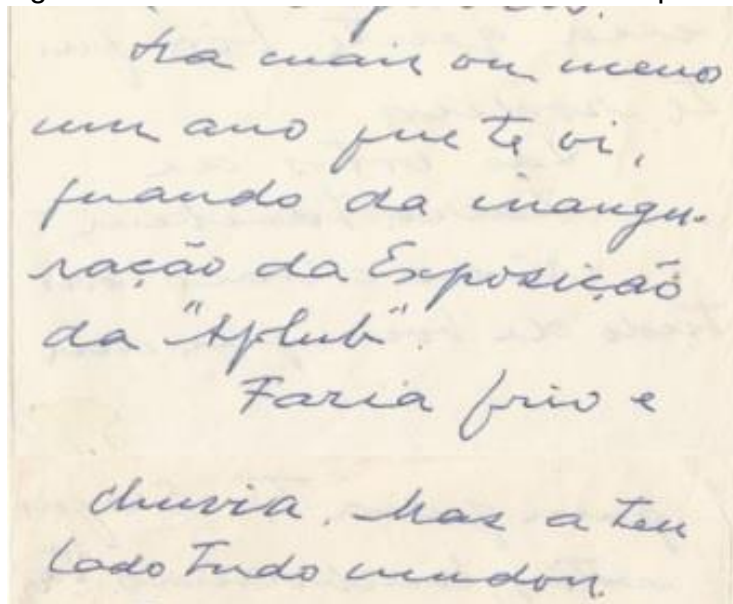
Eu também penso muito em ti. Nossa amizade começou cedo, e foi se mantendo por diferentes períodos da vida. Houve ausências mais ou menos largas, mas sempre que nos encontramos, éramos os mesmos. Porque o tempo não consegue destruir nada. Foi assim que te vi da ultima vez. (Carta de 13/06/1974).

Essas lembranças do passado podem ter percepções diferentes com o passar dos tempos e desta forma, modular a própria memória, conforme aponta Bosi.

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando

sobre elas incide o brilho de um significado coletivo. É tarefa do cientista social procurar esses vínculos de afinidades eletivas entre fenômenos distanciados no tempo. (BOSI, 2003, p. 31)

Figura 39 – Excerto da última carta enviada à prima.



Fonte: Carta 54, de 1976 – Conjunto Gotuzzo-Agrifóglia

Na última carta do conjunto, ele escreve parabenizando a prima pelo aniversário e também lembra a última vez que se viram. “Há mais ou menos um ano que te vi, quando da inauguração da Aclub. Fazia frio chovia. Mas a teu lado tudo mudou” (Carta 54, de 26 de setembro de 1976). Esta memória foi reconstruída a partir de uma sensibilidade do autor, onde ele romantiza o evento, sugerindo que não importava o clima quando ele estava ao lado dela. Certamente a mesma lembrança teria sido recuperada de uma forma diferente para Déa. Estas chamadas “marcas de sensibilidade” (SANTOS, 2008) estão presentes em várias cartas do artista.

As “marcas de sensibilidade” surgem na narrativa como a subjetividade do sujeito no ato histórico — remetendo para a interioridade do próprio texto — que a literatura e os escritos de si tornam-se fontes privilegiadas para a construção de um relato histórico sobre certa sensibilidade, surgido em certo passado. (SANTOS, 2008, p. 88)

6. Considerações Finais

No decorrer deste trabalho, buscou-se realizar busca por fragmentos das memórias de Leopoldo Gotuzzo, através de 54 cartas escritas pelo artista e enviadas à prima Déa Agrifóglio, no período compreendido entre 1919 e 1976 e pertencem a um conjunto, o qual denominei Gotuzzo-Agrifóglio e que hoje está sob minha guarda. Além desse conjunto, outras fontes foram importantes para dialogar com este trabalho, como cartas, obras de arte, documentos e fotografias do acervo do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo. Essas outras fontes possibilitaram dialogar com as cartas, sendo utilizadas como apoio para traduzir a trajetória do artista de forma mais objetiva.

O primeiro passo da pesquisa foi transcrever todas de cartas e fazer uma leitura mais apurada do conteúdo. Posteriormente, foram feitas análises em forma de tabelas, onde foram classificadas de diversas formas, para mapear e melhor compreender esta troca. Em meio à tantas análises realizadas, abriu-se caminho para interpretar informações contidas não só nas cartas, mas inclusive nos envelopes que as transportavam.

No decorrer da pesquisa, surgiram novas questões e com o aprofundamento da pesquisa, a direção do caminho também foi alterando. As sensibilidades de uma forma geral, que chegou a ser o foco da pesquisa, acabou se tornando um complemento, quando se percebeu que ela estava inserida como uma característica do “eu artista” de Leopoldo Gotuzzo, não podendo ser desassociada.

Ao analisar a frequência do envio das cartas, dois fatos foram percebidos: uma média de duas ou três cartas enviadas por ano e um grande intervalo sem cartas entre 1921 e 1948. No entanto, foi possível constatar que é provável que o número de cartas enviadas durante esse período fosse maior, pois não existe referências de distanciamento entre os dois e os diálogos nas cartas seguem como se não houvessem descontinuado a comunicação.

Para que se possa compreender a vida de uma pessoa, é inevitável que se faça o exercício de traçar o trajeto de vida do indivíduo, como uma forma de narrativa. No caso desta pesquisa, essa narrativa se tornou uma opção para poder ir afundo da personalidade do artista. Para isso, foram classificados vários “eus” de Gotuzzo, onde foi perceber que ele tinha um lado social, cultural, artista e por fim, saudoso. No “eu artista” fica claro que seu universo particular era o mundo das artes, já que o tema é abordado sempre em suas cartas. Com o passar do tempo fica evidente a percepção de mudança nos temas abordados. Quanto mais os anos passam, mais frequentes ficam as escritas sobre as memórias antigas, e menos sobre o futuro. Ele torna-se saudoso e nostálgico durante o processo.

O conjunto Gotuzzo-Agrifoglio atravessou seis décadas e é possível afirmar que os primos seguiram trocando correspondências mesmo após a popularização do telefone. As cartas foram o principal meio de comunicação entre os dois e continuou sendo, até o final de suas vidas.

As cartas escritas por Leopoldo Gotuzzo, recebidas e arquivadas por Déa apresentam vestígios de experiências individuais da vida pessoal e artística de Gotuzzo, além de exporem relações familiares e sociais que não se tinha conhecimento até o momento. Graças a conservação deste acervo e através da análise das cartas foi possível investigar o contexto social e cultural em que o artista estava inserido, conhecer hábitos, costumes e entender os bastidores de sua trajetória profissional, além de reconhecer um perfil biográfico de Leopoldo Gotuzzo. Nada disso seria possível sem o papel fundamental de Magda, filha de Déa, guardiã desta memória, que guardou as cartas da mãe e doou o acervo para pesquisa.

Considera-se ainda que a pesquisa sinalizou dados reveladores, quer por seu valor histórico, como patrimônio cultural, e justifica-se pela inexistência de pesquisas que abordem este tipo de narrativa sobre o artista, bem como pelo ineditismo dos documentos obtidos e aqui analisados, podendo contribuir para maior reconhecimento de Leopoldo Gotuzzo e posteriormente, as cartas podem servir para futuras pesquisas sobre o artista.

Referências

- ABREU, Regina. **A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1996.
- ALBERCA, Manuel. **Testimonios sobre el diario íntimo**. Madrid: Sendoa. 2000.
- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- Andrade, M. & Bandeira, M. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Edusp/IEB, p. 72. 2000.
- ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, 1998.
- ARIÈS, Phillipe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Tradução: Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- AZEVEDO, Regina Quintanilha; GONÇALVES, Renata Braz. Cartas que revelam o comprometimento com a valorização da leitura: empenho de professores para a manutenção da Biblioteca Infantil de Bagé (1963-1965). Em: PERES, Eliane & Alves, Antônio Maurício Medeiro (Orgs). **CARTAS DE PROFESSOR@S CARTAS A PROFESSOR@S – ESCRITA EPISTOLAR E EDUCAÇÃO**. Porto Alegre: Redes Editora, 2009.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, 70. 1977.
- BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs.). **Destinos de Letras: história, educação e escrita epistolar**. 1 ed. Passo Fundo: UPF, 2002.
- _____. **A Retórica do Amor. Um estudo dos manuais epistolares (séculos XIX e XX)**. In: VI Congresso Internacional de Estudos Iberoamericanos, 2006, Porto Alegre. VI Congresso Internacional de estudos Iberoamericanos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- BERGSON, Henri. **Memória e Vida**. Textos escolhidos por Gilles Deleuze. Trad. Claudia Berliner, 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BETTIOL, Maria Regina Barcelos. **A escritura do intervalo: a poética epistolar de Antônio Vieira**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2008.
- _____. **Mário de Andrade e a especificidade do gênero epistolar: o esboço de uma teoria**. Rev. Inst. Estud. Bras. no.65 São Paulo Sept./Dec. 2016.
- BORDIEU (2006), Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.) **Usos & Abusos da História Oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 183-192.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

CAMARGO, Maria Rosa R.M. Cartas adolescentes. Uma leitura e modos de ser... In: MIGNOT, C.V; Bastos, M.H.C; CUNHA, M.T.S (Org.), **Refúgios do eu: Educação, História, escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres. 2000.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto. 2012.

CASTILO GÓMEZ, António. **Cultura escrita e clases subalternas: uma mirada espanhola**. Madrid: Sendoa, 2001.

_____. **Como o polvo e o camaleão se transformam. Modelos e práticas epistolares na Espanha Moderna**. IN: BASTOS, Maria Helena C.; CUNHA, Maria Teresa S., MIGNOT, Ana Crystina V., Org. Destino das Letras. História, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: Ed UPF, 2005.

CUNHA, Maria Tereza Santos. **A escrita epistolar e a História da Educação**. 25º reunião anual da ANPED. GT 02/ HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2002. Disponível em <http://25reuniao.anped.org.br/tp25.htm>

_____. "Por hoje é só...": cartas entre amigas. In: BASTOS, M. Helena Câmara, CUNHA, M. Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina V (orgs.). **Destino das Letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF Editora, 2002.

CHARTIER, Roger. Entrevista. História. Conversa com Roger Chartier por Isabel Lustosa. 2004.

COSTA, Bruna Frio. **Fios de Memória: rastros do manuscrito da família Rojas no Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula**. 2015. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

DAUPHIN, C.; POUBLAN, D. Maneira de escrever, maneiras de viver: cartas familiares no Século XIX. In: BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S.; MIGNOT, A. C. V. (Org.). **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UFP, 2002. p. 75-87.

EULER, Branca. **Um Vagalume em Santa Teresa** - Magic Art.

FÉLIX, L.O. **História e memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Portugal: Passagens. 2000.

GASTAUD, Carla Rodrigues. **De correspondências e correspondentes: cultura Escrita e Práticas Epistolares no Brasil de 1880 e 1950**, 2009. 246 f.

Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da história**. RJ: Editora FGV, 2004.

GOMÉZ, Antonio Castillo. Como o polvo e o camaleão se transformam: modelos e práticas epistolares na Espanha moderna. In: BASTOS, Maria Helena Câmara et al (org.). **Destinos das letras. História, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. Trad. Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vertice, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, Patrícia. **Inquéritos em Contraste**. Porto Alegre, Edigal, 2016.

MAGALHÃES, Mario Osorio. **História e Tradições da Cidade de PELOTAS**. 2ª edição. Pelotas: Editora Gráfica da Universidade de Caxias do Sul. 1981.

Memória & patrimônio [recurso eletrônico]: **lugares, sociabilidades e educação**: Volume I. / coordenadoras: Juliane Conceição Primon Serres e Maria Letícia Mazzucchi Ferreira ; Organizadores: Darlan de Mamann Marchi, Eduardo Roberto Jordão Knack e Rita Juliana Soares Poloni - Pelotas: Ed. da UFPel, 2019. 240 p.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade**. EDIPUCRS. 2006.

MÜLLER, Dalila. **A hotelaria em pelotas e sua relação com o desenvolvimento da região: 1843 a 1928**. 2004. 158 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade de Caxias do Sul – UCS, Caxias do Sul, 2004

MUÑOZ VIÑAS, Salvador. **La restauración del papel**. Madrid: Tecnos. 2010.

NASCIMENTO, M. V. O.; LOUSADA, I. M. C. . **As escritas de si femininas: os diários e cartas como espaço de produção literária**. 2015. (Apresentação de Trabalho/Simpósio

PERES, Eliane & Alves, Antônio Maurício Medeiro (Orgs). **CARTAS DE PROFESSOR@S CARTAS A PROFESSOR@S – ESCRITA EPISTOLAR E EDUCAÇÃO**. Porto Alegre: Redes Editora, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica. 2003.

PETRUCCI, Armando. **Escribir cartas, una historia milenaria**. Madrid: Ediciones Ampersand. 2018.

RIBEIRO, Alexamdra Ferreira Martins. **Porcia em: Cartas enviadas a meu pai**. Curitiba: Appris, 2019.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2010.

RUSCHEL, N. **Rua da Praia**; Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1971, p. 78.

SANTOS, Nádia Maria Weber. “Cartear-se, mas com quem?” — Memória e Sensibilidades: um estudo sobre fontes epistolares na correspondência de Lima Barreto. IN: BERND, Zilá; SANTOS, Nádia Maria Weber, (Org.). **Bens Culturais, temas contemporâneos**. Porto Alegre: Movimento. 2011.

_____. História, subjetividade e cultura em leituras sensíveis do EU: um exemplo nas escritas ordinárias de hospício. IN: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (Org). **Narrativas, Imagens e Práticas Sociais**. Porto Alegre: Asterisco. 2008.

SCHMITT, Juliana Luiza de Melo. A dor manifesta: vestuário de luto no século XIX. The exposed pain: mourning at 19th century, **Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, vol. 3, no 5, p. 76-80. 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/318919786_A_dor_manifesta_vestu%C3%A1rio_de_luto_no_s%C3%A9culo_XIX. Acesso em: 27 de março de 2020.

SCHWONKE, Raquel Santos. **Leopoldo Gotuzzo e a constituição do MALG (1887-1986)** 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2018.

SILVA, Úrsula Rosa; LORETO, Mari Lucie da Silva. **História da Arte em Pelotas**. A pintura de 1870 a 1980. EDUCAT. 1996.

VASCONCELLOS, Eliane. Intimidade das correspondências. In: **TERESA** Revista de Literatura Brasileira/área de Literatura Brasileira, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, n. 8/9, p. 372-389, 2008.

VIDAL, Laurent. Acervos pessoais e memória coletiva: alguns elementos de reflexão. **Patrimônio e memória**, vol. 3, no 1, pp. 3-13. 2007.

Apêndices

APÊNDICE A – Classificação das cartas quanto à ordem de envio e breve descrição do assunto tratado

N da corresp	Data	Breve descrição do assunto
01	1919 s/d	Condolências, morte de Angelina
02	1919 s/d	Falta da Magda
03	21/06/1919	Viagem de volta de Porto Alegre para Pelotas
04	03/08/1919	Recorde de vendas de obras em exposição
05	06/01/1920	Votos de renovação de ano novo
06	05/05/1920	Justifica o longo período sem escrever
07	08/09/1920	Nova exposição, boa crítica e visitação, venda inferior a última
08	24/11/1393	Obra vencedora de júri
09	13/07/1940	Morte de Elvira
10	27/09/1949	Grande estada em Pelotas
11	26/09/1950	Concertos de música no Teatro Municipal
12	30/10/1951	A melhor inauguração de exposição que teve em 64 anos
13	26/01/1952	Sucesso alcançado em exposição
14	dez/1953	Voto de boas festas e feliz ano novo
15	16/01/1954	Temporada de Zaira em Pelotas
16	dez/1954	Votos de alegre natal e feliz e prospero ano novo
17	12/11/1955	Morte de Caetano
18	26/09/1956	Parabeniza pelo aniversário
19	25/09/1957	Parabenizar pelo aniversário, viagem de Humberto
20	25/12/1957	Pagamento de uma dívida
21	dez/1958	Desejo de alegre natal e feliz e prospero ano novo
22	07/05/1959	Seu tempo em Roma (nostalgia)
23	1959 - s/d	José recentemente chegado da Europa
24	01/01/1962	Justifica o tempo que ficou sem escrever
25	Set/1962	Parabeniza pelo aniversário
26	11/01/1963	Relembra o último encontro que tiveram
27	27/04/1963	Morte de Manlio
28	26/09/1963	Dólar e política
29	23/12/1963	Visita de Magda, marido e filho
30	21/09/1964	Sabiás cantando em casa

31	23/09/1965	Ópera, exposição fotográfica, festival de cinema, saudades de Roma
32	15/12/1965	Morte de José
33	11/12/1966	Sangria nas economias, Zaira quebrou o fêmur
34	12/03/1967	Volta a pintar depois de um ano. Zaira melhorando.
35	28/09/1967	Sobre ter que vender a casa
36	23/09/1968	Parabeniza pelo aniversário
37	22/12/1968	Venderam a casa. Comprador inglês, casado com filhos.
38	29/10/1969	Morte de Vera
39	24/09/1969	Parabeniza pelo aniversário
40	25/11/1969	Trocou o endereço, a carta retornou
41	03/01/1970	Votos de feliz ano novo
42	07/04/1970	Consola pelas últimas perdas
43	05/05/1970	Confessa que foi visitar o irmão Haroldo depois de 45 anos
44	05/08/1970	Morte de Haroldo
45	23/09/1971	Exposição retrospectiva em Pelotas
46	05/03/1972	Mais do que nunca, sente saudades
47	03/09/1972	Descreve detalhes de um casamento
48	24/01/1973	Ausência de cartas, calor no Rio de Janeiro
49	29/04/1973	Recorda última vez que se viram
50	13/08/1973	Ouvindo música clássica, foi a peça de teatro visitou exposições
51	21/09/1973	A chegada do outono, folhas amareladas
52	13/06/1974	Esperança de vê-la em breve
53	26/09/1974	Esperança de se encontrarem no fim do ano
54	26/09/1976	Parabeniza pelo aniversário. Comenta a última vez que se viram

APÊNDICE B – Saudações e fechos do conjunto Gotuzzo-Agrifóglio

Nº	Vocativo	Fecho
01	Caro Mânlio	Saudades, de Leopoldo
02	Não consta	Não consta
03	Flôrsinha	Teu amigo, Leopoldo
04	Cara Flôrsinha	
05	Flôrsinha	Teu amigo, Leopoldo
06	Florsinha	Teu amigo, Leopoldo (assinatura) Rua Tavares Bastos, 57. - Manda-me disse o numero de tua casa porque hesito sempre entre 71 e 81...
07	Flôrsinha	Teu primo amigo, Leopoldo (assinatura) 57, Tavares Bastos. PS: Ao escrever esta, lê-a também em casa de Elvira que também é para ellas.
08	Caro José	Um grande abraço para todos, de todos cá do 312
09	Cara Angelina	Saudades, do Leopoldo
10	Cara Flôrsinha	Saudade, Leopoldo
11	Cara Flôrsinha	Saudades do Leopoldo
12	Cara Flôrsinha	Saudades do Leopoldo
13	Cara Flôrsinha	Saudades do Leopoldo
14	À querida Flôrsinha	Saudades do Leopoldo Rio, VIII, 53.
15	Cara Florsinha	Saudades. Leopoldo
16	À querida Flôrsinha e todas as flotes de seu bello jardim, sem esquecer os jardineiros	Saudades do Leopoldo Rio, XIII, 54.
17	Cara Flôrsinha	Saudade, Leopoldo
18	Cara Flôrsinha	Para todos o nosso pensamento carinhoso. Recebe com “tutti quanti” um grande abraço, a minha saudade. Leopoldo. Rio, 26 IX, 56.

19	Cara Flôrsinha	Vou deixar um espaço para que as manas também se manifestem. Saudades de todos. Leopoldo
20	Cara Flôrsinha	Recebe, cara Flôrsinha, com tuas flores, o nosso grande e effectuoso abraço. Saudades, Leopoldo
21	À Flôr, às flôrsinhas e a todos dessa casa	Meu grande e effectuoso abraço. Muita saudade Leopoldo
22	Florsinha	Saudades, Leopoldo
23	Cara Florsinha	Saudades, Leopoldo
24	A Florsinha	Grande e effectuoso abraço. Leopoldo
25	Cara Florsinha	Meu abraço. Saudades. Leopoldo
26	Querida Florsinha e todos os Agrifoglio	Meu grande abraço com a saudade de vocês todos. Leopoldo
27	Flôrsinha Balletta e José	Agora só a saudade nos aproxima. Nosso grande e fraternal abraço. Saudades. Leopoldo e irmãos. (Ja havia telegrafado a vocês e Emilia)
28	Cara Flôrsinha	Saudades, Leopoldo
29	Cara Flôrsinha	Saudades para ti, Balletta e José um grande e affectuoso abraço Dora, Zaira e Leopoldo
30	Cara Flôrsinha	Recebe com teu bello jardim, Balletta e José nosso grande abraço e minha saudade. Leopoldo. Lembranças para Elvira e todos os seus.
31	Cara Flôrsinha	Saudades, Leopoldo. Gostei muito de vêr Emilia quando visitou minha exposição. Temos acompanhado com imensa pena o que tem acontecido em nosso Estado, com P. Alegre tão castigada.

32	Querida Florsinha	Aqui vai, Florsinha, Balletta e todos, o nosso abraço de profundo pesar. Saudades, Leopoldo
33	Cara Florsinha	Meu abraço, minha saudade. Leopoldo
34	Querida Flôrsinha	Nosso abraço affectuoso para ti tuas flores, tuas flôrsinhas, Balletta, pessoal de Manlio e tutti quanti. Saudades, Leopoldo.
35	Querida Florsinha	Recebe, cara Florsinha com Balletta e todos os teus, nosso grande e carinhosos abraço. Nossa saudade. Zaira e Leopoldo
36	Cara Flôrsinha	Saudades, Leopoldo.
37	Cara Flôrsinha	Lembranças para tutti quanti, com o nosso grande e carinhoso abraço para ti. Saudades. Leopoldo. Nosso endereço: Rua Barão de Itambi, 21/201. ZC.01 Rio.
38	Cara Florsinha	Falei rapidamente com Adda que me deu noticias de vocês. Zaira e eu te mandamos, extensivo a todos, um abraço de profundo pesar. Saudades. Leopoldo
39	Querida Flôrsinha	Recebe c Balletta nosso grande abraço Saudades, Leopoldo. Ha uma nota triste em minha carta: soube hontem da morte da Raul, do bom Raul, que heis-de lembrar sempre com admiração e saudade. Penso tanto em Adda. Já lhe escrevi algumas palavras de amizade.
40	C ara Flôrsinha	Recebe com Balletta meu grande e saudoso abraço. Leopoldo
41	Cara Flôrsinha	Para ti, as florsinhas e Balletta o nosso abraço e nossa saudade. Leopoldo.
42	Querida Flôrsinha	Recebe o nosso abraço carinhoso. Que a coragem não te falte, nem a recompensa que pedirmos. Um beijo de Zaira e do Leopoldo.
43	Cara Flôrsinha	Recebe, cara Flôrsinha, o nosso abraço de grande pesar e os melhores votos que fazemos por tua saúde e dos teus. Saudades. Leopoldo
44	Querida Flôrsinha	Para terminar mando-te um grande e carinhoso abraço nesta tarde de sábado, cheio de luz e de um ceu azul que dá vontade de viver. Saudades de Zaira e minhas. Leopoldo. Lembranças as tuas florsinhas.

45	Querida Florsinha	Renovando nossos votos e parabéns, Zaira e eu te enviamos um grande, affectuoso e carinhos abraço. Saudades. Leopoldo Nosso abraço também para as florsinhas do teu jardim.
46	Querida Florsinha	Vamos para frente, Florsinha, sem te deixares vencer por pequenas cousas que te preocupam E... mais um abraço desta vez com um beijo carinhoso Saudade Leopoldo (assinatura)
47	Cara Florsinha	Renovando nossos parabéns, extensivos a todo o teu jardim, enviamos um grande e carinhoso abraço Saudades e um beijo. Leopoldo
48	Querida Florsinha	Recebe, querida Florsinha, com todas as flôres de teu jardim, o nosso abraço affectuoso, amigo e toda nossa saudade, Leopoldo
49	Cara Florsinha	Recebe querida Florsinha o nosso grande e carinhoso abraço Saudade Leopoldo Para maior segurança, tenho a mania de pôr minha correspondência no Correio Geral. Mas só hoje (2) posso ir ao centro. Mais uma saudado abraço Leopoldo Achei tão feio este selo que não hesitei em coloca-lo de cabeça p/ baixo...
50	Cara Flôrsinha	Nosso grande abraço e muita saudade. Leopoldo Nos concertos tenho encontrado Livia que também gosta de musica.
51	Cara Florsinha	Recebe, querida Flôrsinha, com Verinha , o nosso abraço e minha saudade. Leopoldo
52	Querida Flôrsinha	Vou ficar por aqui fazendo os melhores votos de saúde para ti e todos de casa. Saudades e um beijo do Leopoldo
53	Querida Flôrsinha	Meu abraço também para Magda e Verinha Saudades Leopoldo 29 – uma serie de pequenas cousas fizeram com que so hoje possa deixar esta no correio.

		Feliz ano novo!
54	Cara Flôrsinha	Nosso abraço com tudo de bom que um abraço pode levar Saudades, Leopoldo.

APÊNDICE C – Características técnicas das cartas

N	Tipologia, dimensões e outros	Observação
01	Documento sem data, com assinatura, manuscrita a tinta preta, sobre papel branco, tamanho 25 x 20 cm, escrita dos lados	Grafado no papel “Aerograma”
02	Documento sem data e sem assinatura, manuscrita à lápis, sobre papel, tamanho 25 x 13 cm, escrita nos dois lados	Lápis apagado, difícil compreensão da grafia.
03	Documento com data e com assinatura, manuscrita a tinta preta, sobre papel, tamanho 20 x 25 cm, com uma folha, escrita dos dois lados	
04	Documento com data e com assinatura, manuscrita a tinta preta, sobre papel, tamanho 20 x 25 cm, com uma folha, escrita dos dois lados	Rasgado ao meio
05	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta preta, sobre papel amarelado, tamanho 30 x 20cm, duas folha, escrita dos dois lados	
06	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta preta, sobre papel amarelado, tamanho 30 x 20cm, duas folha, escrita dos dois lados	
07	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta preta, sobre papel amarelado, tamanho 30 x 20cm, duas folhas, escrita dos dois lados	
08	Documento com data, com assinatura, manuscrita a tinta preta, sobre papel branco, tamanho 25 x 20 cm, escrita dos lados.	Grafado no papel “Aerograma”
09	Documento com data, com assinatura, manuscrita a tinta preta, sobre papel branco, folha medindo 25 x 20 cm, escrita dos lados	Grafado no papel “Aerograma”
10	Documento com data, com assinatura, manuscrita a tinta preta, sobre papel branco, tamanho 25 x 20 cm, escrita dos lados.	
11	Documento com data, com assinatura, manuscrita a tinta preta, sobre papel branco, tamanho 25 x 20 cm, escrita dos lados	
12	Documento com data, com assinatura, manuscrita a tinta preta, sobre papel branco, tamanho 25 x 20 cm, escrita dos lados	

13	Documento com data, com assinatura, manuscrita a tinta preta, sobre papel branco, tamanho 20 x 13 cm, escrita em um lado	
14	Documento com data, com assinatura, manuscrita a tinta preta, sobre papel branco, tamanho 10 x 6 cm, escrita dos dois lados	
15	Documento com data, com assinatura, manuscrita a tinta preta, sobre papel branco, tamanho 25 x 20 cm, escrita dos dois lados	
16	Documento com data, com assinatura, manuscrita a tinta preta, sobre papel branco, tamanho 27 x 15 cm, escrita em um lados	
17	Documento com data, com assinatura, manuscrita a tinta azul, sobre papel branco, tamanho 25 x 20 cm, escrita em um lado	
18	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta preta, sobre papel amarelado, medindo 30 x 20cm, uma folha, escrita em um lado, em duas faces	Desenho de uma rosa no canto superior esquerdo, com caneta preta, tamanho 5cm x 4cm
19	Documento com data, com assinatura, manuscrita a tinta preta, sobre papel branco, tamanho 27 x 15 cm, escrita em um lado	
20	Documento com data, com assinatura, manuscrita a tinta azul, sobre papel branco, tamanho 15 x 30 cm, escrita em dois lados	Desenho da cabeça de uma mulher sorrindo e uma rosa, no canto superior esquerdo, com caneta azul, tamanho 5 cm x 5 cm
21	Documento com data, com assinatura, manuscrita a tinta marrom, sobre papel branco, tamanho 16 x 14 cm, escrita em dois lados	Desenho de rosas no canto superior direito, com caneta azul, tamanho 3cm x 3cm
22	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel amarelado, tamanho 30 x 15cm, uma folha, escrita em um lado	Desenho de um rosto de perfil, no canto superior esquerdo, com caneta azul, tamanho 8cm x 5cm
23	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel azul, tamanho 22 x 15cm, uma folha, escrita em um lado	

24	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel azul, tamanho 22 x 30cm, uma folha, escrita em um lado	Desenho de um rosto feminino no canto superior direito, com caneta azul, tamanho 5cm x 3cm
25	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel azul, tamanho 16 x 13cm, uma folha, escrita em um lado.	
26	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel branco, tamanho 28 x 19cm, uma folha, escrita em um lado	
27	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel branco, tamanho 22 x 30cm, uma folha, escrita em um lado	
28	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel azul, tamanho 22 x 30cm, uma folha, escrita em um lado,	
29	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel azul, tamanho 22 x 30cm, uma folha, escrita em um lado	
30	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel azul, tamanho 22 x 30cm, uma folha, escrita de um lado	
31	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel branco, tamanho 22 x 30cm, uma folha, escrita em um lado	
33	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel branco, tamanho 22 x 30cm, uma folha, escrita em um lado,	
34	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel azul, tamanho 22 x 30cm, uma folha, escrita em um lado	
35	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel branco, tamanho 22 x 30cm, uma folha, escrita em dois lados	
36	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel branco, tamanho 22 x 30cm, uma folha, escrita em dois lados	
37	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel branco, tamanho 22 x 30cm, uma folha, escrita em dois lados	
38	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel branco, tamanho 22 x 30cm, uma folha, escrita em dois lados	
39	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel branco, tamanho 22 x 30cm, uma folha, escrita em um lado	

40	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel branco, tamanho 22 x 30cm, uma folha, escrita em dois lados	
41	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel branco, tamanho 22 x 30cm, uma folha, escrita em um lado	
42	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel branco, medindo 20 x 15cm, uma folha, escrita em dois lados	
43	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel branco, tamanho 22 x 30cm, uma folha, escrita em dois lados	
44	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel branco, tamanho 22 x 30cm, uma folha, escrita em um lado	
45	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel branco, tamanho 22 x 30cm, uma folha, escrita em dois lados	
46	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel branco, tamanho 22 x 30cm, uma folha, escrita em dois lados	
47	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel branco, tamanho 22 x 30cm, uma folha, escrita em dois lados	
48	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel branco, tamanho 22 x 30cm, uma folha, escrita em dois lados	Desenho de um rosto feminino no canto superior direito, com caneta azul, tamanho 5cm x 7cm
49	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel branco, medindo 22 x 30cm, uma folha, escrita em dois lados	
50	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel branco, tamanho 22 x 30cm, uma folha, escrita em dois lados	
51	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel branco, tamanho 22 x 30cm, uma folha, escrita em dois lados	
52	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel branco, tamanho 22 x 30cm, uma folha, escrita em dois lados	
53	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel branco, tamanho 22 x 30cm, uma folha, escrita em dois lados	
54	Documento com data e assinatura, manuscrito a tinta azul, sobre papel branco tamanho 22X16 cm, escrito nos dois lados	

APÊNDICE D – Análise dos envelopes

N °	S/ env.	Com envelope - características
01	X	
02	X	
03	X	
04		“Senhorinha Flôr Agrifóglio”. 7 de setembro, 81 – Porto Alegre Rio Grande do Sul Envelope branco medindo 14cm x 9cm. Com carimbo e selo de Pedro Alvares Cabral, o outro selo foi retirado. No verso dois carimbos, Rio de Janeiro 4 de agosto de 1919, e outro Porto Alegre, 10 de agosto de 1919. No verso nenhuma informação.
05	X	
06	X	
07	X	
08	X	
09		“Senhora D^a Déa Agrigóglio Telles de Freitas” 673, rua Quintino Bocaiúva. Porto Alegre. RGS. Envelope branco, bordas com cores do Brasil, medindo 15cm x 9 cm, com inscrição via aérea. Com carimbo, selo retirado. No verso, na parte escrita remetente, “Barão de Itambi, 21/201/Rio.
10		“Senhora D^a Déa Agrigóglio Telles de Freitas” 673, rua Quintino Bocayúva. Porto Alegre. Rio Grande do Sul. Envelope branco e bordas com cores do Brasil, medindo 15cm x 9 cm, com inscrição via aérea. Com carimbo, selo retirado. No verso, na parte escrita remetente, “312, rua Monte Alegre. Santa Thereza. Rio Z.C.-45
11		Senhora Déa Agrifóglio Telles de Freitas 673, rua Quintino Bocayúva. Porto Alegre. Rio Grande do Sul. Envelope branco e bordas com cores do Brasil, medindo 14cm x 8,5 cm, com inscrição via aérea. Com carimbo, selo retirado. No verso, na parte escrita remetente, “312, rua Monte Alegre. Santa Thereza. Rio
12	X	
13	X	
14		Senhora Déa Agrifóglio Telles de Freitas 673, rua Quintino Bocayúva. Porto Alegre. Rio Grande do Sul.

		Envelope branco medindo 15cm x 10 cm. Com carimbo, selo retirado No verso: 312, rua Monte Alegre. Santa Thereza, Rio.
15		Senhora D. Déa Agrifóglio Telles de Freitas 673, rua Quintino Bocayúva. Porto Alegre. Rio Grande do Sul. Envelope branco e bordas com cores do Brasil , medindo 14cm x 8,5 cm, com inscrição via aérea. Com carimbo, selo retirado. No verso, na parte escrita remetente, “312, rua Monte Alegre. Santa Thereza. Rio
16	X	
17	X	
18		Senhora D. Déa A. Telles de Freitas 673, rua Quintino Bocayúva. Porto Alegre. Rio Grande do Sul Envelope branco e bordas com cores do Brasil , medindo 14cm x 8,5 cm, com inscrição via aérea. Com carimbo de 23/09/1953, dois selos de Oswaldo Cruz. No verso, na parte escrita remetente, “312, rua Monte Alegre. Santa Thereza. Rio
19		Senhora D. Déa Agrifoglio Telles de Freitas 673, rua Quintino Bocayúva. Porto Alegre. Rio Grande do Sul. Envelope branco, medindo 14,5cm x 9,5 cm, escrito de próprio punha via aérea, com o desenho de um pássaro em vermelho. Com carimbo de 25/08/1957, dois selos de Duque de Caxias e um de Oswaldo Cruz. No verso “312, rua Monte Alegre. Santa Thereza. Rio
20	X	
21	X	
22	X	
23		Senhora D. Déa Agrifoglio Telles de Freitas 673, rua Quintino Bocayúva. Porto Alegre. Rio Grande do Sul. Envelope branco e bordas com cores do Brasil , medindo 14cm x 8,5 cm, com inscrição via aérea. Com carimbo, selo de Rui Barbosa. No verso “312, rua Monte Alegre. Santa Thereza. Rio
24	X	
25	X	
26		Senhora D. Déa Agrifoglio Telles de Freitas 673, rua Quintino Bocayúva. Porto Alegre. Rio Grande do Sul. Envelope branco e bordas com cores do Brasil , medindo 14cm x 8,5 cm, com inscrição via aérea. Selo retirado. No verso “312, rua Monte Alegre. Santa Thereza. Rio”
27		Senhora D. Déa Agrifoglio Telles de Freitas 673, rua Quintino Bocayúva. Porto Alegre. Rio Grande do Sul.

		Envelope branco e bordas com cores do Brasil , medindo 14cm x 8,5 cm, com inscrição via aérea. Selo retirado. No verso “312, rua Monte Alegre. Santa Thereza. Rio. Z.C.-45”
28		Senhora D. Déa Agrifoglio Telles de Freitas 673, rua Quintino Bocaiúva. Porto Alegre. RGS Envelope branco e bordas com cores do Brasil , medindo 14cm x 8,5 cm, com inscrição via aérea. Selo retirado. No verso “Itambi, 21/201. Rio ZC01”
29		Senhora D. Déa Agrifoglio Telles de Freitas 673, rua Quintino Bocaiúva. Porto Alegre. RGS Envelope branco e bordas com cores do Brasil , medindo 14cm x 8,5 cm, com inscrição via aérea. Selo retirado. No verso “Itambi, 21/201. Rio ZC01”
30	X	
31	X	
32		Senhora D. Déa Agrifoglio Telles de Freitas 673, rua Quintino Bocaiúva. Porto Alegre. RGS Envelope branco e bordas com cores do Brasil , medindo 14cm x 8,5 cm, com inscrição via aérea. Sem carimbo e sem selo (rasgado). No verso “312, rua Monte Alegre. Santa Thereza. Rio. Z.C.-45”
33	X	
34	X	
35		Senhora D. Déa Agrifoglio Telles de Freitas 673, rua Quintino Bocayúva. Porto Alegre. Rio Grande do Sul. Envelope branco, medindo 14,5cm x 9,5 cm, escrito de próprio punha via aérea, com o desenho de um pássaro em vermelho. Com carimbo, dois selos de Rui Barbosa e um de Jose Bonifácio. No verso “312, rua Monte Alegre. Santa Thereza. Rio. Z.C.-45”;
36		Senhora D. Déa Agrifoglio Telles de Freitas 673, rua Quintino Bocaiúva. Porto Alegre. RGS Envelope branco e bordas com cores do Brasil , medindo 14cm x 8,5 cm, com inscrição via aérea. Com carimbo e selo retirado. No verso “Barão de Itambi, 21/201. ZC01. Rio”.
37		Senhora D. Déa Agrifoglio Telles de Freitas 673, rua Quintino Bocaiúva. Porto Alegre. RGS Envelope branco e bordas com cores do Brasil , medindo 14cm x 8,5 cm, com inscrição via aérea. Com carimbo e selo retirado. No verso “Barão de Itambi, 21/201. ZC01. Rio”.
38		Senhora D. Déa Agrifoglio Telles de Freitas

		673, rua Quintino Bocaiúva. Porto Alegre. RGS Envelope branco e bordas com cores do Brasil , medindo 14cm x 8,5 cm, com inscrição via aérea. Com carimbo e selo retirado. No verso "Barão de Itambi, 21/201. ZC01. Rio".
39	X	
40	X	
41	X	
42		Senhora D. Déa Agrifoglio Telles de Freitas 673, rua Quintino Bocayúva. Porto Alegre. Rio Grande do Sul. Envelope branco, medindo 14,5cm x 9,5 cm, escrito de próprio punha via aérea, com o desenho de um pássaro em vermelho. Com carimbo de 15.VI. 69, selo retirado. No verso "Barão de Itambi, 21/201. ZC01. Rio".
43		Senhora D. Déa Agrifoglio Telles de Freitas 673, rua Quintino Bocaiúva. Porto Alegre. RGS Envelope branco e bordas com cores do Brasil , medindo 14cm x 8,5 cm, com inscrição via aérea. Com carimbo de 6.V.70 e selo retirado. No verso "Itambi, 21/201. ZC01. Rio".
44		Senhora D. Déa Agrifoglio Telles de Freitas 673, rua Quintino Bocayúva. Porto Alegre. RGS Envelope branco e bordas com cores do Brasil , medindo 14cm x 8,5 cm, com inscrição via aérea. Com carimbo de 15.VIII.70 e selo retirado. No verso "Itambi, 21/201. ZC01. Rio".
45		Senhora D. Déa Agrifoglio Telles de Freitas 673, rua Quintino Bocayúva. Porto Alegre. RGS Envelope branco e bordas com cores do Brasil , medindo 14cm x 8,5 cm, com inscrição via aérea. Com carimbo e selo retirado. No verso "Itambi, 21/201. ZC01. Rio".
46		Senhora D. Déa Agrifoglio Telles de Freitas 673, rua Quintino Bocayúva. Porto Alegre. RGS Envelope branco e bordas com cores do Brasil , medindo 14cm x 8,5 cm, com inscrição via aérea. Com carimbo e selo de Campos Salles. No verso "Itambi, 21/201. ZC01. Rio".
47	X	
48	X	
49		Senhora D. Déa Agrifoglio Telles de Freitas 643, rua Coronel Bordini, ap.2. Porto Alegre. RGS Envelope branco e bordas com cores do Brasil , medindo 14cm x 8,5 cm, com inscrição via aérea. Com carimbo e selo retirado. No verso "Itambi, 21/201. ZC01. Rio".

50		Senhora D. Déa Agrifoglio Telles de Freitas 643, rua Coronel Bordini. Porto Alegre. RGS Envelope branco e bordas com cores do Brasil , medindo 14cm x 8,5 cm, com inscrição via aérea. Com carimbo e selo Correio do Brasil. No verso “R. Barão de Itambi, 21/201. ZC01. Rio”.
51		Senhora D. Déa Agrifoglio Telles de Freitas Rua Coronel Bordini. 643/2. Porto Alegre. RGS Envelope branco e bordas com cores do Brasil , medindo 14cm x 8,5 cm, com inscrição via aérea. Com carimbo e selo Correio do Brasil. No verso “Itambi, 21/201. ZC01. Rio”.
52		Senhora D. Déa Agrifoglio Telles de Freitas 673, rua Quintino Bocaiúva. Porto Alegre. RGS Envelope branco e bordas com cores do Brasil , medindo 14cm x 8,5 cm, com inscrição via aérea. Com carimbo e selo Correio do Brasil. No verso “Itambi, 21/201. ZC01. Rio”.
53		Senhora D. Déa Agrifoglio Telles de Freitas 673, rua Quintino Bocaiúva. Porto Alegre. RGS Envelope branco e bordas com cores do Brasil , medindo 14cm x 8,5 cm, com inscrição via aérea. Com carimbo e selo Correio do Brasil. No verso “Itambi, 21/201. 20.000. Rio ZC01”.
54		Senhora D. Déa Agrifoglio Telles de Freitas 673, rua Quintino Bocaiúva. Porto Alegre. RGS Envelope branco e bordas com cores do Brasil , medindo 14cm x 8,5 cm, com inscrição via aérea. Com carimbo com data 30.09 e dois selos do Correio do Brasil. No verso, sua assinatura onde diz remetente e no espaço para endereço “Barão de Itambi, 21/20. Rio ZC01”.

APÊNDICE E – Autorização de uso do acervo de cartas por Magda Maria Telles de Freitas Brum.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS



CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL E USO DE DOCUMENTOS

Porto Alegre, 28 de outubro de 2017

Pelo presente documento, Magda M. T. Brum
(nome, estado civil), documento de identidade nº 1112135957,
cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo a
Raquel Santos Schwonke e Helena Santos Schwonke, o uso dos direitos
autorais sobre depoimento oral para pesquisa de Pós-Graduação e autoriza a
utilização das cópias das correspondências de Leopoldo Gotuzzo que estão
em posse de sua família.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os
interesses das acadêmicas e do Programa de Pós-Graduação da
Universidade Federal de Pelotas, assinam o presente documento.

Assinatura do Entrevistado: Magda M. T. Brum
Assinatura da pesquisadora 1: R. Schwonke
Assinatura da pesquisadora 2: Helena Schwonke

Anexos

ANEXO A - Termo de doação

TERMO DE DOAÇÃO

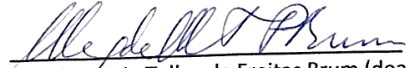
Por meio deste termo, RAQUEL SANTOS SCHWONKE atesta que recebeu a doação das cartas de Leopoldo Gotuzzo, que estavam no acervo particular de Magda Maria Telles de Freitas Brum, conforme abaixo relacionadas:

68 cartas, de Leopoldo Gotuzzo escritas à Déa Agrifoglio Telles de Freitas e a outros familiares.

O período compreendido das cartas é de 1919 a 1976. A doadora é filha de Déa Agrifoglio Telles de Freitas e de Otavio M. Telles de Freitas. Déa Agrifoglio Telles de Freitas é prima de Leopoldo Gotuzzo.

Fica acordado que, após concluído os estudos de Pós-Graduação, as cartas serão doadas ao Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo para juntarem-se a Coleção de Leopoldo Gotuzzo.

Porto Alegre, 8 de novembro de 2017


Magda Maria Telles de Freitas Brum (doadora)


Raquel Santos Schwonke


Testemunha
Rafael Brum Schaaf

ANEXO B – Inventário da coleção Leopoldo Gotuzzo do MALG (2015), onde constam as cartas que o museu possui, com informações resumidas de conteúdo, remete, destinatário e doador.

 CA/UFPEL MALG	
632	Álbum para fotografias contendo 12 folhas, nas cores cinza, marrom e bege. Capa cinza com flores pretas entrelaçadas. Desmontado. Fotografias coladas em quase todas as páginas. Fotos de 1912-1915 Doação de Leopoldo Gotuzzo (Moema Gotuzzo Russomano Kraft), 1983 OBS. Todas as fotografias foram digitalizadas, estou enviando arquivo separado com a cópia completa do álbum em Drive
662	Álbum com recortes de jornal, documentos e fotografias. Composto por 149 páginas (numeração escrita no canto superior direito geralmente). Folhas em Papel preto. Formato retangular horizontal. Original. Recortes da década de 1920 até 1950 Doação de Leopoldo Gotuzzo (Moema Gotuzzo Russomano Kraft), 1983 Obs. Estou enviando cópia completa do álbum em Drive
712	Capa marrom, modelo brochura, com 121 folhas. Contra-capas etiqueta dizendo "Casa Duprat – São Paulo". Traz assinaturas de visitantes da exposição de Gotuzzo em São Paulo em 1922 e outras anotações variadas, incluindo esboços à lápis. Datação variada, começa na exposição de 1922, mas as outras anotações não possuem data. Doação de Leopoldo Gotuzzo (Moema Gotuzzo Russomano Kraft), 1983 Obs. Estou enviando cópia do caderno em Drive.
1458 1	Carta de Leopoldo Gotuzzo para Victor Santin de 28 de dezembro de 1975. Na carta Gotuzzo agradece Victor pelo cartão de Boas Festas, deseja ao amigo Feliz Ano Novo e trata de amenidades, como o filme Tubarão e sobre as altas temperaturas da cidade. 1975 Doação de Victor C. Santin em 20 de setembro de 1989
1459 2	Carta de Leopoldo Gotuzzo para Victor Santin de 21 de fevereiro de 1975. Na carta Gotuzzo fala sobre um artigo que pode interessar a Victor, diz que ainda tem pintado para não perder o hábito e reclama da falta de chuva. 1975 Doação de Victor C. Santin em 20 de setembro de 1989
1460 3	Carta de Gotuzzo para Victor Santin de dezembro de 1967. Na carta Gotuzzo o agradece o cartão de Boas Festas e conta que está se mudando para um apartamento. Parece infeliz em ter que deixar seu Ateliê, sua arvores, seus pássaros, local este que ele chama de "paraíso". 1967 Doação de Victor C. Santin em 20 de setembro de 1989
1461 4	Carta de Gotuzzo para Victor, nela ele agradece o cartão de Boas festas, e deseja felicidades. 1965 Doação de Victor C. Santin em 20 de setembro de 1989
1462 5	Carta de Leopoldo Gotuzzo para Victor Santin de dezembro de 1965. Na carta Gotuzzo agradece

	Victor pelo cartão de Boas Festas, deseja ao amigo Feliz Ano Novo, e conta sobre uma exposição onde compraram mais da metade de seus quadros e que por isso não pode expor na cidade de Victor. 1965 Doação de Victor C. Santin em 20 de setembro de 1989
1463 6	Carta de Leopoldo Gotuzzo para Victor Santin de janeiro de 1964. Na carta ele agradece o cartão de Boas Festas, deseja um bom ano e fala sobre a esperança de retornar a Pelotas. 1964 Doação de Victor C. Santin em 20 de setembro de 1989
1464 7	Carta de Gotuzzo para Mariana de Moraes Reis, com a relação de obras doadas para a Escola de Belas Artes. Carta de 2 de abril de 1955 1955 Procedência não identificada
1465 8	Carta de Gotuzzo com a relação das obras. Escrita em 4 páginas tipo papel almaço, lista prêmios também. É uma das cartas autobiográficas. Sem data Procedência não identificada
1466 9	Carta de Gotuzzo para Saraiva de 27 de dezembro de 1958. Na carta Gotuzzo agradece a Saraiva pelo cartão de boas Festas. Fala que sente saudade de sua terra natal e diz que vai cuidar da encomenda de Saraiva. 1958 Doado pela filha do Saraiva.
1467 10	Carta de Gotuzzo para Saraiva de 1 de setembro de 1958. Na carta Gotuzzo se desculpa por não ter dado andamento na encomenda de Saraiva por falta de inspiração. 1958 Doação da filha de Saraiva.
1468 11	Carta de Gotuzzo para Saraiva agradecendo o interesse do mesmo pelas suas obras. Fica feliz, comentando que apesar de não estar acostumado para o que foi pedido. Posteriormente pergunta se Saraiva teve a oportunidade de ver algumas obras. Esboço na parte interna. 1958 Doação da filha de Saraiva.
1469 12	Carta de Gotuzzo para Saraiva. Resposta agradecendo ele ter visto seu quadro e com sua compreensão. Agradecimentos e gentilezas por Saraiva apreciar e adquirir seus quadros. Comentário acerca das orquestras filarmônicas de Viena e Nova Iorque, e "ameaças com a ambição e poder que escurece o nosso horizonte". Esboço na primeira página com cabeça de mulher em rosa. Envelope possui no canto esquerdo tem um pássaro e a descrição AEREA. 1958 Doação da filha de Saraiva
1470 13	Carta de Gotuzzo para Oscar. De 21 de fevereiro de 1952. Na carta Gotuzzo fala sobre suas terras na Villa Gotuzzo, e sobre uma exposição no Theatro Municipal, além de referências ao carnaval. 1952 Oscar da Cunha Echenique 1987
1471 14	Carta de Antônio Costa Rodrigues para Gotuzzo. De 26 de abril de 1983. Na carta Antônio conta

Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo
General Osório, 725
Pelotas - RS - Brasil - Cep: 96020-000
Fone 55 53 3225 9144 - secretariamalg@gmail.com



UFPEL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELotas

	que o Museu de Artes Carlos Ayres que Gotuzzo ajudou a fundar já tem sede própria, que já tem um apreciável acervo. 1983
1480 15	Carta de Gotuzzo para Victor, de dezembro de 1954? O Texto aborda amenidades 1954? Doação de Victor Santin
1481 16	Carta de Leopoldo Gotuzzo para Saraiva desejando feliz páscoa. 1959
1482 17	Manuscrita, carta de Gotuzzo para Saraiva, avisando o envio de livro "Século de Pintura" pelo correio, que o mesmo tanto procurava, apesar de não estar tão bem conservado, diz que o que importa é o conteúdo e indica local no qual ele pode achar. Acompanha desenho, aparentemente de homem de costas sobre o nome Saraiva. 1958 Doação Filha de Cardoso Saraiva
1483 18	Manuscrita, com esboço de mulher no canto superior. Carta de Gotuzzo para Saraiva, agradecendo votos de boas festas. Relata que esteve em Pelotas para a festa dos 150 anos de sua fundação e levou 50 quadros, não sobrando para expor em Porto Alegre. Na ocasião ele diz não ter tido tempo de procurar os amigos. Retribui os votos de Feliz Natal e ano novo. 1963 Doação Filha de Cardoso Saraiva
1484 19	Carta de Gotuzzo para Saraiva, manuscrita, dobrada ao meio escrita sobre um lado de fora da folha. No canto superior esquerdo, uma marca registrada de Gotuzzo "LG". Carta na qual pede desculpas por não ter respondido a última. Ficou de enviar dados sobre sua carreira. Comenta sobre quadro exposto no Salão daquele ano. Agradece aos colegas por tudo e comenta sobre o calor da cidade. 1952 Doação Filha de Cardoso Saraiva
1485 20	Currículo de Leopoldo Gotuzzo, manuscrito, folha na horizontal dividida em duas colunas. Mais um autobiográfico 1958 Doação Jorge Bailly, 1986
1615	Lista de presença do funeral de Leopoldo Gotuzzo, em 12/04/1983, na capela real grandeza, sala nº6.
1616	Título de propriedade: Documento composto por três folhas. Xerox do original. Formato retangular vertical. Título de propriedade de sarcófago 723, quadro 43 do cemitério de São João Batista, pertencente ao irmão de Leopoldo Gotuzzo – Umberto Netto Gotuzzo. Doação Jorge Bailly, 1986
1617	Telegrama Instituto de Letras e Artes agradece a Jorge Bailly a doação de quadro de Leopoldo Gotuzzo. Doação Jorge Bailly, 1986
1618	Telegrama comunicando a Escola de Belas Artes para retirar do apartamento de Leopoldo Gotuzzo os quadros doados à instituição. Datilografado, com impressão em azul nas bordas. Doação Jorge Bailly, 1986
1619	Certificação via cartório de Jorge Bailly como inventariante dos bens de Leopoldo Gotuzzo.



CA/UFPEL

MALG

	Doação Jorge Bailly, 1986
1625	Procuração emitida por Leopoldo Gotuzzo em nome de Jorge Bailly e Maria Isabel de Souza Reis Bailly. Documento oficial em Xerox datilografado. Duas páginas frente e verso. Marcas de grampos enferrujados nas extremidades. Comentários feitos à caneta.
1633	Carta de Tomaz Soares Vieira para Leopoldo Gotuzzo com agradecimentos e elogios. 1981
1725	Cartão de natal de Maria Helena e filhos para Leopoldo Gotuzzo. para conferencia sobre "Musica nas cidades históricas". Papel dobrado ao meio, com imagem na capa e inscrição no interior. Imagem de Homem e Mulher carregando criança em um ambiente de deserto. O homem leva animal em pé com madeira apoiando uma trouxa. Manuscrito em caneta azul "Ao querido amigo Leopoldo nossos votos. Abraços carinhosos daqueles que nunca deixaram de lembra-lo. Maria Helena e filhos". Mensagem impressa também

ANEXO C – Documento autobiográfico de Leopoldo Gotuzzo, sem data. Fonte: Acervo do MALG.

Leopoldo Gotuzzo nasceu em Pelotas (RGS) em 1887. Seu pai, auso de Portofino e mãe brasileira de Pelotas. Tem noções de desenho e pintura dadas pelo então avô italiano Frederico Trebbi.

Em 1909 seu pai mandaram-o p.^a Roma onde permaneceu 5 anos, 3½ dos quais sob a orientação do pintor francês Joseph Noël.

Em 1914 seguiu p.^a Madrid. Saiu com seus primeiros estudos para Salão Nacional de B. Artes. Esteve em Paris de 1916 a 18. Depois se dedica mais a paisagem no gênero orientais atendeu q. contura e de Barcelona partiu e regresso ao Brasil, voltando q. Pelotas no fim daquele ano.

Em 1919 fez sua primeira exposição em Pelotas seguiu-se no mesmo ano em 'de P. Alegre e Rio.

Tem os seguintes prêmios:

Menção honrosa de 1. ^o grau	(1915)
Medalha de bronze	1916
Prêmio de prata	1917
Prêmio de prata	1919
Medalha de ouro	1923

de prata, q. e ouro no Salão Paulista 1938, 39 e 45.

Em 1919 permaneceu em Paris onde pintou muitas paisagens e retratos.

Em 1927 voltou à Europa.

Esteve dois anos em Portugal. Tendo feito duas exposições em Porto (1928 e 29) e uma em Lisboa (1929).

Seguiu p.^a Paris onde expôs na Galeria Moussé Line.

Em 1930 regressou ao Brasil e fez uma q.^a de exposições com figuras e aspectos portuñeres e franceses.

É membro da Academia de Belas Artes.

Em 1930 voltou à Itália e passou durante quatro meses.

É patrono da Escola de Belas Artes de Pelotas a qual já doou um certo quadro que contém trechos do "Museu Gotuzzo" e que mais tarde receberá o que sobra de sua produção artística.

O quadro Bahianque está

Além dos prêmios já citados e detentor dos seguintes:

1.^o Prêmio de paisagem no Salão Carniceiro da Feira de Inverno de 1936.

Med. de prata no 7.^o Salão de B. Artes de Petrópolis 1943.

Prêmio Antonio Parramas "ao 3.^o Salão Fluminense (1943)

Medalha de Honra no Salão de Arte do Estado do Rio de Janeiro em 1934.

Prêmio Prefeito do Distrito Federal, no Salão Municipal em 1952.

Grande Prêmio Rio Grande do Sul no 7.^o Salão de B. Artes de P. Alegre.

Prêmio Assembleia Legislativa no Salão Paulista 1954.

Medalha de ouro no "Salão de Maio" do Soc.^a Brasi. de B. Artes (1967).